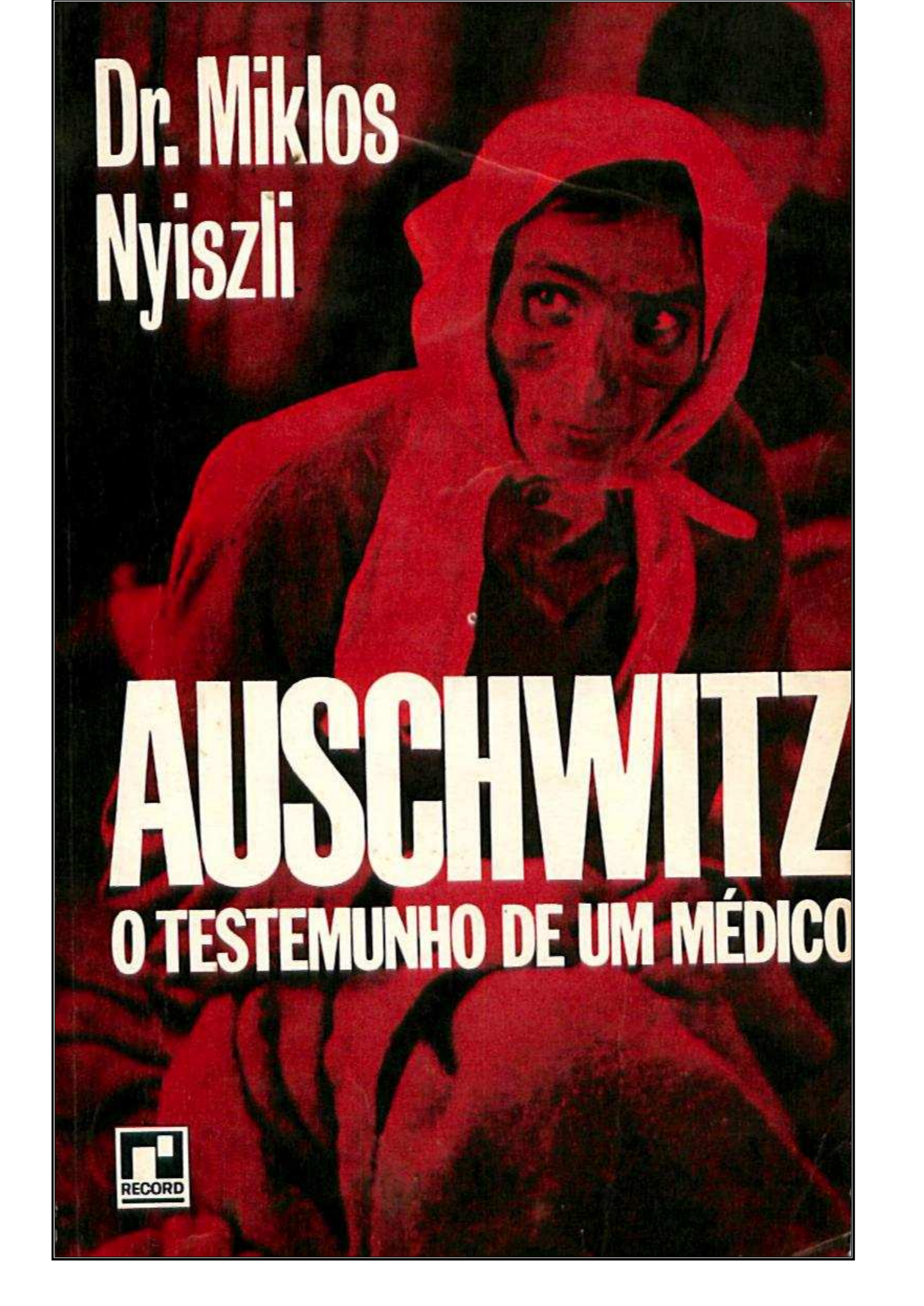




**Dr. Miklos
Nyiszli**

AUSCHWITZ

O TESTEMUNHO DE UM MÉDICO



Dr. MIKLOS NYISZLI

AUSCHWITZ

O testemunho de um médico

Tradução de: ROBERTO GOLDKORN



DISTRIBUIDORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Título original norte-americano:

AUSCHWITZ: A DOCTORS EYEWITNESS ACCOUNT

Copyright © 1960, 1974 by Richard W. Seaver.

Publicado mediante acordo com Frederick Fell, Inc.

**Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa
adquiridos pela**

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.

Av. Erasmo Braga, 255 — 8º. andar — Rio de Janeiro, GB

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



AUSCHWITZ

O testemunho de um médico

PREFÁCIO

Foi COM ALGUMA hesitação que aceitei o convite para prefaciar este livro. *Auschwitz* é, fora de dúvida, um livro honesto e importante. Ele fala de acontecimentos que, apesar de chocantes, precisam ser contados e recontados até que seu significado seja compreendido em nosso tempo. Não é um livro de penetração direta no significado dos campos de extermínio, mas no destino do autor reside muito de sua significação. Além de tudo, apesar da alegação do autor, é o livro de um médico. Outros médicos já escreveram outros livros sobre suas experiências nos campos de concentração: por exemplo, o psiquiatra Dr. Victor E. Frankl, que também escreveu sobre Auschwitz. Mas Frankl não ajudou os SS em suas experiências com seres humanos; ele não aviltou sua profissão, unindo-se aos outros tão justamente chamados de doutores da infâmia. Ao invés de ajudar os médicos SS a matar gente, sofreu como ser humano. Falando de suas experiências, ele cita Hebbel: "Existem coisas que devem causar a perda da razão, ou então não se tem nenhuma para perder". Um dos colegas de profissão do Dr. Nyiszli perdeu a razão, e a descrição de como isso aconteceu não é apenas uma das melhores partes do livro, é, principalmente, a mais reanimadora. Houve, e ainda há, gente que perde o juízo quando há razão suficiente para isso.

Outros não enlouqueceram porque, como o Dr. Frankl e milhares de prisioneiros de outros campos de concentração, nunca aceitaram sua sorte, mas lutaram contra ela. Muito justamente o Dr. Nyiszli dedica bastante do seu espaço aos homens do décimo-segundo *Sonderkommando*, prisioneiros encarregados das câmaras de gás. Únicos de todos os *kommandos*, esses homens redescobriram a liberdade nos últimos dias de suas existências, e justo no último dia ganharam essa liberdade; portanto, eles morreram como homens, não como cadáveres ambulantes. Bastaria o relato desse *Sonderkommando* para tornar esse livro um importante documento. Mas a sorte desse

kommando levanta ainda mais agudamente a questão: por que apenas um dos quatorze *kommandos* se rebelou? Por que todos os restantes marcharam submissos para a morte? Por que milhões de prisioneiros fizeram o mesmo? Seguramente a história desses 800 homens é uma saga heróica dos campos de extermínio; é uma história que restaura nossa confiança no ser humano. Eles fizeram o que se espera que todo ser humano faça: usar a sua morte, se não puder salvar a vida, para enfraquecer ou atrapalhar o inimigo, o máximo possível; usar seus corpos condenados para tornar o extermínio mais difícil ou talvez impossível, mas não um processo suave e contínuo. A história deles, assim, permanece numa dimensão humana. Se puderam fazê-lo, também os outros o poderiam. E por que não o fizeram? Por que atiraram fora suas vidas ao invés de tornar as coisas mais difíceis para o inimigo? Por que presentearam os SS com suas vidas ao invés de fazê-lo a suas famílias, a seus amigos ou mesmo a seus companheiros de cativeiro? Essa é a questão crucial.

Em seus indícios para uma resposta está a importância desse livro. É uma história inacreditável, mas que todos nós sabemos ser verdadeira. Desejamos esquecê-la. Ela simplesmente não se encaixa no nosso sistema de idéias e de valores. E pior do que reformá-la, nós queremos negar a história dos campos de extermínio nazistas. Se pudéssemos, preferiríamos pensar que ela jamais aconteceu.

A história da Humanidade e, em particular, a do mundo Ocidental, está repleta de perseguições por motivos religiosos ou políticos. Milhares de pessoas foram exterminadas em outros séculos também. A própria Alemanha foi despovoada pela Guerra dos Trinta Anos, durante a qual morreram milhões de civis. E se duas bombas atômicas não tivessem sido suficientes, teríamos talvez outros tantos milhões exterminados no Japão. A guerra é horrível, e a crueldade do homem para com o próprio homem o é ainda mais. Assim, a importância dos relatos sobre o que se passou nos campos de concentração reside, não nas histórias, que já nos são bem familiares, mas em algo muito mais incomum e horrorizante. Está numa nova

dimensão do homem, num aspecto que todos nós desejamos esquecer, mas esquecer por nossa própria conta. Estranho como pode parecer, o extraordinário nos campos de extermínio não é o fato dos alemães terem matado milhões de pessoas, pois *até* isso nos é possível aceitar pela imagem que temos do homem, embora por séculos nada semelhante tenha sido feito nessa proporção e nunca talvez com tamanha perversidade. O que é novo, singular e terrificante, é que milhões de pessoas tenham marchado como carneirinhos para a morte. É isso que é inacreditável, é isso que nós temos de chegar a compreender.

Bastante estranho também é o fato de ter sido um austríaco quem construiu o instrumento para esse entendimento, e outro austríaco cujos atos forçaram uma inelutável necessidade para compreendermos. Anos antes de Hitler enviar milhões de seres humanos para a câmara de gás, Freud afirmava que a vida humana é uma longa batalha contra o que ele chamava de instinto de morte, e que nós precisávamos aprender a manter essa tendência destrutiva sob controle, caso contrário ela nos levaria à destruição. O século XX acabou com as antigas barreiras que até então impediam nossas tendências destrutivas de correr à solta, não só na sociedade como também em nós mesmos. Estado, família, igreja, sociedade, todos foram questionados e julgados carentes. Assim, seu poder para restringir ou canalizar nossas tendências destrutivas foi enfraquecido. A reavaliação de todos os valores que Nietzsche (profeta de Hitler, apesar do "führer", como outros, não compreendê-lo nem um pouco) prognosticava que seria exigida do homem ocidental, caso ele quisesse sobreviver à era da máquina, esta reavaliação ainda não havia sido conseguida. Os velhos meios de controle do instinto de morte haviam perdido muito de sua força, e a nova e mais alta moralidade que deveria substituí-los ainda não havia surgido. Nesse interregno entre a velha e a nova organização social — entre a obsoleta organização interna do homem e a nova estrutura ainda não alcançada — pouca coisa havia sido deixada para controlar os instintos destruidores do homem. Nesse tempo, somente sua habilidade pessoal para controlar seu próprio instinto destruidor

pode protegê-lo quando as forças destrutivas de outros, como no caso de Hitler, correm à solta.

Esse não ser o dono de seu próprio instinto de morte pode assumir várias formas. A forma que tomou naqueles campos de extermínio, a de prisioneiros encaminhando-se passivamente para as câmaras de gás, começou com a adesão deles à idéia de que os negócios devem continuar como de costume. Aqueles que tentaram servir seus carrascos, continuando a fazer o que era antes sua ocupação civil, (nesse caso a medicina), estavam apenas continuando, senão negócios, pelo menos a vida como de costume. Assim abriram as portas para a morte.

Muito diferente era a reação daqueles que interromperam os negócios costumeiros e não se juntaram aos SS nas experimentações e extermínios. Alguns desses, que sobreviveram para contar suas experiências, faziam desesperadamente uma pergunta: Como era possível que as pessoas negassem a existência da câmara de gás quando diariamente viam os fornos queimando e sentiam o cheiro da carne queimada? Como é que preferiam não acreditar no extermínio somente para evitar ter que lutar por suas próprias vidas? Por exemplo, Lengyel (em *Five Chimneys*, a história de Auschwitz, Chicago: Ziff Davis, 1947) relata que, embora ela e seus companheiros vivessem apenas a poucas dezenas de metros do crematório e das câmaras de gás, e soubessem do que se tratava, ainda assim, durante meses, muitos prisioneiros negaram ter conhecimento deles. Os civis alemães negavam as câmaras de gás também, porém a negativa por parte deles não tinha o mesmo significado. Civis que enfrentaram os fatos e se rebelaram estavam atraindo a morte. Os prisioneiros de Auschwitz já estavam condenados. A rebelião poderia somente ter salvo ou a vida que eles iriam perder de qualquer maneira ou a de outros. Quando Lengyel e muitos outros prisioneiros foram selecionados para serem enviados para a câmara de gás, eles não tentaram escapar como ela o fez e foi bem sucedida. Pior ainda, quando ela tentou escapar pela primeira vez, alguns dos prisioneiros selecionados com ela

para a câmara de gás chamaram os supervisores e contaram-lhes que Lengyel pretendia fugir. Lengyel não dá maior explicação para o fato, exceto que não viam com bons olhos qualquer um que quisesse safar-se do destino comum. Porque eles não tinham coragem suficiente para se arriscar. Eu creio que agiam desta forma porque haviam aberto mão do desejo de viver e, assim, permitido que seus instintos de morte dominassem a situação. O resultado disso é que eles agora se identificavam mais com os SS que se devotavam a executar suas tendências destrutivas, do que com os prisioneiros que ainda se mantinham agarrados à vida e tentavam escapar da morte.

Mas, desistir da própria vida e não mais desafiar o instinto de morte, que em termos mais científicos é chamado o princípio da inércia, foi somente o último passo. O primeiro foi dado muito tempo antes de entrarem nos campos da morte. Foi a inércia que levou milhões de judeus aos guetos que a SS criou para eles. Foi a inércia que fez milhares de judeus ficarem sentados em casa, esperando por seus carrascos quando estavam sob prisão domiciliar. Aqueles que não se deixaram levar pela inércia fizeram da imposição dessas restrições um aviso de que era chegada a hora de descer aos subterrâneos, juntar-se aos movimentos de resistência, conseguir papéis forjados, etc, se ainda não o tivessem feito há mais tempo. A maioria sobreviveu. Por outro lado, a inércia entre os não judeus não era a mesma coisa. Não era a morte certa que os encarava de frente, mas a opressão. A submissão e a negação dos crimes da Gestapo eram, no caso deles, uma tentativa desesperada de sobreviver. A margem deixada para a vida humana era mínima, mas ainda existia. Então o mesmo padrão de comportamento que em um caso o ajudava a sobreviver, no outro não adiantava. Era um comportamento realista para os alemães, enquanto que os judeus e prisioneiros do campo, cuja maioria esmagadora era judia, estavam se enganando a si próprios. Quando os prisioneiros começaram a servir seus executores, a ajudá-los a apressar a morte de seus companheiros, então as coisas passaram além da simples inércia. Nesse momento, o instinto de morte, correndo livre, havia se aliado à inércia.

Lengyel também menciona o Dr. Mengele, um dos protagonistas de Auschwitz, como um típico exemplo da atitude de que apesar de tudo — os negócios devem continuar como de costume —, pois possibilitava alguns prisioneiros e certamente os SS a manter o mínimo equilíbrio interno que fosse, apesar do que estavam fazendo. Ela descreve como o Dr. Mengele tomava todas as precauções médicas corretas durante um parto; por exemplo, a observância rigorosa de todos os princípios higiênicos, o corte do cordão umbilical com o maior cuidado, etc. Mas somente meia hora depois, ele enviava mãe e filho para serem queimados no crematório.

A mesma atitude — os-negócios-devem-continuar-como-de-custo-me —. que possibilitou ao Dr. Nyiszli funcionar como médico no campo e que o levou a voluntariamente auxiliar os SS, possibilitou a milhões de judeus viverem nos guetos onde não só trabalhavam para os nazistas, como também selecionavam patrícios seus para irem para as câmaras de gás. Foi a mesma inércia, senão também a atitude de que apesar de tudo os-negócios-devem-continuar-como-de-custo-me", que adiou o levante do gueto de Varsóvia até que quase ninguém ou nenhuma força sobrasse para a luta, e certamente já eram muito poucos para abrir a brecha que poderia ter salvo milhares de vidas. Tudo isso seria história passada não fosse pelo fato de que a mesmíssima atitude de — negócio-como-de-custo-me — está por trás da nossa tentativa de esquecer duas coisas: que homens do século XX, como nós, enviaram milhões de pessoas para as câmaras de gás, e que milhões de pessoas como nós caminharam sem resistência para a morte. Em Buchenwald, tive oportunidade de conversar com centenas de prisioneiros judeus-alemães, que foram para ali levados no outono de 1938. Perguntei-lhes por que não haviam deixado a Alemanha diante das condições degradantes e discriminatórias a que haviam sido submetidos. Sua resposta foi: como poderíamos partir? Isso significaria abandonar nossas casas, nossos locais de trabalho. Suas propriedades terrenas tinham-se apropriado tanto deles que não podiam sair; ao invés de usá-las eles estavam sendo usados por elas.

Aliás, as leis discriminatórias contra os judeus tinham o objetivo de forçá-los a abandonar a Alemanha, deixando lá a maior parte de seus bens. Por muito tempo, a intenção dos nazistas era forçar as minorias indesejáveis, tais como a dos judeus, a emigrar. Somente quando isso não funcionou é que foi instituída a política de extermínio, seguindo também a lógica da ideologia racial nazista. Mas nós nos perguntamos se a idéia de que milhões de judeus e, mais tarde, os naturais de países ocupados se submeteriam passivamente ao extermínio não viria da constatação de que estavam aceitando a degradação sem se revoltar? A perseguição aos judeus foi-se acentuando gradativamente, quando nenhuma resistência violenta era oposta. Deve ter sido a aceitação judaica, sem luta retaliatória, de uma discriminação e degradação cada vez maiores que deu à SS a idéia de que eles poderiam ser levados até o ponto de marchar, por sua própria conta, para a câmara de gás. Muitos judeus da Polônia, que não acreditavam no "negócio-como-de-costume", sobreviveram à Segunda Guerra Mundial. À medida que os alemães se aproximavam, eles abandonaram tudo e fugiram para a Rússia. Muitos não confiavam no sistema soviético, mas se lá eram cidadãos de segunda categoria, pelo menos eram vistos como seres humanos. Aqueles que ficaram e continuaram com seus negócios habituais atiraram-se nas garras da degradação e morreram. Então, no fundo, o caminhar para a câmara de gás é somente a última consequência da filosofia do — "negócio-como-de-costume". É verdade que o mesmo comportamento suicida tem outro significado. Significa que o homem pode ser levado até um certo ponto e não mais; que além desse ponto de prefere a morte a uma existência desumana. Mas o passo inicial para essa terrível opção foi precedido pela inércia.

Talvez uma observação no sucesso universal do livro *Diário de Atine Frank* possa enfatizar o quanto todos nós desejamos subscrever a filosofia do — "negócio-como-de-costume"

— e esquecer que ela apressa nossa destruição. É uma tarefa ingrata ter que criticar um relato tão humano, tão comovente que suscita compaixão pela doce Anne Frank. Mas creio que o aplauso

mundial à sua história só pode ser explicado se nós reconhecermos nosso desejo de esquecer as câmaras de gás e glorificar a atitude de continuar com "os negócios de costume - mesmo em meio ao holocausto. Enquanto os Franks se preparavam passivamente para a deportação, milhares de judeus, na Holanda e em outros lugares da Europa, estavam tentando escapar para o mundo livre, para melhor poder combater seus verdugos. Outros que não podiam fazê-lo foram para a clandestinidade — não simplesmente para esconder-se dos SS, esperando passivamente, sem querer lutar, o dia em que sejam capturados — mas para lutar contra os alemães, e pela Humanidade. Tudo que os Franks queriam era que a vida continuasse o máximo possível do jeito costumeiro. A pequena Anne também queria continuar vivendo como de costume e ninguém pode culpá-la. Mas o que lhe aconteceu certamente não era seu destino necessário, muito menos heróico. Era um destino sem sentido. Os Franks poderiam ter encarado os fatos e ter sobrevivido, como muitos outros judeus na Holanda. Anne poderia ter tido uma boa chance de sobreviver, como tiveram muitas outras crianças judias na Holanda. Mas para isso, ela precisaria ter se separado de seus pais e ido morar com uma família holandesa como se fosse filha deles. Todos que reconheciam o óbvio, sabiam que a maneira mais difícil de ir para a clandestinidade era fazê-lo em família; pois esconder-se em família aumentava as possibilidades de localização por parte dos SS. Os Franks, que tinham excelentes amizades com famílias holandesas não-judias, poderiam ter levado uma boa vida, escondendo-se individualmente, cada um em uma família diferente. Mas ao invés de planejarem algo desse tipo, seus planos giravam todos em torno de continuar o máximo possível com o tipo de vida familiar a que estavam acostumados. Qualquer outro caminho não significaria simplesmente abrir mão da estimada família, mas também aceitar a realidade de crueldade do homem para com o próprio homem. Mais do que tudo, isso os teria forçado a aceitar que a atitude de — "os-negócios-devem-continuar-como-de-costume» - não era um valor absoluto mas podia às vezes, ser a mais destrutiva de todas as atitudes!

Não há muita dúvida de que os Franks, que tinham condições de se proverem de tanta coisa, poderiam ter conseguido um ou dois revólveres se o desejassem. Poderiam ter liquidado um ou dois dos SS que vieram à sua procura. Não havia um número ilimitado de SS. A morte de cada SS para um judeu preso teria danificado fatalmente a máquina policial. A sorte dos Franks não teria sido muito diferente, porque de qualquer forma todos eles morreram, com exceção do pai de Anne, apesar de não ter pretendido comprar a sobrevivência com o extermínio de sua família. Elas poderiam ter vendido caro suas vidas ao invés de caminhar sem resistência para a morte.

Há uma boa razão para o tão aclamado livro terminar com Anne manifestando a sua crença no que existe de bom em todo homem. O que é negado é a importância de se aceitar a realidade das câmaras de gás para que elas nunca mais venham a existir. Se todos os homens são basicamente bons, se continuar com a vida íntima em família, como se nada tivesse acontecido, é o que deve ser mais admirado, então, sem dúvida devemos continuar levando a vida como sempre e esquecer Auschwitz. Exceto que Anne Frank morreu porque seus pais não quiseram acreditar em Auschwitz. E a história da pequena Anne encontrou grande receptividade porque ela nega implicitamente que Auschwitz tenha existido. Se todos os homens são bons, não pode haver Auschwitz.

Encontrei muitos judeus e não-judeus antinazistas que sobreviveram na Alemanha e nos países ocupados. Mas eram pessoas que perceberam que, quando o mundo se está desintegrando, quando a desumanidade reina soberana, não se pode continuar vivendo como se nada tivesse acontecido. Deve-se então, fazer uma reavaliação radical de tudo que se fez. Resumindo, deve-se firmar pé na nova realidade, pisar de verdade e não se retirar para uma realidade idealizada.

Se hoje em dia os negros lutam na África contra as armas da Polícia que defende o *apartheid* — mesmo que centenas tombem feridos e alguns milhares vão parar em campos de concentração — a sua revolta, a sua luta irão cedo ou tarde assegurar-lhes a chance de

liberdade e de igualdade. Os judeus da Europa poderiam também ter lutado como homens livres contra os SS, ao invés de rastejar e esperar serem arrebanhados e levados para as câmaras de gás. Sua passividade ao esperar que a Polícia do Reich batesse à sua porta, sem antes empunhar uma arma para acertar pelo menos um SS antes de serem mortos, foi o primeiro passo na caminhada voluntária para os crematórios do III Reich.

Enquanto todos os outros relatos de campos de concentração que chegaram às minhas mãos foram feitos por pessoas que nunca conscientemente ajudaram os SS, o livro do Dr. Nyiszli foi o único relatório escrito por um prisioneiro de campo de concentração que voluntariamente se tornou um instrumento dos SS para permanecer vivo. Ao fazer a sua opção, o que o Dr. Nyiszli fez, porém, na verdade, foi iludir-se constantemente para conseguir viver consigo mesmo e com sua experiência. E aqui reside a verdadeira importância desse documento, pelo amparo que a compreensão dele pode oferecer. Porque mesmo no cenário opressivo de Auschwitz, certas defesas ainda serviam à vida e não ao instinto de morte. Mais importante que tudo era a compreensão do que se estava passando dentro de si mesmo e por quê. Com suficiente compreensão, o indivíduo não se enganaria tentando acreditar que salvar sua própria pele era salvar-se como pessoa. Ele seria capaz de reconhecer que muito do que aparentemente parecia protetor era autodestrutivo.

Exemplo disso é o caso dos prisioneiros que se ofereciam para trabalhar nas câmaras de gás, pensando que isso lhes poderia salvar a vida. Todos eles foram mortos depois de algum tempo. Mas a maioria morria mais cedo e após semanas de uma vida mais terrível do que se eles não se tivessem oferecido para colaborar.

Que o Dr. Nyiszli procurava se iludir, pode ser visto, por exemplo, nas suas referências constantes a seu trabalho como médico, embora trabalhasse como assistente de um criminoso ignóbil. Ele fala do Instituto de Investigação de Raças, Biologia e Antropologia como "um dos mais qualificados centros médicos do III Reich", embora o objetivo

do instituto fosse provar mentiras deslavadas. Que o autor era médico não muda absolutamente o fato de que, assim como todos os prisioneiros que serviam aos SS com mais devoção inclusive que alguns SS, foi um participante, um acessório para os crimes nazistas. Como, então, poderia ele fazer isso e sobreviver? Vangloriando-se de sua capacidade profissional, sem ligar às finalidades para as quais era usada. Aqui e ali o orgulho em sua capacidade profissional é entremeado com o próprio relato do seu sofrimento e dos outros prisioneiros. O ponto importante é que o Dr. Nyiszli, o Dr. Mengele e centenas de outros médicos muito mais ilustres, homens treinados muito antes do advento de Hitler, participaram dessas experiências com seres humanos e das pesquisas pseudocientíficas que se seguiram. É esse orgulho na capacidade e nos conhecimentos profissionais, independente das implicações morais, que é tão perigoso. Essa face da sociedade moderna, orientada para a competência tecnológica, ainda está viva em nós, apesar de que os fornos crematórios, os campos de concentração e o extermínio de milhões por motivos raciais não mais existam. Auschwitz se foi, mas enquanto esta atitude permanecer não estaremos a salvo da indiferença criminosa à vida na sua essência.

Recomendo a leitura cuidadosa da descrição de como a primeira tarefa de cada novo *Sonderkommando* era cremar os cadáveres do *kommando* anterior, exterminados poucas horas antes. Recomendo para especulação do leitor a questão: por que, após o décimo-segundo *Sonderkommando* ter-se revoltado, o décimo-terceiro caminhou passivamente para a morte sem nenhuma resistência?

Nesta única revolta do décimo-segundo *Sonderkommando*, setenta SS foram eliminados, incluindo um oficial graduado e dezessete oficiais não graduados; um dos fornos foi totalmente destruído e o outro seriamente avariado. Todos os oitocentos e cinquenta e três prisioneiros do *kommando* morreram, mas isso prova que a posição do *Sonderkommando* deu aos prisioneiros uma chance em dez de destruir os SS, uma percentagem maior do que a que existia nos campos de concentração comuns. O *Sonderkommando* que se revoltou e impôs

aquelas severas baixas ao inimigo não morreu de maneira muito diferente de todos os outros *Sonderkommandos*. Por que, então, — e essa é a pergunta que obceca todos que estudam os campos de extermínio — por que, então, milhões de pessoas caminharam calmamente, sem nenhuma resistência, para a morte, quando bem diante delas havia o exemplo desse *kommando* que conseguiu destruir e danificar suas próprias câmaras da morte e matar dez por cento de seu próprio número em SS? Por que tão poucos dos milhões de prisioneiros morreram como homens, como o fizeram os homens desse único *kommando*?

Talvez que comparando os relatos dos dois médicos que sobreviveram em Auschwitz possamos esboçar uma resposta.

O Dr. Frankl, que durante a prisão procurou continuamente o significado pessoal de sua experiência como prisioneiro de um campo de concentração, dessa forma encontrou significação profunda de sua vida e da vida em geral. Outros prisioneiros que, como o Dr. Nyiszli, estavam somente preocupados com a simples sobrevivência — mesmo que isso significasse auxiliar os médicos SS em seus nefandos experimentos com seres humanos — não tiraram conclusões mais profundas de sua horrível experiência. E assim, eles sobreviveram em corpo, assaltados pelo remorso e pelas recordações dantescas.

Esse livro, pois, é antes de tudo uma fábula de advertência tão velha quanto a Humanidade. Aqueles que procuram proteger o corpo a todo custo, morrem muito mais vezes. Aqueles que arriscam o corpo para sobreviver como homem têm uma boa chance de viver.

— BRUNO BETTELHEIM

Universidade de Chicago

Maior de 1960

NOTA SOBRE AS ILUSTRAÇÕES

A-S ILUSTRAÇÕES DESTE VOLUME, com três exceções (as de número 1, 2 e 14), foram cedidas pelo *Comitê Internacional de Auschwitz*, uma organização destinada a ajudar os sobreviventes do Campo de Concentração de Auschwitz.

Têm particular interesse as fotografias de 5 a 12. O Comitê tem em seus arquivos cerca de 200 fotos, que foram descobertas no Museu Judaico, em Praga. Em sua grande maioria, as fotografias foram tiradas na primavera ou no verão de 1944, durante a chegada de um comboio de judeus húngaros; em outras palavras, precisamente o período descrito pelo Dr. Nyiszli em seu livro.

Até mesmo as fotos de Auschwitz na época da libertação são extremamente raras (uma pesquisa realizada nos arquivos da maior agência de fotografias revelou-se infrutífera — nenhuma foto de Auschwitz) e naturalmente as que datam do período da guerra são ainda mais raras, uma vez que era terminantemente proibido a qualquer um tirar fotos da rampa de chegada em Birkenau. No caso das fotografias de posse do *Comitê Internacional de Auschwitz*, no entanto, parece que um membro da SS recebeu instruções especiais de um dos "Institutos de Pesquisa da Raça" para fotografar a chegada dos comboios na rampa.

Após a libertação da Tchecoslováquia, uma judia hospedou-se numa cidade da área dos sudetos, numa casa anteriormente habitada por um membro da SS — provavelmente a mesma pessoa que tirou as fotos. Quando examinava as coisas abandonadas pelo ex-oficial nazista descobriu uma série de mais de 200 fotografias, algumas até emolduradas e com legendas. Vendeu-as ao Museu Judaico de Praga, onde seu extraordinário valor documental permaneceu desconhecido até que um antigo prisioneiro de Auschwitz apareceu e identificou-as sem qualquer dúvida.

INTRODUÇÃO

EM MEADOS DE MARÇO DE 1944, os alemães invadiram a Hungria. Todos os judeus foram imediatamente colocados sob prisão domiciliar; a deportação começou logo depois. Em abril, junto com todos os outros judeus de sua cidade, o Dr. Miklos Nyiszli foi despachado para Auschwitz.

Assim que chegou, foi separado de sua mulher e filha, e escolhido pelo carrasco-chefe dos crematórios de Auschwitz, o *Obersturmführer* Dr. Mengele, para ficar encarregado de todo o trabalho patológico levado a efeito no campo. Como tal, o Dr. Nyiszli tornou-se membro do *Soriderkommando*, um grupo de prisioneiros especialmente qualificado e privilegiado, que trabalhava exclusivamente dentro dos crematórios. Esse *Soriderkommando*, também conhecido como o "*hommando* dos mortos-vivos", era constituído de 860 prisioneiros do sexo masculino, escolhidos por sua capacidade profissional, sua força ou boa constituição física. Enquanto viviam, tinham uma vida relativamente boa, porém viviam somente durante quatro meses a partir do dia em que entravam no crematório; no fim desse período, eram liquidados e substituídos por novo grupo de prisioneiros.

Dessa forma, os nazistas esperavam manter longe dos olhos do mundo qualquer indício das ações perpetradas naquelas "fábricas da morte". Eles quase conseguiram: dos vários relatos e documentos baseados na vida no KZ (os campos de concentração), nenhum, que eu saiba, contou com detalhes as condições dentro do crematório, pela simples razão de que o portão de entrada para os crematórios era o portão da morte. Quase milagrosamente, o Dr. Miklos Nyiszli sobreviveu. Através de seus olhos, nós revivemos não somente os horrores do dia-a-dia da vida no KZ, como também testemunhamos a

lenta desintegração de um império que duraria mil anos. Da pena sem estilo do Dr. Nyiszli, descortina-se o período que vai desde as organizadíssimas "seleções", passando pelos extermínios metódicos dos princípios de 1944, até o impressionante êxodo que marcou o colapso germânico na primavera de 1945. Digo "pena sem estilo" porque ele próprio declara: "Quando vivi aqueles horrores que ultrapassavam qualquer imaginação, eu era um médico e não um escritor. Hoje, escrevendo sobre eles, o faço não como um repórter, mas como médico". Aqueles que procuram uma narrativa bem construída, um estilo literário elegante e expressivo, ficarão desapontados e talvez até irritados algumas vezes com o relato hiperbólico e impressionista da experiência do autor. Mas num livro dessa natureza, a pedra bruta é o que importa.

_ Naquilo que o Dr. Nyiszli testemunhou poucos acreditarão ou desejarão acreditar, pois a mente humana procura fugir dos sofrimentos e do que lhe é repugnante. Daí para negar que o tratamento e as torturas aqui descritos pudessem ter acontecido é um simples passo. Mas o fato permanece, eles realmente existiram.

Mas, perguntarão alguns, por que trazer ao público esse documento do sofrimento, por que remexer em velhas cinzas e avivar antigas animosidades? Não seria melhor esquecer o passado? Belas perguntas, sem dúvida, e talvez fosse realmente melhor não reavivar essas lembranças. Aqueles que viveram nos campos de concentração não falam abertamente de suas experiências. Eu, pessoalmente, encontrei vários que estiveram em Dachau, Bergen-Belsen e Auschwitz, e raramente ou nunca eles falaram abertamente sobre esses anos trágicos. A maioria voltou para suas casas e trabalhou para reconstruir suas vidas da melhor maneira possível. Alguns morreram, meses ou anos após sua libertação, das doenças contraídas no confinamento. Doenças, freqüentemente, tanto mentais quanto físicas: conheci uma menina que tinha dezesseis anos quando foi libertada e suicidou-se em Paris, em 1954, quase dez anos após a libertação. Ela havia retornado à sociedade, casara-se, tinha um filhinho que adorava, estava muito bem

financeiramente e demonstrava ser uma pessoa de personalidade forte, completamente restabelecida. Seis meses antes de morrer, havia tido um colapso nervoso e fora mantida sob constante vigilância; porém, seu estado piorava a passos largos, até que depois de várias tentativas o passado conseguiu vir à tona. Assim como aqueles que tombaram diante das metralhadoras dos SS ou nas câmaras de gás, ela foi vítima tardia do KZ.

Não foi, porém, para condenar uma raça nem para angariar simpatia para aqueles que sofreram e ainda sofrem hoje em dia, que quisemos trazer esse documento para os leitores. Fizemos isto porque Meyer Levin uma vez disse: "Essas vítimas das atrocidades nazistas deixaram registros fragmentários de suas experiências, elas arranharam palavras nas paredes, e morreram na esperança de que o mundo viesse algum dia a saber, não por estatísticas, mas por compreensão. Nós temos obrigação de ouvir"¹. Além do mais, um livro como esse pode servir para nos lembrar, apesar da distância que nos separa da realidade dantesca que revela, do que os subprodutos da guerra podem ser, do que, quando as sociedades se deixam bajular e conduzir por fórmulas baseadas no ódio e no desprezo, o homem é capaz de fazer ao seu semelhante.

Mesmo num mundo de "guerra fria" ou de guerrinhas setoriais quentes, o tratamento sórdido dispensado pelo homem ao seu semelhante nos horroriza e nos parece inconcebível. Da Coréia, Indochina e Norte da África também nos chegam relatos tão sórdidos quanto esses que vocês vão ler. O turbilhão de acusações e contra-acusações torna difícil estabelecer quem é o culpado e a qual dos lados cabe a responsabilidade. O que importa, porém, não é a censura aos perpetradores de atrocidades, mas sim a contínua existência dessas atrocidades. "Não permita a nenhum homem pensar que ele ou sua raça é superior". *Auschwitz* relembra-nos constantemente, embora de maneira indireta, esse pensamento. Porque sem a teoria da Raça Superior, os horrores dos campos de concentração nunca teriam

¹ 1. *New York Times Book Review*, 8 de maio de 1955.

acontecido. A teoria da supremacia ariana foi mais que um simples pretexto para liquidar os judeus da Europa: muitos, mas muitos mesmo, foram seduzidos por essa infame propaganda e começaram a acreditar ardentemente nela. Assim, meter uma bala na nuca de milhares de homens, ou atirar centenas de homens, mulheres e crianças numa câmara de gás, não precisava de maiores justificativas. Como membros da Raça Superior, os oficiais nazistas estavam cumprindo sua tarefa sagrada.

O perigo é coletivo; a responsabilidade é individual. Mesmo aqueles que não participaram diretamente das atrocidades, mas tiveram conhecimento, embora vagamente, de que elas existiam, são culpados. A suástica, assim como a cruz ardente, grassa num clima de medo e ódio. Mas conta com a apatia como seu principal aliado.

Agora, a suástica voltou a aparecer nas paredes dos templos em todo o mundo, lembrando-nos de que não foi totalmente erradicada, como inocentemente achávamos. Se formos apáticos o bastante, se desculparmos isso como sendo trabalho de desordeiros irresponsáveis (Hitler e seus asseclas foram durante muito tempo "desculpados" como desordeiros irresponsáveis), assim como o câncer, poderá crescer e se disseminar. Se o presente documento dá uma contribuição mínima que seja para dissipar essa apatia perigosa, já serviu a seu propósito.

Nós revelamos também o segredo do suicídio universal. Não é impossível que essa percepção tenha mantido o mundo numa paz relativa desde que Auschwitz foi destruído há quinze anos. Não é impossível que essa percepção venha a manter o mundo em paz pelas décadas que se sucederão para que, desta forma, o homem possa dirigir sua energia para o bem ao invés do mal, para dignificar a vida ao invés de destruí-la. Somente se isso acontecer é que os incontáveis milhões de seres humanos que sofreram e padeceram durante essas guerras não terão morrido em vão.

— **RICHARD SEAYER**

Nova York

Abril de 1960

DECLARAÇÃO

Eu, ABAIXO ASSINADO, Dr. Miklos Nyiszli, médico, antigo prisioneiro dos campos de concentração nazistas, declaro que esse trabalho, que relata os dias mais negros da História da Humanidade, retrata fielmente, sem o menor exagero, a realidade dos fatos; foi elaborado por mim na condição de testemunha ocular e participante involuntário do trabalho nos crematórios de Auschwitz, em cujas chamas, milhões de chefes de família, mães e crianças desapareceram.

Como médico-chefe dos crematórios de Auschwitz, expedi numerosos atestados de dissecação e de descobertas em medicina legal, que assinei com meu número tatuado. Enviei esses documentos pelo correio, endossados com a assinatura de meu superior, Dr. Mengele, para o Instituto de Pesquisa da Raça, Biologia e Antropologia, um dos mais qualificados centros médicos do III Reich. E ainda deve ser possível encontrá-los lá, nos arquivos desse instituto.

Ao escrever esse trabalho, não objetivo nenhum sucesso literário. Quando passei por esses horrores, que estão além de qualquer imaginação, foi como médico e não como escritor. Hoje, ao falar sobre eles, escrevo não como um repórter e sim como médico.

Escrito em Oradea-Nagyvarad, março de 1946.

Assinado:

Dr. MIKLOS NYISZLI

AUSCHWITZ

O testemunho ocular de um médico

Para minha esposa e filha

— que retornaram do Campo da Morte

I

MAIO DE 1944. Dentro de cada um dos vagões fechados, noventa pessoas se amontoavam. O fedor das latas de urina, que de tão cheias derramavam, era tão forte que tornava o ar irrespirável.

O trem dos deportados. Durante quatro dias, quarenta vagões idênticos rodaram sem parar. Primeiro passaram pela Eslováquia, depois pelo território do Governo Central, conduzindo-nos para um destino desconhecido. Nos éramos parte do primeiro grupo de mais de um milhão de judeus húngaros condenados à morte.

Deixando para trás Tatra, passamos pelas estações de Lublin e Krakau. Durante a guerra, essas duas cidades foram usadas como campos de reagrupamento ou, para ser mais exato, campos de extermínio, pois ali eram jogados todos os anti-nazistas da Europa para serem eliminados.

Quase uma hora depois de Krakau, o trem fez uma parada diante de uma estação de alguma importância. Tabuletas em letras góticas anunciavam-na como sendo Auschwitz , nome que nada significava para nós, pois nunca havíamos ouvido falar dele.

Espiando por uma rachadura na parede do vagão, notei um movimento incomum no trem. As tropas SS que até agora nos tinham acompanhado foram substituídas por outras, o maquinista deixou o trem. Por trechos de conversas, ouvidas ao acaso, percebi que nossa jornada estava chegando ao fim.

Os vagões começaram novamente a rodar e vinte minutos depois parávamos com um prolongado e estridente apito da locomotiva. Pela rachadura pude ver um terreno desértico: a terra era de argila amarelada igual à da Sibéria Oriental, pontuada aqui e ali por grupos de árvores verdes. Estacas de concreto enfileiravam-se até a linha do

horizonte e, passando por elas, linhas de arame farpado de cima a baixo. Tabuletas avisavam-nos que a cerca era eletrificada e com corrente de alta tensão. Dentro das imensas praças cercadas pelas estacas estavam milhares de barracões cobertos de papel encerado verde, construídos de maneira a formar uma rede de ruas, longa e retangular, que ia até onde a vista podia alcançar.

Figuras esfarrapadas, com o uniforme listrado dos prisioneiros, moviam-se no interior do campo. Alguns estavam carregando tábuas, outros balançavam pás e picaretas e ainda havia aqueles que estavam colocando enormes caixotes em cima de caminhões.

A cerca de arame farpado era interrompida a cada vinte ou trinta metros por torres de observação, no topo da qual havia um SS com uma metralhadora de tripé. Esse era o campo de concentração de Auschwitz, ou de acordo com os alemães, que adoram abreviar tudo, era o KZ, pronunciado "katset". Não era uma visão nada estimulante, mas para o momento nossa curiosidade despertada ofuscou grande parte de nosso medo. Olhei em torno para meus companheiros. Nosso grupo era formado por vinte e seis médicos, seis farmacêuticos, seis mulheres, nossos filhos e algumas pessoas idosas de ambos os sexos — nossos pais e parentes. Sentados sobre suas bagagens ou no chão, pareciam cansados e apáticos, seus rostos demonstravam um tipo de pressentimento que mesmo a excitação da chegada não conseguia dissipar. Várias crianças estavam adormecidas. Outras ficavam catando os restos de comida que havia. O resto, não achando nada para comer, simplesmente tentava molhar os lábios ressecados com a língua seca.

Do lado de fora, veio o som de passos pesados sobre a areia. Ordens gritadas quebraram a monotonia da espera. As trancas dos vagões foram tiradas. A porta deslizou devagar e já podíamos ouvi-los dando-nos ordens.

— Saiam todos e tragam apenas a bagagem de mão. A bagagem pesada fica no vagão.

Pulamos para fora e, então, ajudamos a descer nossas mulheres

e filhos, pois o chão do vagão ficava a uns dois metros do nível do solo. Os guardas nos alinharam ao longo dos trilhos. Diante de nós estava um jovem oficial SS, com o uniforme impecável, uma roseta dourada enfeitando a lapela, as botas muito bem polidas. Apesar de desconhecer as patentes da SS, supus, pela braçadeira, que era um médico. Mais tarde soube que era o médico-chefe do campo de concentração de Auschwitz. Como "selecionador médico" para o campo, ele estava presente à chegada de todos os trens.

Nos momentos que se seguiram, presenciamos certas fases do que, em Auschwitz, era chamada "seleção". Todos sobreviveriam ou não a essas fases, de acordo com a sua própria sorte.

Para começar, os SS dividiram-nos por sexo, deixando todas as crianças com menos de quatorze anos com suas mães. Assim, nosso grupo, que era unido, foi separado em dois. Mas os guardas respondiam a nossas perguntas ansiosas num tom paternal, quase afável. Não precisávamos nos preocupar. Elas estavam sendo levadas para um banho desinfetante, como de costume. Mais tarde nós nos reuniríamos às nossas famílias novamente. Enquanto nos selecionavam, tive chance de dar uma olhada em volta. Sob a luz do poente, a imagem vista anteriormente através da fenda do vagão parecia ter mudado, estava mais assustadora e ameaçadora. Uma coisa imediatamente chamou minha atenção: uma imensa chaminé quadrada, feita de tijolos vermelhos. Tinha o tamanho de um edifício de dois andares e parecia uma estranha chaminé de fábrica. O que mais me impressionou foram as enormes línguas de fogo subindo pelas hastes colocadas nos quatro ângulos da boca da chaminé. Tentei imaginar que diabólica comida deviam estar fazendo para precisar de tanto fogo. De repente me lembrei que estávamos na Alemanha, o país dos fornos crematórios. Eu havia passado dez anos nesse país, primeiro como estudante, depois como médico, e sabia que até a menor cidade tinha seu forno crematório.

Então, a "fábrica" era um crematório. Um pouco mais adiante avistei uma segunda construção com sua chaminé; depois, quase

escondida pelas árvores, uma terceira, cuja chaminé soltava labaredas. Uma brisa suave trouxe a fumaça até nós. Meu nariz e minha garganta se encheram do odor nauseante de carne queimada e cabelo chamuscado. Bastante comida, pensei. Mas enquanto isso, a segunda fase da seleção havia começado. Numa única fila, homens, mulheres, crianças e velhos tinham de passar diante do comitê de seleção.

O Dr. Mengele, o "selecionador" médico, fez um sinal. Dividiram-nos novamente em dois grupos. A coluna da esquerda incluía os velhos, os aleijados, os doentes, as mulheres e as crianças de menos de quatorze anos. A coluna da direita consistia somente de mulheres e homens de bom físico: aptos para o trabalho. Nesse último grupo notei minha mulher e minha filha de quatorze anos. Não tínhamos mais nenhum jeito de conversar, apenas podíamos fazer sinais um para o outro.

Aqueles demasiado enfermos para andar, os velhos e os dementes, foram colocados em caminhões da Cruz Vermelha. Alguns dos médicos mais idosos do meu grupo pediram também para ir nos caminhões. Os caminhões partiram e o grupo da esquerda, ladeado pelos SS, foi posto em marcha. Em alguns minutos eles se perderam de vista, por trás de um grupo de árvores.

A coluna da direita permaneceu parada. O Dr. Mengele ordenou a todos os médicos que dessem um passo à frente; aproximou-se do novo grupo composto de uns cinquenta médicos e quis saber quem havia estudado em universidades alemãs, quem tinha bons conhecimentos de patologia e prática em medicina legal. Que desse um passo à frente.

— Tenham cuidado — advertiu. — Você precisam servir direito para a tarefa, porque do contrário...

- Seu gesto de ameaça não deixou muito para a imaginação. Olhei de relance para os meus companheiros. Na certa estavam intimidados. Qual era a diferença? Eu já havia me decidido.

Saí da fila e dei um passo à frente. Mengele interrogou-me sem

pressa, perguntando onde havia estudado os nomes dos meus professores de patologia, como eu havia conseguido meu diploma em medicina legal, quanto tempo tinha praticado, etc. Aparentemente minhas respostas foram satisfatórias, pois ele imediatamente separou-me dos outros e ordenou a meus colegas que voltassem a seus lugares. Pelo momento eles estavam livres. Porque eu devo dizer uma coisa agora que naquele momento naturalmente ignorava, isto é que o grupo da esquerda e aqueles que seguiram nos caminhões passaram momentos depois pelos portões do crematório. Dos quais nunca ninguém voltou.

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecer novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

II

Ao ficar sozinho, um pouco afastado dos outros, comecei a pensar nos estranhos e intrincados caminhos do destino. Mas meu pensamento estava na Alemanha, país onde passei os anos mais felizes da minha vida.

Agora, sobre minha cabeça, as estrelas pontilhavam o céu e a brisa fresca da noite seria muito reconfortante se, de tempos em tempos, não trouxesse o cheiro dos corpos queimados nos fornos do Terceiro Reich.

Centenas de holofotes, colocados no alto das torres, varriam a escuridão. E já agora atrás da cadeia de luzes parecia que o ar tinha ficado mais denso, envolvendo o campo num véu espesso através do qual só se viam as silhuetas dos barracões. Já então os carros haviam sido esvaziados. Alguns homens, vestidos com uniforme do campo, chegaram e descarregaram a bagagem pesada que havíamos deixado, enchendo com elas alguns caminhões. Na escuridão da noite, os quarenta vagões iam lentamente se afastando até que se fundiam na planície. O Dr. Mengele, tendo acabado de dar instruções às tropas SS, sentou-se ao volante de seu carro e ordenou-me que viesse junto. Sentei-me no banco de trás, ao lado de um oficial SS, e partimos. O carro pulava loucamente naqueles caminhos de terra do campo, esburacado e cheio de poças d'água feitas pelas chuvas de inverno. Os holofotes passavam por cima de nós sem cessar, até que paramos, finalmente, em frente a um portão blindado. Uma sentinela SS veio correndo para dar passagem ao carro. Rodamos mais algumas centenas de metros pela estrada principal do campo, que era margeada de ambos os lados por fileiras de barracões. Então paramos em frente

a uma construção em melhor estado que as outras; pela placa na porta pude ver que se tratava do "Escritório do Campo". Do lado de dentro, várias pessoas estavam trabalhando em suas mesas. Todos tinham olhar inteligente e expressão refinada. Estavam usando o uniforme de prisioneiros e imediatamente a nossa chegada ergueram-se. O Dr. Mengele dirigiu-se a um deles um homem de seus cinqüentas anos e de cabeça raspada. Uma vez que eu estava atrás do *Obersturmführer*, era-me impossível ouvir o que diziam. O Dr. Sentkeller prisioneiro, e como vim a saber mais tarde, médico do Campo F acenou com a cabeça em assentimento. A seu pedido, eu me aproximei da mesa de outro prisioneiro. O funcionário mexeu em alguns cartões de arquivo e então fez uma série de perguntas sobre mim; registrou as respostas primeiro no cartão, depois num livro enorme e entregou o cartão a um guarda SS. Então nós deixamos a sala. Ao passar em frente ao Dr. Mengele inclinei ligeiramente a cabeça. Observando isso, o Dr. Sentkeller não pode deixar de alterar a voz e dizer, mais ironicamente do que com maldade que tais gentilezas não eram comuns ali e que eu faria bem em não querer bancar o gentleman do KZ.

Um guarda levou-me para outro barracão, em cuja entrada estava escrito "Banhos e Desinfecção", onde eu e meu cartão fomos para outro guarda. Um prisioneiro aproximou-se de mim e tirou-me a maleta médica, revistou-me e ordenou que me despisse.

Um barbeiro aproximou-se e raspou primeiro a minha cabeça, depois o resto dos pêlos de todo o corpo e me mandou para o chuveiro. Esfregaram minha cabeça com uma solução de cloreto de cálcio, que queimou tanto meus olhos que não pude abri-los durante vários minutos.

No outro quarto minhas roupas foram trocadas por um paletó pesado, quase novo, e umas calças listradas. Devolveram-me os sapatos após terem-nos mergulhado num tanque com a mesma solução de cloreto de cálcio. Experimentei minhas roupas novas e constatei que me serviam razoavelmente bem. (Pensei, quem teria sido o pobre infeliz que as usara antes de mim?). Antes que pudesse ir adiante em meus

pensamentos, veio outro prisioneiro, arregaçou a manga do meu paletó, conferiu o numero do cartão que eu trazia e habilidosamente começou a fazer uma série de pequenas tatuagens no meu braço, usando uma agulha com um reservatório cheio de tinta azul. Uma porção de pintinhas azuladas começaram a surgir quase que imediatamente.

— Seu braço inchará um pouco, — ele me explicou — mas daqui a uma semana vai sarar e o número surgirá bem visível.

E assim, eu, Dr. Miklos Nyiszli, tinha deixado de existir; dali por diante seria simplesmente prisioneiro do KZ. número A 8450.

Na mesma hora, outra cena me veio à mente. Quinze anos antes, o Reitor da Faculdade de Medicina da Universidade Friederick Wilhelm, de Breslau, apertava minha mão e me desejava um brilhante futuro ao me entregar o diploma "com as congratulações do conselho".

III

POR ORA MINHA situação era tolerável. O Dr. Mengele naturalmente queria que eu trabalhasse como médico. Provavelmente seria mandado para alguma cidade alemã onde o médico local deveria ter sido convocado para o serviço militar e cujas atribuições eram a medicina legal e a patologia. Além do mais, estava cheio de esperança, pois, devido a ordens expressas do Dr. Mengele, não estava usando o uniforme grosseiro dos prisioneiros e, sim, ótimas roupas civis.

Já era quase meia-noite, mas minha curiosidade impedia-me de dormir. Ouvia cada palavra do chefe do barracão. Ele conhecia a completa organização do KZ, o nome dos comandantes SS de cada seção do campo, assim como o nome dos prisioneiros que ocupavam postos importantes. Fiquei sabendo que Auschwitz não era um campo de trabalho e, sim, o maior campo de extermínio do III Reich. Ele também me contou da "seleção" que era feita diariamente nos barracões e hospitais. Centenas de prisioneiros eram embarcados todos os dias em caminhões e levados para os crematórios, somente umas dezenas de metros adiante.

Por intermédio dele tomei conhecimento da vida nos barracões. De oitocentas a mil pessoas eram enfiadas nos compartimentos apertados dos barracões. Sem poder se estirar completamente, elas dormiam tanto ao comprido quanto sentadas, com os pés de um no pescoço ou peito de outro. Despojadas de qualquer dignidade humana, elas se chutavam, se mordiam e se empurravam, a fim de conseguir uns centímetros a mais para poder dormir com um pouco mais de conforto, pois não tinham muito tempo para dormir: o toque de alvorada soava às três da manhã. Então, os guardas, armados com porretes de borracha, arrancavam os prisioneiros de suas "camas". Ainda meio dormindo, eles

eram jogados para fora dos barracões a cotoveladas e pontapés, e imediatamente alinhados. Começava a parte mais desumana do programa do KZ: a chamada. Os prisioneiros ficavam em fileiras de cinco. Os encarregados colocavam-nos em ordem por altura, os mais altos na frente. Então um outro guarda chegava, o guarda de serviço do dia para a seção, e, puxando o homem da frente, empurrava-o para trás, de onde trazia o menor da fila. Finalmente o chefe do barracão chegava, bem vestido e bem alimentado. Ele também vestia o uniforme do campo, porém limpo e passado. Examinava pausadamente as filas para verificar se estava tudo em ordem. Naturalmente não estava, então agitava os punhos cerrados para aqueles que usavam óculos e os arrastava para trás. Por quê? Ninguém sabia. Na verdade você nem pensa sobre isso, pois você está no KZ, e aqui ninguém procura respostas racionais para as coisas.

Esse divertimento continuava por várias horas. Eles contavam as filas de homens mais de quinze vezes. De frente para trás, de trás para a frente e de qualquer outra direção possível de se imaginar. Se uma fila não estivesse irrepreensivelmente reta, todos os outros teriam que ficar lá por mais uma hora — as mãos suspensas sobre a cabeça e as pernas tremendo de cansaço e frio. Pois, mesmo durante o verão, as madrugadas de Auschwitz eram frias e o uniforme de tecido leve dos prisioneiros não oferecia muita resistência à chuva e ao frio. No verão e no inverno, a chamada começava às 3 e terminava às 7 da manhã, quando chegavam os oficiais SS.

O chefe do barracão, um obsequioso servidor dos SS, era, na maioria das vezes, um criminoso comum, cuja insígnia verde o distinguia dos outros prisioneiros. Ele chamava a atenção e advertia a todos, passando em revista os homens sob seu comando. Depois era a vez dos SS inspecionarem as fileiras: contavam as colunas e faziam anotações nos caderninhos. Se houvesse algum morto no barracão — e sempre havia geralmente cinco ou seis, às vezes até dez por dia — eles também tinham que estar presentes, não somente em número, mas fisicamente presentes. Completamente nus, eram segurados por

prisioneiros vivos até que a inspeção terminasse. Vivos ou mortos, o número esperado de prisioneiros tinha que conferir. Acontecia, às vezes, quando havia excesso de trabalho, do *kommando*, cuja função era passar pelos barracões recolhendo os mortos em carrinhos de mão, deixar de passar vários dias. Enquanto isso, cada dia os mortos tinham que se apresentar à chamada até que o *kommando* os recolhesse e seus nomes pudessem finalmente ser riscados da lista.

Depois de tudo que aprendi, não estava arrependido por ter agido daquela maneira e tentado melhorar o meu lado. Ao ser recolhido no primeiro dia para trabalhar como médico, pude escapar de me perder na massa e ser atirado na miséria do campo de quarentena ³.

Graças aos meus trajes civis, pude manter uma aparência humana e naquela noite iria dormir numa cama, no aposento médico do décimo-segundo barracão-"hospital".

As sete da manhã: a alvorada. Os médicos da minha seção, bem como todo o pessoal do hospital, enfileiraram-se em frente aos barracões para serem contados. Isso levou de três a quatro minutos. Os acamados e os mortos também foram contados. Aqui também os mortos ficavam ao lado dos vivos.

Durante o café da manhã, que era feito em nossos quartos, fiquei conhecendo meus colegas. O médico-chefe do barracão-hospital no. 12 era o Dr. Levy, professor da Universidade de Estrasburgo, e seu assistente, o Dr. Gras, professor da Universidade de Zagreb; ambos eram bem conhecidos por sua capacidade, em toda a Europa.

Com praticamente nenhum remédio, trabalhando com instrumentos deficientes e em lugares onde os princípios higiênicos e anti-sépticos eram inexistentes, indiferentes à sua tragédia pessoal, sem ligar para o cansaço e o perigo, eles davam o melhor de si para

³ . O campo de quarentena era uma área na qual os prisioneiros selecionados para a coluna da direita eram primeiramente mandados. Ficavam lá até que tomassem banho, fossem desinfetados e raspados. Depois de trocar as roupas civis pelo uniforme de prisioneiro eram enviados às várias seções do campo.

minorar o sofrimento de seus semelhantes.

Nos campos de Auschwitz, o indivíduo mais não tinha três ou quatro semanas para morrer de fome, contaminação pela promiscuidade e trabalho insano. Como se pode descrever o estado de alguém, que já chega organicamente enfermo ao campo? Naquelas circunstâncias era difícil esquecer-se que se tratava de um ser humano, e os médicos exerciam sua profissão com a maior devoção. O exemplo deles era fielmente seguido pelos corpos médicos subalternos, compostos de seis médicos, todos jovens gregos e franceses. Há três anos que comiam pão feito no KZ com castanha silvestre e polvilhado de serragem. Suas esposas, seus filhos, parentes e amigos haviam sido liquidados desde a chegada. Se por acaso tivessem sido dirigidos para a coluna da direita, eles poderiam permanecer vivos por mais de dois ou três meses, e depois, como os "escolhidos", iriam desaparecer nas chamas.

Assolados pelo desespero, resignados, apáticos, eles, no entanto, tentavam com a maior devoção ajudar aos mortos-vivos, cujos destinos estavam em suas mãos. Pois os prisioneiros desse hospital *eram* mortos-vivos. Tinha-se que estar seriamente doente para ser admitido no hospital do KZ. A maior parte ficou transformada em esqueletos ambulantes: desidratados, descarnados, os lábios rachados, os olhos saltados e uma disenteria incurável. Seus corpos estavam cobertos de enormes e repulsivas feridas abertas e úlceras supuradas. Estes eram os doentes do KZ. Estes eram aqueles a quem devíamos tratar e confortar.

IV

EU AINDA NÃO TINHA uma função definida. Durante uma visita pelo campo em companhia de um médico francês, notei uma espécie de anexo ao lado de um barracão do KZ. Do lado de fora parecia mais uma oficina. Dentro, porém, vi uma mesa da altura da cabeça de um homem, feita de tábuas grosseiras e desiguais; uma cadeira; uma caixa de instrumentos de dissecação e, num canto, um balde. Perguntei ao meu colega qual era a finalidade daquela construção.

— É a única sala de dissecação do KZ — explicou-me. — Há tempos que não é usada. Aliás, não conheço nenhum especialista no campo habilitado para fazer dissecações e não ficaria muito surpreso se viesse a saber que a sua presença aqui tem alguma coisa a ver com os planos de Mengele para reativar a sala.

Esse pensamento turvou meu espírito, porque tinha-me imaginado trabalhando numa moderna sala de dissecação e não nesse depósito do campo. No transcurso de toda a minha carreira médica, nunca havia trabalhado com instrumentos tão deficientes e numa sala tão primitivamente montada. Mesmo quando era chamado para atender a casos de assassinatos e suicídios no interior, e a autópsia tinha que ser feita no local, estive melhor equipado e instalado.

No entanto, resignei-me diante do inevitável e aceitei tal eventualidade, pois no KZ essa era uma posição privilegiada. Mas ainda não havia entendido por que me haviam fornecido trajes civis quase novos se eu estava destinado a trabalhar num galpão sujo. Aquilo não fazia sentido. Decidi, porém, não perder tempo quebrando a cabeça com essas aparentes contradições.

Ainda em companhia de meu colega francês, espiei através da cerca de arame farpado. Crianças nuas de pele mais escura estavam

correndo e brincando. Mulheres com feições latinas e roupas alegres e coloridas e homens seminus sentados no chão, em grupos, conversavam enquanto as crianças brincavam. Esse era o famoso "Campo Cigano". Os *experts* em etnologia do III Reich haviam classificado os ciganos como raça inferior. Assim sendo, não só os da Alemanha como os de todos os territórios ocupados deveriam ser confinados aqui. Por serem católicos lhes era permitido a graça de permanecerem em família.

Eram uns 4.500 ao todo. Não trabalhavam, mas sua função era policiar os campos judeus vizinhos, e exerciam esta autoridade com uma crueldade inimaginável.

O Campo Cigano oferecia uma curiosidade: os barracões experimentais. O diretor do Laboratório de Pesquisa, Dr. Epstein, foi professor na Universidade de Praga, pediatra de renome internacional e prisioneiro do campo desde 1940. Seu assistente era o Dr. Bendel, da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris.

Três categorias de experiência eram ali realizadas: a primeira consistia na pesquisa da origem dos nascimentos duplos, estudo esse que estava sendo empreendido com renovado interesse desde o nascimento das quíntuplas Dionne, há dez anos. A segunda, uma investigação para descobrir as causas do nascimento de anões e gigantes. E a terceira era o estudo das causas, e o tratamento de uma doença comumente chamada de "gangrena seca da face".

Essa terrível doença era excepcionalmente rara; na clínica diária um médico raramente se depara com ela. Mas aqui no Campo Cigano era muito comum nas crianças e adolescentes. E, por isso, devido a seu alto grau de incidência, as pesquisas foram grandemente facilitadas e ótimos progressos foram obtidos no sentido de se achar um método de tratamento eficiente para a moléstia.

De acordo com os conceitos médicos, a "gangrena seca da face" aparecia geralmente conjugada com sarampo, escarlatina e febre tifóide. Mas essas moléstias e mais as deploráveis condições sanitárias do campo pareciam ser apenas fatores que favoreciam o desenvolvimento

da "gangrena", uma vez que também existia nos campos tchecos, poloneses e judeus. A incidência maior, porém, era entre as crianças ciganas, daí ter-se deduzido que sua presença estava relacionada diretamente com a sífilis hereditária, pois a taxa de sífilis no campo cigano era extremamente alta.

Dessas observações foi elaborado e desenvolvido um novo tratamento que consistia numa combinação de vacinas de malária e doses de uma droga cujo nome comercial era "Novar-senobenzol", que estava apresentando resultados promissores.

Diariamente o Dr. Mengele visitava o barracão experimental e participava ativamente de todas as fases da pesquisa. Ele trabalhava em colaboração com dois prisioneiros-médicos e uma pintora chamada Dina, cuja habilidade artística era de grande importância para o empreendimento. Dina era natural de Praga e há três anos prisioneira do KZ. Como assistente do Dr. Mengele, ela usufruía de certos privilégios completamente fora do alcance dos prisioneiros comuns.

V

DR. MENGELE era incansável no exercício de suas funções. Passava horas a fio em seus laboratórios, daí corria para as plataformas de desembarque, onde a chegada diária de quatro ou cinco trens de deportados húngaros mantinha-o atarefado metade do dia.

Sem parar, os novos deportados marchavam em colunas de cinco, flanqueados pelos guardas SS. Observei um desses grupos descer e enfileirar-se. Embora onde eu estava fosse um pouco longe da plataforma e as cercas de arame farpado me obstruíssem a visão, pude observar que tinham vindo de alguma cidade grande: suas roupas eram bem confeccionadas, alguns estavam usando modernas capas de chuva e as valises que traziam eram de couro do mais caro. Nessa cidade, fosse qual fosse, eles haviam conseguido criar para si uma vida agradável e requintada. E esse era o grande pecado pelo qual estavam agora pagando tão caro.

Apesar de suas várias funções, o Dr. Mengele ainda encontrava tempo para mim. Uma carroça puxada por prisioneiros parou em frente à sala de dissecação. Dois corpos foram descarregados. Em seu peito viam-se as letras Z e S (*Zur Sektion*), escritas com um giz especial, indicando que deviam ser dissecados.

O chefe do barracão 12 indicou um inteligente prisioneiro para me ajudar. Juntos colocamos um dos cadáveres sobre a mesa de dissecação. Notei uma linha grossa e escura em volta de seu pescoço. Enforcou-se ou foi enforcado. Dando uma rápida olhada para o segundo corpo, vi que sua morte havia sido causada por eletrocussão. Isso podia ser deduzido das pequenas queimaduras superficiais e pelas manchas vermelho--amareladas à sua volta. Fiquei pensando se ele havia se atirado contra a rede de alta tensão ou se tinha sido empurrado. Ambas

as coisas eram normais em Auschwitz.

As formalidades eram as mesmas, tanto fosse suicídio como assassinato. De madrugada, na hora da chamada, seus nomes seriam riscados da lista e seus corpos jogados nas carretas e transportados para o necrotério do campo. Ali um caminhão os pegaria, numa média de quarenta ou cinquenta por dia, e os levaria até o crematório. Os dois cadáveres que o Dr. Mengele havia enviado para mim eram os primeiros que me foram dados para examinar. No dia anterior, ele tinha me avisado para trabalhar neles cuidadosamente e fazer um bom serviço. Eu planejava usar o máximo de minha habilidade para executar suas ordens.

Um carro parou em frente. A ordem de "atenção" foi gritada alto. O Dr. Mengele em pessoa e dois oficiais SS acabavam de chegar. Eles ouviram primeiro os relatórios do chefe do barracão e do médico, e então foram direto para a sala de dissecação, seguidos pelos prisioneiros médicos do Campo F. Dispuseram-se num círculo em volta da sala, como se aquilo fosse uma aula de patologia de algum importante centro médico e, no caso em questão, uma aula particularmente interessante. De repente, percebi que ia ser examinado e aqueles eram os jurados diante de mim, um júri altamente importante e perigoso. Eu também sabia que meus colegas prisioneiros estavam torcendo por mim.

Nenhum dos presentes sabia que eu havia passado três anos no Instituto de Medicina Legal de Boroslo, onde tivera a oportunidade de estudar toda e qualquer forma possível de suicídio, sob a supervisão do Dr. Strasseman. Percebi que, para o bem do prisioneiro médico A 8450, eu deveria lembrar-me de tudo que o Dr. Miklos Nyiszli tinha aprendido.

Comecei a dissecação. Primeiro abri o crânio, depois o tórax e a cavidade abdominal. Extraí todos os órgãos, registrei tudo que estivesse anormal e respondi sem afobação a cada uma das dezenas de perguntas que me foram feitas. Seus rostos indicavam que sua curiosidade havia sido saciada e, pelos acenos de cabeça e olhares, compreendi que

tinha passado no exame. Após a segunda dissecação, o Dr. Mengele ordenou-me que fizesse um relatório das minhas conclusões. Alguém passaria para apanhá-lo no dia seguinte. Depois que os oficiais SS saíram, pude conversar um pouco com meus colegas prisioneiros.

No dia seguinte, mais três cadáveres chegaram para dissecação. O mesmo público apareceu, mas dessa vez a atmosfera estava menos tensa, — eles já me conheciam e tinham visto meu trabalho. Os presentes demonstraram um vivo interesse, fizeram muitos comentários astutos e provocativos, e houve ocasiões em que a discussão ficou bastante animada.

Assim que os médicos SS partiram, fui visitado por vários colegas franceses e gregos que me pediram que lhes ensinasse a técnica das punções lombares. Eles também me pediram que lhes desse autorização para fazer a operação em alguns dos corpos que eu recebia, pedido esse que prontamente acolhi. Fiquei profundamente emocionado em saber que, no interior das cercas de arame farpado, eles continuavam a manifestar interesse por sua profissão. Tentaram a punção e depois de seis ou sete tentativas conseguiram finalmente acertar e se retiraram, satisfeitos com o seu trabalho daquele dia.

VI

NOS TRÊS DIAS SEGUINTEs não tive nada para fazer. Eu estava ainda auferindo da ração suplementar destinada aos médicos, mas passava a maior parte do tempo estirado na cama ou então sentado nas arquibancadas do estádio, que não ficava muito distante do Campo F. Sim, é verdade, mesmo Auschwitz tinha seu estádio, mas destinado, porém, aos prisioneiros alemães que trabalhavam como funcionários nas várias seções do Campo. Aos domingos o estádio se transformava num animado centro de atividades esportivas, mas durante a semana ficava deserto. Somente uma cerca de arame farpado separava o estádio do crematório no.1. Eu gostaria muito de saber o que se passava à sombra daquela imensa chaminé que não parava de cuspir línguas de fogo. De onde estava sentado, não podia ver muita coisa. E aproximar-se da cerca não era uma atitude muito inteligente, pois as metralhadoras das torres de vigia varriam a área sem aviso para assustar quem quer que se aventurasse a perambular por essa terra de ninguém.

Não obstante, vi que homens em trajes civis estavam formando no pátio do crematório, bem defronte à construção de tijolo vermelho: devia haver uns 200 ao todo, com um SS à frente. Pareceu-me uma chamada e concluí que aquela era a mudança da guarda. A guarda da noite passava o serviço à guarda do dia, pois os crematórios funcionavam em regime de 24 horas por dia. Mais tarde, vim a saber que o pessoal dos crematórios era chamado de *Sonderkommando*, que significava simplesmente *kommandos* aos quais eram atribuídos trabalhos especiais. Eram bem alimentados e usavam roupas civis. Nunca lhes era permitido sair dos limites dos crematórios e a cada quatro meses, quando já haviam aprendido demais para o seu próprio

bem, eram sumariamente eliminados. Até o momento, aquela havia sido a sorte de todos os *Sonderkommandos* desde a fundação do KZ, e isso explica por que ninguém escapou para contar ao mundo o que se vinha passando no lado de dentro daqueles muros há vários anos.

Voltei para o barracão 12 no exato momento da chegada do Dr. Mengele. Estacionou e foi recebido pelo chefe do barracão; depois mandou chamar-me e pediu-me que fosse com ele no carro. Desta vez não havia nenhum guarda nos acompanhando. Partimos antes mesmo que pudesse me despedir dos meus colegas. Ele parou em frente ao escritório e pediu ao Dr. Sentkeller que pegasse meu cartão; em seguida arrancou de novo pela estrada esburacada.

Durante cerca de doze minutos rodamos através do labirinto de arame farpado e entramos por portões muito bem guardados, passando de uma seção para outra. Só então percebi a imensidão do KZ. Pouquíssimos tinham a possibilidade de verificar este fato, pois a maioria morria no exato lugar onde eram levados no momento de sua chegada. Mais tarde soube que o campo de concentração de Auschwitz, em certos períodos, abrigava mais de 100.000 pessoas dentro de suas fronteiras de arame eletrificado.⁴

O Dr. Mengele, de repente, interrompeu minhas meditações. Sem se voltar, disse:

— O lugar para onde o estou levando não é nenhum hospital, mas você irá verificar que as condições lá não são tão más.

Deixamos o campo e passamos pela rampa de desembarque de judeus. Diante de nós abriu-se um grande portão blindado. Entramos num pátio espaçoso, coberto de grama verde. O gramado e a sombra dos pinheiros tornariam aquele lugar um recanto agradável se não fosse pela construção e pela chaminé de tijolos vermelhos sempre com suas labaredas saltando ao espaço. Estávamos em um dos crematórios.

⁴ Rudolf Hess, comandante do campo, testemunhando em Nuremberg, declarou que o campo chegava a ter 140.000 prisioneiros, sendo essa sua capacidade máxima.

Permanecemos no carro. Um SS correu em nossa direção e saudou o Dr. Mengele. Então saímos, cruzamos o pátio e entramos no crematório.

— A sala está pronta? — o Dr. Mengele perguntou ao guarda.

— Sim, senhor. — Respondeu o SS.

Dirigimo-nos para lá, o Dr. Mengele à frente.

A sala em questão tinha sido toda pintada de branco e era bem iluminada por um janelão que, no entanto, era gradeado. A mobília, comparando-se com a dos barracões, surpreendeu-me: uma cama branca, um armário também branco, uma mesa espaçosa e algumas cadeiras. Sobre a mesa, uma toalha de veludo vermelho. O chão de concreto era forrado de bonitos tapetes. Tive a impressão de que me esperavam. Os homens do *Sonderkommando* haviam pintado e arrumado a sala. Passamos, então, por um corredor escuro, e entramos em outra sala, uma completa e moderna sala de dissecação com duas janelas. O chão era de concreto vermelho; no centro da sala, montado sobre pilastras de concreto, estava um tampo de mármore polido — uma mesa de dissecação, equipada com vários ralos. Na borda da mesa, uma bacia niquelada e, na parede, três pias de porcelana. As paredes eram pintadas de verde-claro e os janelões gradeados, cobertos com telas de metal verde para impedir a entrada de moscas e mosquitos.

Deixamos a sala de dissecação e fomos para o aposento seguinte: a sala de trabalho. Ali havia cadeiras modernas e quadros na parede; no centro do quarto, uma mesa coberta por um pano verde, e poltronas. Contei três microscópios sobre a mesa. Num canto do quarto erguia-se uma estante contendo os últimos e melhores livros de medicina. No outro canto, um armário onde estavam guardados jalecos, aventais brancos, toalhas e luvas de borracha. Em suma, a réplica exata de qualquer instituto de patologia de cidade grande.

De repente, compreendi tudo e fiquei paralisado de medo. Assim que chegara ao portão principal, percebera que estava no pátio da morte. Uma morte lenta, abrindo suas garras sobre mim. Senti que estava perdido.

Agora entendia por que me deram roupas civis. Esse era o

uniforme do *Sonderkommando* — o *hommando* dos mortos--vivos.

Meu chefe estava se preparando para sair; ele informou ao SS que, enquanto o "serviço" durasse, eu receberia ordens somente dele. O pessoal SS do crematório não tinha jurisdição sobre mim. A cozinha deveria me fornecer a alimentação; eu poderia conseguir toda a roupa branca e roupas suplementares de que precisasse no almoxarifado SS. Para a barba e cabelo, poderia usar a barbearia SS e também estava dispensado das chamadas da noite e da manhã.

Além do meu trabalho anatômico e de laboratório, eu ficava também responsável pela assistência médica a todo o pessoal SS dos crematórios, cerca de 120 homens, e ainda dos 860 prisioneiros do *Sonderkommando*. Remédios, instrumentos médicos, roupas, tudo em quantidades suficientes, estavam à minha disposição. Para que eles recebessem atenção médica, eu deveria visitar os doentes do crematório uma vez por dia e, às vezes, duas. Podia circular pelos quatro crematórios, de 7 da manhã às 7 da noite. Minha obrigação era fazer um relatório diário ao comandante SS e ao *Oberschaarführer* *Sonderkommando* Mussfeld, relatando o número de doentes acamados e pacientes do ambulatório.

Eu ouvia quase paralisado a lista das minhas obrigações e de meus direitos. Sob tais condições deveria ser a figura mais importante do KZ, se não estivesse num *Sonderkommando* e se isso não se passasse no "Crematório Número Um".

O Dr. Mengele partiu sem dizer uma palavra. Nunca, por mais baixa que fosse sua patente, um SS poderia cumprimentar um prisioneiro do KZ. Tranquei a porta da sala de dissecação, daquele momento em diante sob a minha responsabilidade.

Voltei ao meu quarto e sentei, procurando ordenar meus pensamentos. Não era fácil. Voltei onde tudo começara. A imagem de minha casa abandonada veio-me à mente. Podia ver a pequena casinha impecável, com seu terraço ensolarado e os quartos agradáveis, quartos onde passara tantas horas difíceis com meus pacientes, mas com a satisfação de saber que lhes estava dando conforto e forças. A mesma

casa onde passara horas felizes com minha família.

Já fazia uma semana que estávamos separados. Onde deveriam estar, perdidas, na massa, anônimas como todos, engolidas por essa gigantesca prisão? Será que minha filha conseguiu ficar com a mãe? Ou será que elas já foram separadas? O que terá acontecido com meus velhos pais, cujos últimos dias eu estava tentando tornar mais felizes? O que teria sido de minha querida irmã mais nova, que eu praticamente criei como filha desde que nosso pai caiu doente? Fora uma felicidade amá-los e ajudá-los. Não tinha dúvida sobre o seu destino. Eles certamente estariam a caminho, num trem que os descarregaria na rampa de Auschwitz e dali para a câmara da morte. Com um gesto mecânico, o Dr. Mengele indicaria para eles a coluna da esquerda. E, na certa, minha irmã se juntaria a essa coluna, pois mesmo que lhe fosse indicada a outra, ela se ajoelharia e imploraria para seguir com mamãe. Então eles a deixariam ir e ela agradeceria ardorosamente, com lágrimas nos olhos.

A notícia da minha chegada espalhou-se como fogo na mata por todo o crematório. Não só o pessoal SS que servia ali, como o *Sonderkommando*, vieram me visitar. A porta foi aberta primeiro por dois suboficiais SS. Dois homens bastante altos, feições hieráticas, eram os *Shaarführer*. Eu sabia que a atitude que assumisse naquele momento iria determinar a conduta deles em relação a mim dali por diante. Recordei a ordem de Mengele: eu ficara somente sob sua responsabilidade. Conseqüentemente, devia considerar essa visita como mera cortesia, e permaneci sentado ao invés de levantar-me como era de praxe. Cumprimentei-os e pedi que se sentassem.

Pararam no meio do quarto e me examinaram. Senti toda a importância desse momento: era a primeira impressão que contava. Parecia-me que minha atitude era a melhor que podia ter adotado, pois seus rígidos músculos faciais se relaxaram um pouco e, com um gesto de indiferença descontráida, eles se sentaram.

O assunto de nossa conversa era extremamente limitado. Como havia sido minha viagem? O que estava fazendo no KZ? Essas eram

perguntas que eles não podiam fazer, pois as respostas poderiam embaraçá-los. Da mesma forma, a política, a guerra, as condições no KZ eram assuntos que eu não podia abordar. Contudo, não me atrapalhei — os anos que passara na Alemanha, antes da guerra, me forneceram bastante material para conversar. Os SS ficaram muito impressionados pelo fato de falar a língua deles melhor do que eles ou, pelo menos, de uma maneira mais culta. Logo percebi que havia mesmo algumas expressões que não compreendiam, embora tentassem com esforço não me deixar perceber isso. Conhecia bem o país deles, estava informado sobre suas cidades, sobre a vida doméstica de uma família alemã típica, sobre a religião, a moral etc. Tive o pressentimento de que essa prova também foi um sucesso, pois eles saíram sorrindo.

Mais visitantes chegaram, homens em trajes civis, barbeados e bem vestidos. O kapo-em-chefe ⁵ e dois de seus homens entraram em meu quarto. Essa também era uma visita de cortesia. Soube que tinham sido eles que pintaram e arrumaram o quarto. Ouviram falar da minha chegada e vieram convidar-me para jantar em sua companhia e dos outros prisioneiros.

Aliás, já era quase hora do jantar. Segui-os escada acima até o segundo andar do crematório, onde viviam os prisioneiros: um quarto espaçoso, com beliches encostados nas paredes. Os beliches eram feitos de madeira crua, mas sobre cada um havia colchas limpas e travesseiros bordados. A roupa de cama, colorida e cara, estava em total desacordo com o ambiente. Aquilo não havia sido feito lá, fora deixado por gente de comboios anteriores, que trazia suas coisas para o cativeiro. Ao *Sonderkommando* era permitido apanhar coisas assim dos depósitos e usá-las.

O aposento estava completamente banhado por uma luz forte, pois aqui não se economizava energia como nos barracões. Passamos pela longa fila de beliches. Somente metade do *kommando* estava

⁵ *Kapo* é a abreviatura de *Kamaradaschafts Polizei*. O frapo-em-chefe era geralmente um prisioneiro alemão cumprindo pena por algum delito não-político. Poucos tentavam abrandar o sofrimento de seus companheiros de prisão, mas a maioria era servidora fiel dos SS.

presente; a outra metade, cerca de 100 homens, trabalhava no turno da noite. Alguns dos que estavam presentes dormiam ainda, enquanto outros liam. Havia muitos livros, pois nós, judeus, gostamos de ler. Cada prisioneiro sempre trazia livros; a quantidade e o tipo dependiam de seu nível intelectual e formação. Ter livros e poder lê-los era ainda outro privilégio do *Sonderkommando*. No KZ, quem fosse apanhado lendo seria punido com um confinamento de vinte dias na solitária, uma espécie de caixa de concreto com espaço suficiente para se ficar de pé. A menos que as pancadas recebidas antes não matassem o infrator.

A mesa que nos aguardava era coberta de um pesado tecido de seda brocada, finíssimos pratos de porcelana gravados com iniciais e talheres de prata: mais objetos que um dia pertenceram aos deportados. A mesa estava atulhada dos mais variados pratos, tudo que um deportado podia trazer junto para um futuro incerto: toda sorte de conservas, *bacon*, geléias, diversos tipos de salames, bolos e chocolate. Pelas etiquetas notei que parte daquela comida pertencera aos prisioneiros húngaros. Tudo que fosse perecível passava a ser propriedade dos herdeiros legais — isto é, do *Sonderkommando*.

Sentados em volta da mesa estavam o kapo-em-chefe, o engenheiro, o chofer, o líder do *kommando*, os "arrancadores de dentes" e o chefe dos fundidores de ouro. Suas boas-vindas não podiam ser mais cordiais. Ofereceram-me tudo que tinham, e havia abundância de tudo, porque os comboios húngaros continuavam a chegar sem parar e traziam grande quantidade de comida.

Eu não conseguia engolir direito apesar disso. Não podia deixar de pensar em meus companheiros de infortúnio, que antes de iniciarem o êxodo haviam juntado e preparado suas provisões. Passaram fome durante a viagem, porém refrearam a vontade de comer, pensando em guardar o pouco que traziam para seus filhos, seus pais e para quando chegassem os tempos mais difíceis. Só que os tempos mais difíceis nunca chegaram: no salão do crematório a comida havia permanecido intacta.

Tomei um pouco de chá com rum. Depois de algumas xícaras,

consegui relaxar. Minha mente clareou e libertou-se dos pensamentos trágicos que a estavam turvando. Um calor agradável tomou conta de meu corpo: os efeitos voluptuosos do álcool agiam como uma carícia de mãe.

Os cigarros que estávamos fumando também haviam sido "importados da Hungria". No campo propriamente dito, um único cigarro valia toda uma ração de pão; ali sobre a mesa estavam centenas de maços.

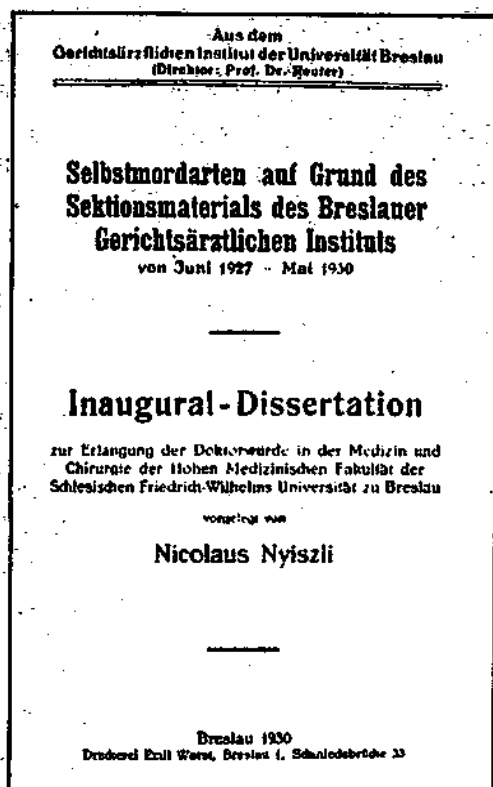
Nossa conversa tornou-se mais animada. A Polônia, a Grécia, a França, a Alemanha e a Itália estavam ali representadas. Uma vez que quase todos falavam alemão, ele serviu de língua comum. Nessa conversa fiquei sabendo da história dos crematórios. Milhares de prisioneiros construíram-nos de pedra e concreto, terminando o trabalho no meio de um inverno extremamente rigoroso. Cada pedra estava manchada com seu sangue. Trabalharam noite e dia, mesmo sem comer e beber, vestidos com uns poucos trapos, para que essas infernais fábricas da morte, cujas primeiras vítimas seriam eles, pudessem ser terminadas a tempo.

Desde então, quatro anos se passaram. Milhares e milhares tinham descido dos vagões de carga e atravessado os portais do crematório. O atual *Sonderkommando* era o décimo-segundo desde o começo do campo.

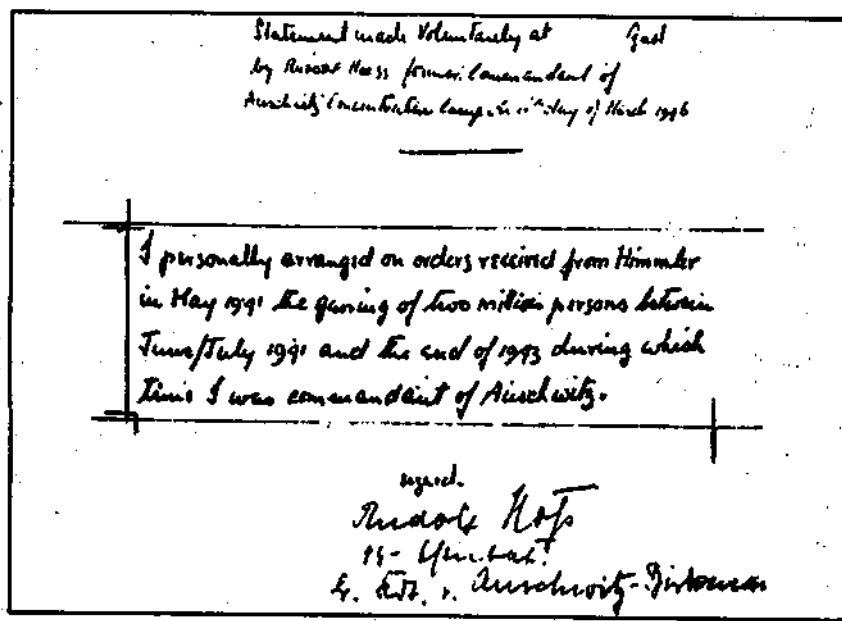
Conheci a história do "reinado" de cada *kommando* anterior e fui lembrado de um fato que já sabia: que a duração da vida de um *Sonderkommando* era apenas de alguns meses. Quem quer que ali praticasse a fé judaica poderia ir preparando, desde o dia de sua chegada, a cerimônia da purificação para a morte. Porque a morte viria para ele tão certa como veio para todos os membros dos *Sonderkommandos* anteriores.

Era quase meia-noite. A turma, reunida em volta da mesa, estava fatigada pelo dia de trabalho e sonolenta devido ao consumo de álcool da noite. Nossa conversa ficava cada vez mais desinteressante. Um SS que fazia a ronda veio lembrar-nos que já era tarde e que

devíamos ir dormir. Despedi-me de meus novos companheiros e retirei-me para meu quarto. Graças ao rum e aos meus nervos exaustos, aquela noite transcorreu relativamente tranqüila.



Cópia fotostática da página de abertura da tese doutoral defendida pelo Dr. Nyiszli em Breslau, 1930. (Cortesia da senhora Nyiszli).



Cópia fotostática da confissão voluntária assinada por Rudolph Hess: o assassinato de dois milhões de pessoas durante seu período de dois anos e meio como comandante de Auschwitz. (Cortesia da UF1)



2. Auschwitz, Poland - Concentration camp opens April 1940

The message: "Work makes one free."

Entrada do campo principal de Auschwitz, com uma tabuleta sobre o portão que dizia: O TRABALHO LIBERTA. À esquerda, em frente ao portão, está o quartirão onde ficavam os aposentos dos chefes.

Entrada do campo de Birkenau. Os trilhos conduzem diretamente aos crematórios.



Um novo comboio chega a Auschwitz e os prisioneiros saltam.



Alinhamento e seleção.

Obersturmführer SS dirige os fisicamente capazes - aqueles ainda aptos para o trabalho - para a direita ...



...enquanto as mulheres...





as crianças ...



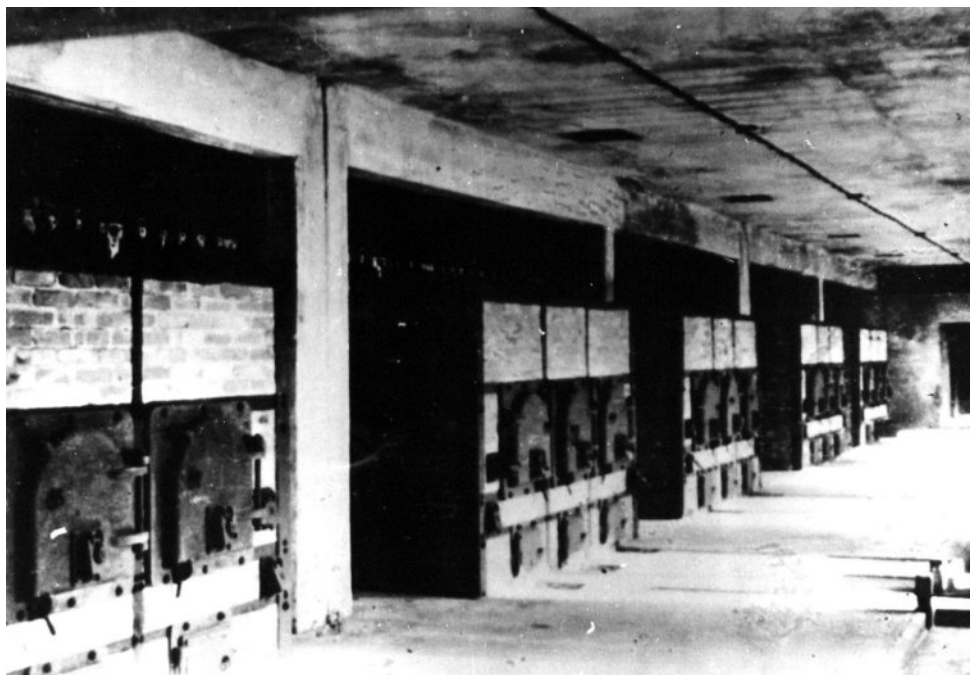
... os velhos e aqueles julgados incapazes para o trabalho são enviados para a esquerda, que era o lado da morte.

A caminho das câmaras de gás. Sem suspeitar de nada às vítimas pensavam que iam para os banhos de desinfecção. Atrás, a cerca eletrificada de arame farpado.

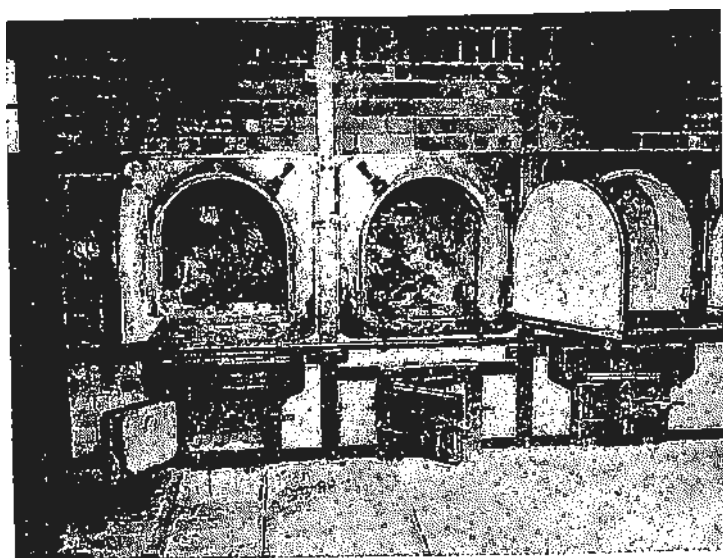


Se as câmaras de gás estivessem lotadas, as vítimas eram levadas para uma floresta vizinha a fim de aguardarem sua vez.





Os fornos crematórios de Auschwitz.



Vista dos fornos crematórios de Weimar tirada por ocasião da libertação do campo. (Cortesia da UPI)





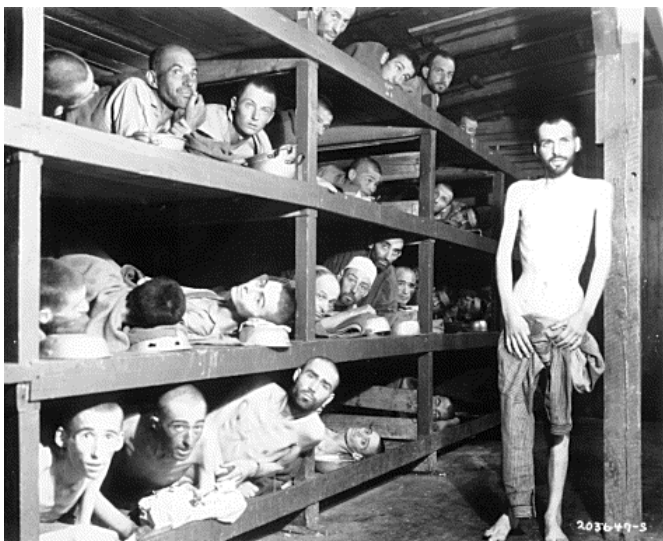
Cabelo humano exibido no Museu de Auschwitz. No momento da libertação do campo foram encontradas sete toneladas de cabelos.



Verdadeiras montanhas de sapatos, encontradas em Auschwitz na hora da libertação.



Óculos dos prisioneiros



Auschwitz, la liberación

Prisioneiros após a libertação de Auschwitz, em 27 de janeiro de 1945..

VII

UM APITO ESTRIDENTE de um trem foi ouvido, vindo da plataforma de desembarque. Era ainda muito cedo. Aproximei-me da janela, de onde tinha uma visão perfeita da linha e vi um longo comboio. Alguns segundos depois as portas correram e despejaram milhares e milhares de criaturas do povo escolhido de Israel. O alinhamento e a seleção não levaram nem meia hora. A coluna da esquerda dirigiu-se lentamente para seu destino.

Ordens ríspidas cortaram o ar e o ruído de passos chegou imediatamente aos meus ouvidos. O barulho vinha das fornalhas do crematório: eles estavam se preparando para dar as boas-vindas ao novo comboio. O rugir dos motores se fez ouvir. Tinham colocado enormes ventiladores para avivar as chamas, a fim de obter o grau desejado dos fornos. Quinze ventiladores estavam trabalhando simultaneamente, um em frente de cada forno. A sala de incineração tinha mais ou menos uns 350 metros de comprimento: era uma sala ensolarada, caiada, com chão de concreto e janelas gradeadas. Cada um desses quinze fornos estava instalado numa estrutura de tijolo vermelho. Imensas portas de ferro, bem polidas e brilhando, alinhavam-se ao longo da parede. Em cinco ou seis minutos os deportados chegavam ao portão, cujas portas se abriam para dentro. Em colunas de cinco, o grupo entrava no pátio; o mundo jamais soube o que se passava daí por diante, pois quem quer que soubesse algo sobre isso, depois de ter feito o percurso da rampa até o centro do crematório, não voltava para contar a história. Aqueles que haviam sido selecionados para a coluna da esquerda tinham o crematório como destino. E não, como os alemães mentiam para dissipar a ansiedade da coluna da direita, um campo de repouso para doentes e crianças.

Eles avançavam com passos lentos e cansados. As crianças tinham os olhos pesados de sono e se agarravam à roupa de suas mães. Em sua maioria os bebês eram levados nos braços dos pais, ou então empurrados em seus carrinhos. Os guardas SS permaneciam do lado de fora do crematório, onde uma tabuleta advertia: "Entrada Proibida Para Todos Aqueles Que Não Trabalham Aqui, Inclusive os SS".

Os deportados imediatamente notaram as mangueiras para regar o gramado, que estavam caídas no pátio. Começaram a tirar painéis e potes de sua bagagem para enchê-los de água e saíram da formação, empurrando-se uns aos outros num esforço para chegar perto das mangueiras e encher os recipientes. Que estivessem impacientes não era de se estranhar: durante os últimos cinco dias não tiveram nada para beber. Se por acaso tinham achado alguma água, esta era estagnada e não matara a sua sede. Os guardas SS, que recebiam os comboios, estavam acostumados àquela cena. Esperavam pacientemente até que cada um matasse a sede e enchesse seus recipientes. De qualquer forma, os guardas sabiam que, enquanto não tivessem bebido, não conseguiriam fazê-los voltar à formação. Lentamente eles voltavam a entrar nas filas. Então caminhavam uns cem metros por um caminho cinzento ladeado de grama verde até uma rampa de ferro, da qual dez ou doze degraus de concreto levavam a um subterrâneo, a uma sala enorme onde tabuletas escritas em francês, alemão, grego e húngaro diziam: "Sala de Banho e Desinfecção". O aviso era tranquilizador e dissipava desconfianças mesmo dos mais desconfiados dentre eles. Desceram os degraus quase com alegria.

A sala para onde os deportados iam tinha uns 200 metros de comprimento: suas paredes eram caiadas de branco e estava bem iluminada. No meio, uma fileira de colunas; ao longo das paredes havia números e sob eles ganchos para pendurar roupas. Diversos avisos, em vários idiomas, advertiam a todos para o fato de que deveriam amarrar as roupas e os sapatos juntos. Especialmente que não esquecessem o número do gancho onde haviam pendurado as roupas para evitar uma confusão desnecessária quando voltassem do banho.

— Isso é que é organização, — comentavam alguns, que tinham inclinação para admirar os alemães.

Eles estavam certos. Aliás *era* por causa da organização que essas medidas tinham sido adotadas; para que milhares de bons sapatos, necessitados com urgência pelo III Reich, não se misturassem. O mesmo quanto às roupas; assim, as populações das cidades bombardeadas poderiam facilmente fazer uso delas.

Havia 3.000 pessoas na sala, homens, mulheres e crianças. Alguns soldados chegaram e anunciaram que todos deveriam ficar completamente despidos em 10 minutos. Os velhos, avós e avôs; as crianças; esposas e maridos; todos ficaram surpreendidos e chocados por essa ordem. Mulheres e mocinhas modestas entreolharam-se interrogativamente. Talvez não tivessem entendido direito as palavras em alemão. Mas não tiveram muito tempo para pensar sobre isso, pois a ordem foi repetida e desta vez num tom mais alto e mais ameaçador. Estavam perplexos; sua dignidade rebelava-se, porém, com a resignação peculiar à sua raça e tendo aprendido que as coisas iam até aonde deviam ir, vagarosamente começaram a se despir. Os velhos, os paráliticos e os loucos foram ajudados pelos homens do *Sonderkommando*, que vieram especialmente para isso. Em dez minutos todos estavam completamente nus, suas roupas penduradas e seus sapatos atados juntos pelos cordões. Os números de cada cabide foram cuidadosamente guardados.

Abrindo caminho entre a multidão, um SS escancarou as portas de um largo portão no fundo da sala. Meus compatriotas passaram imediatamente desta sala para a outra igualmente bem iluminada. Essa segunda sala era do mesmo tamanho que a primeira, só que não havia nem bancos nem ganchos. No centro, colunas que iam do chão até o teto se alinhavam, com intervalos de cinco metros entre elas. Essas não eram colunas de sustentação, mas sim tubulões de ferro quadrados que continham várias perfurações nos lados.

Todos haviam entrado. Uma voz metálica gritou:

— SS e *Sonderkommando* deixem a sala.

Eles obedeceram e saíram. As portas se fecharam e as luzes se apagaram.

Nesse mesmo instante, do lado de fora, chegava um carro: um modelo luxuoso, fornecido pela Cruz Vermelha Internacional. Um oficial SS e um SDG (*Sanitätsdienstgefreiter*: Oficial Chefe do Serviço de Saúde) saltaram do carro. O Chefe do Serviço de Saúde carregava três caixas metálicas verdes. Ele passou pelo gramado, de onde, a cada dez metros, pequenas torres de concreto saíam do solo. Depois de colocar sua máscara, ele levantava a tampa de concreto de uma dessas torres e despejava o conteúdo de uma das caixinhas — grãos cor de malva — dentro da abertura. A substância granulada caía até o fundo. O gás que produzia escapava pelas perfurações e, em poucos segundos, inundava a sala onde os judeus estavam trancados. Em cinco minutos todos estavam mortos. Para cada comboio a mesma história. Carros da Cruz Vermelha traziam o gás de fora. Nunca havia dessa substância no crematório. Essa precaução era escandalosa, porém ainda mais escandaloso era o fato do gás ser trazido num carro da Cruz Vermelha Internacional.

A fim de assegurar a eficácia de seu trabalho, os dois verdugos esperavam mais cinco minutos. Aí então acendiam seus cigarros e partiam de carro. Eles tinham acabado de matar três mil inocentes. Vinte minutos mais tarde os ventiladores elétricos eram ligados para dissipar o gás. As portas eram abertas, os caminhões chegavam e um esquadrão do *Sonderhommando* carregava separadamente os caminhões com as roupas e os sapatos. Tudo aquilo ia para a desinfecção. Mas desta vez era desinfecção real. Mais tarde seriam transportadores para diversas partes da Alemanha.

Os ventiladores da marca "Exhator" rapidamente expeliam o gás da sala, mas, nas fendas entre os corpos e nas rachaduras das portas, pequenas quantidades ainda ficavam. Mesmo duas horas depois ele causava uma tosse sufocante. Por esse motivo o grupo do *Sonderhommando* que primeiro entrava na sala usava máscara contra gases. Novamente a sala era fortemente iluminada, revelando a cena

dantesca.

Os corpos não ficavam caídos aqui e acolá, estavam empilhados num monte até o teto. A razão disso é que o gás primeiro inundava as partes mais baixas e depois, vagorosamente, subia até o teto. Isso forçava as vítimas a treparem umas por cima das outras numa tentativa desesperada de escapar ao gás que subia. Porém, alguns centímetros a mais e ele os alcançava. Que luta deveria ser! Mesmo assim, aquilo era coisa de dois ou três minutos. Se tivessem condição de pensar no que estavam fazendo, perceberiam que estavam subindo sobre os corpos de seus próprios filhos, de suas esposas e mães. Mas não podiam pensar. Suas ações não eram mais que reflexos do instinto de autopreservação. Notei que os corpos das crianças, dos velhos e das mulheres estavam embaixo da pilha e no alto os mais fortes. Seus corpos, cobertos de horríveis arranhões e hematomas devido à batalha travada, freqüentemente ficavam entrelaçados. Sangue escorria de suas bocas e de seus narizes. Seus rostos entumescidos e azulados estavam tão deformados que era praticamente impossível reconhecê-los. Não obstante, alguns homens do *Sonderkommando* às vezes reconheciam parentes e amigos. O encontro não era fácil e eu mesmo o temia. Não tinha razão para estar lá e, no entanto lá estava eu entre os mortos. Senti que era meu dever para com meu povo e para com o mundo ser capaz de fazer um relato pormenorizado do que tinha visto caso, graças a alguma circunstância miraculosa, eu viesse a sair vivo dali.

O esquadrão do *Sonderkommando*, equipado com botas de borracha, formou em frente à pilha humana e atirou poderosos jatos d'água sobre os corpos nus. Isto era necessário porque o ato final daqueles que morrem afogados ou por gás é a defecação involuntária. Todos os corpos estavam sujos e tinham que ser lavados. Assim que o "banho" dos mortos acabava — um trabalho que o *Sonderkommando* fazia num ato impessoal e num estado de comoção profunda —, começava a separação dos corpos emaranhados. Era um trabalho penoso. Eles atavam correias que ficavam presas a manivelas aos pulsos dos mortos e então puxavam-nos para cima pelos elevadores até

uma outra sala. Quatro elevadores de carga estavam funcionando. Vinte a vinte e cinco corpos eram jogados no elevador. O soar de uma campainha era o sinal de que o elevador estava carregado e podia subir. O elevador parava na sala de incineração do crematório, onde as grandes portas corrediças se abriam automaticamente. O *kommando* que operava os vagonetes estava a postos esperando. Novamente correias eram colocadas nos pulsos dos mortos e estes, atirados em rampas especialmente construídas para despejá-los em frente às fornalhas. Os corpos jaziam em fileiras próximas uma das outras: os velhos, os jovens e as crianças. O sangue escorria de suas bocas, narizes e também da pele — raspada pelo atrito - e se misturava com a água corrente das canaletas do chão de concreto.

Então uma nova fase de exploração e utilização dos cadáveres dos judeus tinha início. O Terceiro Reich já havia levado roupas e sapatos. O cabelo também era um material precioso devido ao fato de que se distendia e se contraía de uma maneira uniforme, independente da umidade do ar. Cabelo humano era freqüentemente usado na fabricação de bombas de ação retardada, onde suas qualidades particulares tornavam-no bastante útil para efeito de detonação. Por isso cortavam o cabelo dos mortos.

Mas não era tudo. De acordo com os *slogans* que os alemães gritavam nos desfiles, em seu próprio país e no estrangeiro, o Terceiro Reich não se baseava no "padrão ouro" e sim no "padrão trabalho". Talvez quisessem dizer que tinham de trabalhar mais do que a maioria dos países para obter seu ouro. Os mortos eram enviados depois para o *kommando* "arranca dentes", que formava em frente aos fornos. Esse *kommando* de oito homens era equipado com duas ferramentas, ou, se quiserem, instrumentos. Numa mão uma alavanca, na outra um alicate para extrair dentes. Os corpos deitados de barriga para cima; os *kommandos* abriam-lhes as mandíbulas cerradas com a alavanca e depois, com o alicate, tiravam ou quebravam todos os dentes, pontes ou obturações de ouro que tivessem. Todos os membros dos *kommandos* eram ótimos estomatologistas e cirurgiões-dentistas.

Quando o Dr. Mengele convocara candidatos capazes de realizar delicados trabalhos de estomatologia e cirurgia dental, eles se apresentaram de boa fé, acreditando que poderiam exercer sua profissão no campo. Assim como eu acreditei.

Os dentes de ouro eram jogados dentro de recipientes cheios de um ácido que dissolvia o osso ou a carne que viesse agarrada a eles. Outros valores usados pelos mortos, tais como pulseiras, anéis, alianças, eram jogados pela abertura de um cofre. O ouro é um metal pesado e calculo que de 6 a 8 quilos eram recolhidos diariamente no crematório. Naturalmente que isso variava de um comboio para outro; enquanto uns eram relativamente ricos, outros vindos de localidades rurais eram mais pobres. Os comboios húngaros chegavam quase sem nada. Mas os holandeses, tchecos e poloneses, mesmo depois de vários anos nos guetos, conseguiam guardar e trazer suas jóias, seu ouro e seus dólares. Dessa forma, a Alemanha arrebanhava consideráveis tesouros.



Quando o último dente de ouro havia sido removido, os corpos iam para o *kommando* de incineração. Lá eram levados de três em três numa espécie de carrinho de mão feito com uma folha de metal. As pesadas portas dos fornos se abriam automaticamente; o carrinho entrava na fornalha aquecida até a incandescência.

Os corpos eram cremados em vinte minutos. Cada crematório trabalhava com quinze fornos e havia quatro crematórios. Isso significava que vários milhares de seres humanos poderiam ser cremados num só dia. Assim, durante semanas, meses — e anos — milhares de pessoas passavam diariamente pelas câmaras de gás e daí para as fornalhas. Nada além de um monte de cinzas sobrava nos

fornos. Os caminhões as levavam para o Vístula, onde eram despejadas nas águas agitadas do rio.

Depois de tanto sofrimento e horror ainda não havia paz nem para os mortos.

VIII

O LABORATÓRIO DE PATOLOGIA fora instalado por ordem do meu superior, o Dr. Mengele, para satisfazer suas ambições na área da pesquisa médica. Tinha recebido os últimos retoques somente alguns dias antes. Tudo que estava faltando para que começasse a funcionar era um médico que assumisse a chefia. O KZ oferecia vastas possibilidades para a pesquisa, primeiro no campo da medicina legal, devido à alta taxa de suicídios, e também na área da patologia, graças à taxa relativamente alta de anões, gigantes e outras aberrações humanas. A abundância de cadáveres — sem igual em qualquer canto do mundo — e o fato de que se podia dispor livremente deles — abria largos horizontes.

Eu sabia, por experiência, que as clínicas das maiores cidades do mundo conseguiam fornecer a seus institutos médicos legais de 100 a 150 corpos para pesquisa. O KZ de Auschwitz estava capacitado a fornecer literalmente milhões. Qualquer um que tivesse transposto os portões do KZ era candidato à morte. Aquele que o destino colocara na coluna da esquerda seria transformado em cadáver em menos de uma hora após sua chegada. Menos afortunado aquele que ia para a coluna da direita. Ele ainda era candidato à morte, mas com uma diferença durante os três ou quatro meses, ou quanto mais tempo fosse que ele durasse, teria que se submeter a todos os horrores que o KZ tinha para oferecer, até que sucumbisse por exaustão extrema. Sangraria pelas centenas de ferimentos. Seu estômago se contorceria de fome, seus olhos ficariam esbugalhados e andaria a gemer como um demente. Iria arrastar seu corpo pelos campos gelados até que não pudesse mais. Cães treinados lhe morderiam o corpo esfrangalhado e descarnado: então quando até mesmo os piolhos abandonassem seu corpo

esquelético, aí a hora do alívio, a hora da redenção estava perto. Quem, então, — de nossos pais, irmãos e filhos — era mais felizardo, aquele que ia para a esquerda ou o que ia para a direita?

Quando os trens chegavam, os soldados vasculhavam as fileiras formadas em frente aos vagões, à procura de gêmeos e anões. As mães, esperando que aquilo pudesse representar tratamento especial para seus filhos, imediatamente os entregavam aos guardas. Gêmeos adultos, sabendo que eram foco de interesse científico, ofereciam-se voluntariamente na esperança de um tratamento melhor. O mesmo acontecia com os anões. Eles eram separados do resto e mandados para a direita. Permitiam-lhes ficar com as roupas civis; os guardas conduziam-nos a barracões especiais, onde eram tratados com certas regalias. Sua alimentação era boa, suas camas confortáveis e as condições de higiene muito mais humanas.

Ficavam acomodados no Barracão 14 do Campo F e lá escoltados pela guarda, iam para os barracões de experiências do Campo Cigano, e ali submetidos a todo e qualquer exame que se possa fazer em seres humanos: exame de sangue, punções lombares, trocas de sangue entre irmãos gêmeos, assim como outros exames, todos fatigantes e deprimentes. Dina, a pintora de Fraga, fazia o estudo comparativo da estrutura craniana dos gêmeos, bem como das orelhas, ouvidos, bocas, mãos e pés. Cada desenho era classificado num arquivo feito para esse propósito, completado depois com todas as características individuais; desse arquivo também constaria o resultado final da pesquisa. O mesmo era feito com os anões.

As experiências, em linguagem médica chamadas *in vivo*, isto é experiências realizadas em seres humanos vivos, estavam longe de esgotar as possibilidades da pesquisa no estudo dos gêmeos. Cheias de lacunas, só ofereciam resultados parciais. O estudo *in vivo* era sucedido da fase mais importante do estudo dos gêmeos: o exame comparativo do ponto de vista anatômico e patológico. Aqui o problema era de examinar os órgãos sadios e compará-los com aqueles de funcionamento anormal, ou de comparar suas doenças. Para esse estudo, assim como para todos

os estudos de natureza patológica, eram necessários cadáveres. Uma vez que era preciso proceder à dissecação para a avaliação simultânea das anomalias, os gêmeos tinham de morrer ao mesmo tempo. E assim, eles encontravam a morte na seção B, em um dos barracões de Auschwitz, pelas mãos do Dr. Mengele.

Esse fenômeno era único na história da ciência médica do mundo. Irmãos gêmeos morriam juntos, e era possível fazer a autópsia em ambos. Onde, em circunstâncias normais, poder-se-ia achar irmãos gêmeos que morressem no mesmo lugar e ao mesmo tempo? Pois os gêmeos, como qualquer um, são separados por circunstâncias diversas. Eles vivem afastados um do outro e rarissimamente morrem ao mesmo tempo. Um pode morrer com dez anos, outro com cinqüenta. Sob tais condições, a dissecação comparativa é impossível. No campo de Auschwitz, porém, havia centenas de pares de gêmeos e, assim, muitas possibilidades de dissecação. Por esse motivo, na chegada dos comboios, o Dr. Mengele sempre separava os gêmeos e anões dos demais prisioneiros. Por esse motivo, os dois grupos de especiais iam para a coluna da direita e dali para os barracões. Por esse motivo, eles recebiam melhor alimentação e condições higiênicas mais favoráveis — para que não se contaminassem um ao outro e não morresse um antes do outro. Eles deveriam morrer juntos e com boa saúde.

O chefe do *Sonderkommando* veio me procurar dizendo que um soldado SS estava esperando por mim na porta do crematório com uma guarnição de transportadores de cadáveres. Saí à procura deles, pois eram proibidos de entrar no pátio. Peguei os documentos relativos aos corpos da mão do SS. Continham as fichas de dois pequenos gêmeos. A guarnição do *hommando*, formada inteiramente de mulheres, deixou o caixão tampado diante de mim. Levantei a tampa. Dentro estava um par de gêmeos de dois anos de idade. Ordenei a dois de meus homens que levassem os corpos para a mesa de dissecação.

Abri as fichas e examinei-as. Exames clínicos minuciosos, acompanhados de raios X, descrições e desenhos, indicavam os

diferentes aspectos, do ponto de vista científico, desses dois pequenos seres. Somente o relatório patológico estava faltando, e era meu trabalho fornecê-lo. Os gêmeos haviam morrido ao mesmo tempo e estavam, agora, deitados um ao lado do outro na mesa de dissecação. Eram eles — ou seus pequenos corpos — que deveriam resolver o segredo da reprodução da raça. Dar um passo à frente para a revelação do segredo de multiplicar a raça dos seres superiores destinados a governar era uma meta nobre". No futuro, cada mãe alemã deveria carregar em seu ventre tantos gêmeos quantos fossem possíveis! Esse projeto concebido pelos teóricos do III Reich, era completamente louco. E ao Dr. Mengele, médico-chefe do KZ de Auschwitz, o notório "médico criminoso", é que essas experiências tinham sido confiadas.

Entre os malfeitores e criminosos, o tipo mais perigoso é o "médico criminoso", especialmente quando investido de tão grandes poderes, tais como os do Dr. Mengele. Ele enviou milhões para a morte, simplesmente porque, de acordo com sua teoria racial, eram seres inferiores e, portanto, conspurcadores da humanidade. Esse mesmo médico assassino passava horas ao meu lado, ora no microscópio ou nos fornos de desinfecção, ora nos tubos de ensaio ou de pé, com a mesma paciência, ao meu lado na mesa de dissecação, com seu avental todo manchado de sangue, suas mãos ensangüentadas, examinando e testando como um possesso. O objetivo imediato era a produção de alemães puros para substituir os tchecos, húngaros e poloneses, todos condenados à destruição, mas que, no momento, estavam vivendo em territórios ocupados e declarados vitais para o III Reich.

Terminei a dissecação dos pequenos gêmeos e fiz um relatório minucioso da dissecação. Trabalhei bem e meu chefe parecia satisfeito comigo. Porém ele teve dificuldades para ler meu manuscrito, pois escrevi tudo em letras maiúsculas, um hábito que pegara na América ⁶. E então eu lhe disse que se ele quisesse uma cópia limpa e clara teria

⁶ O Dr. Nyiszli foi para os Estados Unidos no verão de 1939 e ficou até fevereiro de 1940, como membro da delegação romena para a Feira Mundial. Ele pretendia levar toda sua família e estabelecer-se nos Estados Unidos. Mas durante sua estada, estourou a guerra e teve de voltar para junto da família. Uma vez de volta, foi impossível deixar o país. Como resultado, Auschwitz.

que me fornecer uma maquina de escrever, pois era assim que eu estava acostumado a trabalhar.

— Que marca você usava? — perguntou-me.

— Olympia Elite — respondi.

— Muito bem, vou enviar-lhe uma. Amanhã você a terá aqui. Quero uma copia limpa, porque esse material vai para o Instituto de Pesquisa Racial, Biológica e Evolutiva, em Berlim — Dahlem.

Então, fiquei sabendo que as pesquisas feitas aqui eram checadas por altas autoridades médicas num dos mais avançados institutos científicos do mundo.

No dia seguinte, um SS trouxe uma "Olympia". Mais corpos de gêmeos me foram enviados. Recebi quatro pares do Campo Cigano; todos tinham menos de dez anos.

Comecei a dissecação de uma das crianças e registrei cada fase de meu trabalho. Removi a calota craniana. Depois procedi à abertura do tórax e à remoção do esterno. Em seguida, separei a língua por meio de uma incisão feita abaixo do queixo. Com a língua veio o esôfago, com as vias respiratórias vieram ambos os pulmões. Lavei os órgãos para examiná-los mais detalhadamente. A mais débil mancha ou a menor diferença na cor poderia fornecer informações valiosas. Fiz uma incisão transversal no pericárdio e removi o fluido. Tirei o coração e lavei-o. Com ele nas mãos, virei-o várias vezes para examiná-lo. No tampão exterior do ventrículo esquerdo via-se uma pequena mancha avermelhada, causada por uma injeção bipodérmica, que pouco diferia do tecido em volta. Não podia haver engano. A injeção fora dada com uma agulha muito pequena. Sem dúvida; uma agulha hipodérmica. Para que teria ele recebido uma injeção? Injeções no coração só podem ser dadas em casos extremamente sérios, quando ele começa a falhar. Eu logo saberia. Abri o coração, começando pelo ventrículo. Normalmente o sangue contido no ventrículo esquerdo é tirado e pesado. Esse método não podia ser empregado no presente caso porque o sangue estava coagulado numa massa compacta. Extraí o coágulo com um fórceps e cheirei-o. Fui atingido pelo odor

característico do clorofórmio. A vítima tinha recebido uma injeção de clorofórmio no coração, de forma que o sangue no ventrículo, coagulando-se, iria se depositar nas válvulas e causaria a morte instantânea por colapso cardíaco. Minha descoberta do mais monstruoso segredo da ciência médica do III Reich fez meus joelhos fraquejarem. Não somente matavam com gás, como também com injeções de clorofórmio no coração. Um suor frio começou a brotar em minha testa. Felizmente eu estava sozinho. Se outros estivessem presentes seria muito difícil para mim dissimular meu estado. Terminei a dissecação e registrei as diferenças encontradas. Mas o clorofórmio, o sangue coagulado no ventrículo esquerdo, a perfuração visível na capa externa do coração não figuravam entre minhas descobertas. Era uma precaução útil de minha parte. Os registros do Dr. Mengele, no assunto dos gêmeos, estavam em minhas mãos. Eles continham exames precisos, chapas de raios X, desenhos da já mencionada pintora, mas nenhuma referência à causa da morte. Nem tampouco preenchi essa lacuna no relatório de dissecação. Não era de bom alvitre exceder as fronteiras autorizadas do conhecimento ou relatar tudo que se testemunhou. E aqui, menos do que em qualquer outro lugar. Eu não era temeroso por natureza e meus nervos eram bons. Durante minha prática médica, trouxera à luz as causas das mortes. Tinha visto cadáveres de pessoas assassinadas por vingança, por inveja ou para a obtenção de vantagens materiais, bem como de suicidas e de pessoas que morreram de morte natural. Estava acostumado ao estudo de obscuras causas de morte. Em várias ocasiões ficara chocado com as minhas descobertas, mas agora uma onda de medo tomava conta de mim. Se o Dr. Mengele descobrisse que eu sabia das injeções secretas, enviaria, em nome da política da SS, dez médicos para atestar a minha morte.

De acordo com as ordens que recebi, devolvi os corpos aos prisioneiros encarregados de queimá-los. Eles fizeram seu trabalho sem demora. Eu tinha que guardar quaisquer órgãos que por acaso tivessem interesse científico para que o Dr. Mengele os examinasse. Aqueles que

pudessem interessar ao Instituto Antropológico de Berlim-Dahlem seriam conservados em álcool. Esses órgãos eram especialmente embalados para serem enviados pelo correio. Com a etiqueta de "Material de Guerra — Urgente", a eles era dada a prioridade máxima de trânsito. No transcurso do meu trabalho no crematório, despachei um número considerável desses pacotes. Recebia em resposta precisas informações científicas ou instruções. A fim de classificar essa correspondência, tive de organizar arquivos especiais. Os diretores do Instituto Berlim-Dahlem sempre agradeciam calorosamente por esse raro e precioso material.

Terminei de dissecar os três outros pares de gêmeos e maquinalmente registrei as anomalias encontradas. Em todos os três casos, a causa da morte fora a mesma: uma injeção de clorofórmio no coração.

Dos quatro pares de gêmeos, três tinham globos oculares de cor diferente entre si. Um olho era azul e outro castanho.

Esse fenômeno é bastante raro em não-gêmeos. Mas no caso presente, notei que em 8 gêmeos isso ocorria seis vezes. Uma coleção de anomalias extremamente interessantes. A ciência médica classifica-os como heterocromos, o que significa simplesmente de cores diferentes. Cortei os olhos e coloquei-os numa solução de formaldeído, anotando pormenorizadamente suas características, a fim de não misturá-las. Durante o exame dos quatro pares de gêmeos, descobri outro fenômeno ainda mais curioso: ao remover a pele do pescoço, notei imediatamente acima da extremidade do esterno um tumor do tamanho de uma pequena noz. Pressionando-o com o fórceps, vi que estava cheio de pus. Essa rara manifestação, conhecida na ciência médica com o nome de tumor de DuBois, indicava a presença de sífilis hereditária. Observando mais, vi que ele existia em todos os oito gêmeos. Seccionei o tumor, deixando-o cercado de tecido sadio, e mergulhei-o em outro vidro de formaldeído. Em dois pares de gêmeos descobri também a evidência de uma ativa e cavernosa tuberculose. Registrei meus achados, mas deixei a cláusula "causa da morte" em branco.

Durante a tarde fui visitado pelo Dr. Mengele. Fiz um relato detalhado do meu trabalho de manhã e entreguei-lhe o relatório. Ele sentou-se e começou a ler cada caso atenciosamente. Ficou muito interessado pela característica heterocromática dos olhos, porém ainda mais interessado na descoberta do tumor de DuBois. Deu-me instruções para despachar aqueles órgãos e incluir meu relatório na remessa. Ordenou-me também que preenchesse o item "causa da morte". A escolha das causas ficava a meu critério e descrição; a única recomendação era de que cada causa fosse diferente. Quase que se desculpando, quis fazer-me ver que aquelas crianças, como eu mesmo pudera notar, eram tuberculosas e sífilíticas, e morreriam mais cedo ou mais tarde... Não tocou mais no assunto. Aquela tinha sido sua explicação para a morte das crianças. Contive-me ao máximo para não fazer qualquer comentário. Mas aprendi mais uma coisa: aqui, tuberculose e sífilis não eram tratadas com remédios e, sim, com injeções de clorofórmio no coração.

Fiquei estarrecido só de pensar o quanto tinha aprendido durante a minha curta estada aqui, e o quanto ainda teria que testemunhar sem protestar, até que minha própria hora chegasse. No momento que entrara neste lugar tivera a exata sensação de que já era um morto-vivo. Mas agora, de posse de todos esses segredos fantásticos, estava certo de que nunca mais sairia vivo dali. Como era possível que o Dr. Mengele ou o Instituto Berlim-Dahlem fossem permitir que eu deixasse com vida este lugar?

IX

JÁ ERA TARDE E ESTAVA ficando escuro. O Dr. Mengele tinha saído e eu fiquei só com meus pensamentos. Mecanicamente, arrumei os instrumentos usados para as autópsias e depois de lavar as mãos fui para a sala de trabalho e acendi um cigarro, pensando em ter um minuto de paz. De repente, ouvi um grito que me deu calafrios na espinha. Imediatamente depois um baque que soou como um corpo caindo. Fiquei escutando, meus nervos ficaram tensos pelo que os próximos minutos trariam. Antes que o minuto seguinte tivesse passado, ouvi outro grito seguido de um estampido e de um baque surdo. Contei setenta gritos, estampidos e baques. Percebi o ruído de passadas pesadas se afastando e tudo ficou quieto.

A tragédia sangrenta que tinha acabado de acontecer passara-se no aposento contíguo à sala de dissecação. O corredor levava diretamente a ele. Era um lugar mal iluminado, de chão de concreto e janelas gradeadas que davam para o pátio dos fundos. Eu o usava para guardar os corpos, mantendo-os ali até que chegasse a vez de serem dissecados, devolvendo-os para lá até que fossem apanhados para serem queimados. Roupas surradas de mulher, sapatos gastos de madeira, óculos, pedaços de pão dormido — o conjunto costumeiro de artigos femininos das mulheres do KZ — estavam caídos no chão, empilhados na entrada do quarto. Depois do que tinha ouvido, estava preparado para qualquer coisa de extraordinário. Entrei no quarto e olhei rapidamente em volta. Uma cena dantesca gradualmente se descortinou: diante de mim estavam esparramados os corpos nus de setenta mulheres. Contorcidas, banhadas em seu próprio sangue e no das outras, elas se misturavam num conjunto diabólico.

À medida que meus olhos ficavam mais acostumados à

escuridão do quarto, fui descobrindo, para meu horror, que nem todas as vítimas estavam mortas. Algumas ainda respiravam, movendo os braços e as pernas lentamente; com o olhar vidrado, tentavam levantar a cabeça ensangüentada. Ergui a cabeça de algumas delas, duas ou três, que ainda viviam, e percebi que, além da morte por gás e injeções de clorofórmio, havia uma terceira maneira de matar aqui: uma bala na nuca. O ferimento revelava que a bala era de 6 mm: não havia o buraco de saída. Dessas observações concluí que o material utilizado na bala foi chumbo macio, porque só esse tipo de bala iria se alojar na estrutura craniana. Infelizmente, eu conhecia alguma coisa sobre o assunto e pude caracterizar a situação em todo seu horror. Não havia nada de surpreendente que essas balas de pequeno calibre não causassem a morte instantânea em todos os casos, mesmo tendo sido o tiro desferido de uma distância de poucos centímetros da medula espinhal, e as queimaduras de pólvora na pele provocavam isso. Parecia que, em alguns casos, a bala tinha-se desviado ligeiramente do seu caminho; desta forma a morte não fora instantânea.

Registrei isso também, mas não pensei mais; temia ficar louco.

Saindo para o pátio, perguntei a um membro do *Sonderkommando* de onde tinham vindo as mulheres.

— Foram trazidas da Seção C — respondeu. — Toda noite um caminhão traz setenta delas. Todas recebem uma bala na nuca.

Com minha cabeça girando de terror, caminhei pelo caminho estreito que dividia o bem guardado gramado do pátio do crematório. Meu olhar perambulou pelo pátio onde estava sendo feita a chamada do *Sonderkommando*. Naquela noite não houve mudança de guarda. O crematório no. 1 não estava trabalhando. Olhei na direção dos nos. 2, 3 e 4: suas chaminés estavam cuspidando labaredas e fumaça — os negócios não podem parar.

Ainda era cedo para o jantar. Os homens do *kommando* organizaram uma partida de futebol. Os times formaram no gramado: "SS x SK". Num lado do campo os guardas SS do crematório, no outro os homens do *Sonderkommando*. Começou o jogo e gargalhadas sonoras

encheram o pátio. Os espectadores tornaram-se torcedores entusiasmados, gritavam e torciam pelo time de sua preferência, como se aquele fosse o campo de futebol de uma pacífica cidadezinha. Estupefato, também registrei isso mentalmente. Sem esperar o fim do jogo, voltei para o meu quarto. Depois do jantar, engoli duas pílulas para dormir e caí no sono. Eu precisava desesperadamente dormir, pois sentia que meus nervos estavam a ponto de estourar. Nesses casos, as pílulas para dormir eram o melhor remédio.

X

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei com um tremendo mal-estar. Dirigi-me para o chuveiro no quarto ao lado e deixei as águas geladas do Vistula caírem sobre mim durante uma meia hora. Aquilo refrescou meus nervos cansados e dissipou a sonolência causada pelas pílulas.

Como os alemães se preocupavam conosco! Construíram dez maravilhosos banheiros para uso exclusivo do *Sonderkommando*. Aqueles que lidam com cadáveres devem se lavar constantemente, por isso o banho de chuveiro era obrigatório duas vezes por dia, um regulamento ao qual todos nós nos submetíamos alegremente.

Examinei o conteúdo de minha maleta médica. Encontrei um estetoscópio, aparelho de medir pressão, algumas boas seringas, um certo número de outros instrumentos, remédios e varias ampolas para injeções de emergência. Estava satisfeito em ter tudo aquilo porque sabia que seria necessário durante as minhas "visitas". Aqui no *Sonderkommando*, «visitas" significavam fazer a ronda pelos quatro crematórios. Comecei em meu próprio crematório. Primeiro parei nos alojamentos SS planejando examinar a todos que se apresentassem, pois havia sempre alguém. Nos crematórios, todos simulavam doença de tempos em tempos a fim de conseguir um descanso breve daquele trabalho exaustivo e neurotizante. Surgiam também casos mais sérios algumas vezes, mas não havia problema para se cuidar deles quanto aos estoques de remédios estávamos tão bem abastecidos quanto a maior farmácia de Berlim.

A um *kommando* especial era dada a incumbência de checar todas as bagagens deixadas na ante-sala da morte pelos deportados e recolher todos os remédios antes que as roupas e bagagens fossem levadas. Esses remédios me eram entregues para que eu procedesse a uma classificação de acordo com o seu tipo e finalidade. Não era um

trabalho fácil porque os remédios que chegavam a Auschwitz pertenciam a pessoas vindas de todos os lugares da Europa. Desta forma, havia rótulos em holandês, grego e polonês, e eu devia decifrar todos. Devo mencionar, de passagem, que, em geral, os remédios eram sedativos de diversas espécies. Sedativos para acalmar os nervos dos judeus perseguidos na Europa.

Após minha visita aos SS, subi para o alojamento do *Sonderkommando*. Enquanto estava lá, tratava de alguns cortes e arranhões comuns entre os motoristas. Os homens do *kommando* raramente sofriam de alguma enfermidade orgânica, pois eram muito bem alimentados, andavam muito limpos e a roupa de cama era sempre nova. Além disso, eram, na maioria, jovens, escolhidos a dedo por sua força e constituição física. No entanto, a quase totalidade tinha uma tendência para distúrbios nervosos, pois recebiam uma carga tremenda, sabendo que seus irmãos, esposas e pais — sua raça inteira — estavam sendo dizimados aqui. Dia após dia carregavam milhares e milhares de cadáveres para os crematórios onde, com suas próprias mãos, os atiravam nos incineradores. O resultado era uma aguda depressão nervosa e, freqüentemente, neurastenia. Todos aqui tinham um passado que relembriam consternados e um futuro contemplado com desespero. O futuro do *Sonderkommando* estava firmemente circunscrito ao tempo. A dolorosa experiência de quatro anos mostrava que esse tempo era de quatro meses. No fim desse período, uma companhia de SS chegava. O *kommando* inteiro era reunido no pátio dos fundos do crematório. Uma metralhadora espocava. Meia hora depois um novo esquadrão de *Sonderkommando* chegava. Eles tiravam a roupa de seus companheiros mortos, dos quais, alguns minutos depois, só cinzas restavam. A primeira tarefa de cada *Sonderkommando* era cremar seus predecessores. Durante as minhas visitas, havia sempre alguém que me implorava um veneno rápido e indolor. Eu invariavelmente recusava. Hoje me arrependo disso. Estão todos mortos. Sua morte era rápida, é verdade — não auto-administrada como eles teriam preferido, mas pelas mãos dos carrascos nazistas.

XI

MINHA VISITA SEGUINTE foi ao Crematório no. 2, que estava separado do n.º 1 por um caminho através de alguns campos e pela mesma plataforma de desembarque. Ele fora construído segundo os mesmos padrões do número um. A única diferença que pude notar foi que a sala reservada para a dissecação no número 1 tinha sido ocupada por uma fundição de ouro. Fora isso, o desenho da ante-sala da morte, da câmara de gás, dos incineradores e dos alojamentos dos SS e dos *Sonderkommandos* eram exatamente iguais.

Era para essa fundição que todos os dentes, as pontes e obturações dos prisioneiros dos quatro crematórios eram levados. Também vinham todas as jóias, moedas de ouro, pedras preciosas, jóias de platina, relógios, cigarreiras de ouro e qualquer outro objeto de metal precioso achado nas malas, valises, roupas ou nos corpos das vítimas. Três ourives eram empregados lá. Primeiro eles desinfetavam as jóias, depois as separavam e classificavam. Removiam as pedras preciosas e enviavam os engastes para a fundição. Os dentes de ouro e as jóias fornecidas cada dia pelos quatro crematórios produziam, uma vez fundidas, entre 30 e 40 quilos de ouro.

A fundição era feita num crisol de grafita com aproximadamente 5 cm de diâmetro. O peso do cilindro de ouro era de 140 gramas. Eu sabia esse peso com exatidão porque pesei mais de um numa balança de precisão na sala de dissecação. Os dentistas que removiam os dentes de ouro não atiravam todo o metal precioso no vasilhame de ácido — uma parte ia para o bolso dos SK na hora que esses mórbidos tesouros estavam sendo recolhidos. O mesmo acontecia com as jóias e pedras costuradas nas barras das roupas e as moedas de ouro deixadas no vestiário. Em última instância, era o *Sonderkommando* encarregado de

vasculhar a bagagem que lucrava. Aquilo era um jogo extremamente perigoso, pois os SS tinham a estranha faculdade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo e mantinham uma vigilância rigorosa sobre essa propriedade que, daí em diante, pertenceria ao III Reich. Nem é preciso dizer que eles mantinham um controle ainda mais rigoroso sobre as jóias.

A princípio eu não compreendia como é que, do ponto de vista judicial e moral, o *Sonderkommando* podia embolsar o ouro. Alguns dias mais tarde, quando consegui perceber toda a situação, inclinei-me a admitir que se alguém devesse ser o herdeiro único e legal de todos os tesouros que ali chegavam, era o *Sonderkommando*.

Os homens do *Sonderkommando* também fundiam seu ouro. Apesar da estrita vigilância, havia sempre um jeito de levá-lo até os ourives e depois retomá-lo já em forma de "moedas" de 140 gramas. Mas botar esse ouro para trabalhar, quer dizer, trocá-lo por mercadoria útil, essa era uma tarefa bem mais difícil. Eles não sonhavam em acumular esse ouro, pois sabiam que dentro de quatro meses estariam mortos; embora, para nós, quatro meses fosse um longo tempo. Ser condenado à morte e ainda por cima obrigado a fazer trabalhos tais como os que fazíamos todos os dias era para arrebentar o corpo e a alma dos mais fortes, e levar muitos às raias da loucura. Era, pois, necessário tornar a vida mais fácil, mais suportável, ainda que fosse por algumas semanas. Com ouro isso era possível, mesmo nos crematórios.

Assim foi criada, no tempo do primeiro *Sonderkommando*, uma unidade de troca: o cilindro de ouro de 140 gramas. Essa mesma unidade estava ainda sendo usada pelo décimo-segundo *Sonderkommando*. Os ourives não tinham nenhum crisol de diâmetro menor, assim não havia jeito de se fazer "moedas" menores.

No crematório, um objeto não tinha "valor" no sentido ordinário da palavra. Qualquer um que pagasse alguma coisa com ouro já tinha pago com sua vida na hora em que entrara aqui. Mas a pessoa que dava algo em troca de ouro arriscava duplamente o pescoço; a primeira vez quando trazia os artigos que eram difíceis de passar, pois desde o lado

de fora havia barreiras de SS onde todos que passavam eram minuciosamente revistados; e depois, ao sair levando seu pagamento em ouro, pois também passava por revista rigorosa.

Em seu caminho para fora, o ouro era carregado no bolso de um homem do *Sonderkommando* até o portão do crematório. Lá passava para outras mãos. O homem que o carregava aproximava-se do guarda e trocava umas palavras com ele. Esse último virava-se e afastava-se do portão. Na seção da via férrea que passava em frente ao "krema", um grupo de 20 a 25 poloneses trabalhava. A um sinal do homem do *Sonderkommando*, o seu chefe se aproximava com um saco dobrado e pegava o ouro, que estava embrulhado em papel. Assim, o saco contendo os artigos desejados passava em segurança para dentro do crematório.

O homem do *Sonderkommando* entrava na casa da guarda, que ficava perto do portão, tirava cerca de cem cigarros e uma garrafa de *brandy* do saco. O soldado SS entrava e imediatamente escondia os cigarros e a bebida. Evidente que ele ficava muitíssimo satisfeito, pois os SS recebiam apenas dois cigarros por dia e nenhuma bebida alcoólica. E, no entanto, ambos eram indispensáveis aqui. Os SS bebiam e fumavam com sofreguidão, como também o faziam os homens do *Sonderkommando*.

Outros artigos indispensáveis tais como manteiga, ovos, *bacon* e cebolas eram contrabandeados por esse mesmo método. Porém, com os deportados comuns nada disso acontecia. Uma vez que o ouro era obtido através de um esforço coletivo, a distribuição da mercadoria conseguida em sua troca era feita também coletivamente. Assim, não só o pessoal do *Sonderkommando* como os soldados SS recebiam uma provisão considerável de alimentos, cigarros e bebidas. Todos fechavam os olhos àquele tráfico, pois era vantajoso para todos que ele continuasse. Tomado individualmente, qualquer SS do crematório era subornável. Só não confiavam neles próprios, pois sabiam que o *Sonderkommando* nunca traía ninguém e nem nunca trairia. Por isso é que a comida, a bebida e os cigarros eram entregues aos SS por um

"homem de confiança" do *Sonderkommando*.

Pelo mesmo caminho "subterrâneo", o órgão oficial do III Reich, o *Vöotkischer Beobachter*, era levado todos os dias ao crematório, cada vez por um trabalhador diferente. Uma assinatura mensal custava um cilindro de 140 gramas. Qualquer um que arriscasse a vida trinta dias por mês, para trazer o jornal aos prisioneiros, merecia o preço pago.

Desde minha chegada ao crematório, fui o primeiro a receber um exemplar. Li-o num lugar escondido e seguro, e depois relatei os principais acontecimentos do dia a um dos prisioneiros-funcionários, que então passava a outro as notícias e assim sucessivamente, até que todos ficassem a par das últimas notícias.

O *Sonderkommando* era um grupo de elite; suas vantagens e privilégios já foram contados. Em contraste com os prisioneiros do campo propriamente dito, que minguavam em barracos infectos, lutando furiosamente por um naco de pão ou um pedaço de tomate, seu tratamento era relativamente bom. Consciente dessa situação de desequilíbrio, o *Sonderkommando* distribuía comida e roupas aos seus companheiros menos afortunados sempre que podia.

Durante os últimos dias, um *kommando* feminino de cerca de 500 operárias esteve trabalhando duro, não muito longe dos portões do crematório. Eram vigiadas por dois SS e quatro cães pastores. Alguns homens do *Sonderkommando*, com permissão dos seus superiores, aproximaram-se dos dois SS que guardavam as prisioneiras e deram um maço de cigarros a cada um. Com isso o acordo estava selado. O trabalho das mulheres era carregar pedras para a construção de uma estrada. Então, algumas delas, carregadas de pedras, aproximaram-se do nosso portão como se seu trabalho as tivesse levado lá, e imediatamente apanharam todas as roupas que tinham sido juntadas para elas. Levaram também pão, *bacon* e cigarros. Depois saíram e vieram outras do *kommando* até que cada uma tivesse recebido sua parte. Não havia nunca favoritismo por parte do *Sonderkommando*, pois nenhum de nós conhecia qualquer das mulheres pessoalmente. Radiantes com os presentes, elas voltaram ao trabalho. No dia seguinte,

outro grupo substituía o anterior e a mesma cena se repetia.

Os imensos armazéns dos crematórios possuíam uma quantidade enorme de roupas e sapatos, aguardando o embarque, e creio que vários milhares de mulheres foram ajudadas pelo *Sonderkommando* dessa maneira. Eu também tentava dar a minha contribuição: enchia meus bolsos com vitaminas, tabletes de sulfa, vidros de iodo, esparadrapo e tudo que considerava pudesse ser de utilidade, entregava às mulheres que passavam.

Quando meu estoque chegava ao fim, voltava ao quarto e enchia novamente os bolsos; para aqueles que recebiam esses medicamentos eles freqüentemente representavam a diferença entre a vida e a morte. Pelo menos por algum tempo.

Depois de visitar o número 2, passei para o no. 3 e o no. 4. Enquanto o número 3 era composto, em sua grande maioria, de gregos e poloneses (notei também cerca de cem húngaros), o número 4 era quase que totalmente de poloneses e franceses. Em todas essas fábricas da morte, o trabalho estava a todo vapor. Da plataforma de desembarque de judeus, que era dividida em quatro grandes divisões (como dedos de uma mão), similares ao delta de algum rio, as vítimas eram despejadas para a morte com uma fúria insana. Notei, horrorizado, com que ordem e automatismo os assassinos agiam, como se aquelas fabricas estivessem ali para durar toda a eternidade.

Se por um milagre eu conseguir sair vivo desse lugar pensei comigo mesmo, e tiver uma chance de contar tudo que testemunhei e pelo qual passei, quem acreditará em mim? Palavras, descrições são totalmente impotentes para dar a quem quer que seja uma idéia exata do que seja isso aqui. Então meu esforço desesperado para tudo gravar e registrar em minha mente e em vão.

Com esse pensamento desencorajador na cabeça, completei meu primeiro dia de ronda pelos quatro crematórios.

XII

CONSEGUI UM VOLUME do dicionário francês *Petit Larousse*. Com a ajuda de seus mapas, tentei localizar os nomes dos vários lugares mencionados nos jornais que lia. Sozinho em meu quarto, estudei a situação militar ao longo das frentes oriental e sul. Passos pesados ressoaram no corredor. Imediatamente escondi o dicionário e fiquei olhando impaciente para a porta. O comandante do crematório entrou para informar-me que uma importante comissão chegaria às duas horas da tarde, e que eu deveria estar com a sala de dissecação pronta para recebê-la.

Antes da comissão chegar, entrou um caixão fechado, completamente enrolado em tecido negro. Dentro estava o corpo de um capitão SS. Coloquei-o sobre a mesa de dissecação assim como me foi entregue.

A comissão, constituída de altos oficiais trajados impecavelmente, chegou com pontualidade: um coronel SS do Corpo Médico, um juiz, dois funcionários da Gestapo e um relator da corte marcial. Alguns minutos depois, entrou o Dr. Mengele. Pedi-lhes que se sentassem. Teve lugar, então, uma pequena conferência, onde os dois homens da Gestapo relataram com alguns detalhes as circunstâncias da morte de seu colega.

Os ferimentos, causados por arma de fogo, apontavam ou para assassinato premeditado ou crime comum; a hipótese do suicídio foi logo afastada, pois o revólver do capitão ainda estava no coldre quando o cadáver foi encontrado. Pela hipótese do crime comum achavam que podia ter sido cometido por outro oficial ou então por algum subalterno que tivesse algo contra ele. Mas a possibilidade do assassinato premeditado era mais aceitável: era comum haver crimes de morte na

cidade polonesa de Gleiwitz, onde havia atividade constante de grupos da Resistência.

O objetivo da autópsia era determinar se o tiro fora desferido pela frente ou pelas costas, qual o calibre e as características da arma usada e a distância aproximada entre o atirador e a vítima. No momento não havia nenhum médico qualificado em Gleiwitz, que ficava a apenas quarenta quilômetros de Auschwitz, sendo este o ponto mais próximo onde uma autópsia podia ser efetuada em condições satisfatórias.

No meu papel de observador, permaneci a uma distância respeitosa do grupo enquanto a conversa prosseguia e aguardei no paciente mutismo que é esperado de todo prisioneiro do KZ, que o Dr. Mengele desse as ordens.

Nunca podia imaginar que a um judeu prisioneiro do KZ, como eu, fosse permitido sujar, com meu contato, o corpo de um oficial SS. Quanto a caber a mim fazer a autópsia, nunca nem mesmo sonhara com isso, especialmente levando em conta, mesmo sendo chamado de cidadão livre, que as leis raciais me impediam de prestar qualquer assistência médica aos cristãos, ou, mais exatamente, aos arianos. Por isso fiquei surpreso quando o Dr. Mengele me ordenou que prosseguisse com a autópsia.

A primeira tarefa, que não era nada fácil, foi tirar a roupa do morto. Somente para retirar as botas seriam necessários dois homens. Solicitei, ao Dr. Mengele permissão para chamar dois assistentes. Enquanto o cadáver estava sendo despido, os membros da comissão empenharam-se numa discussão acalorada e praticamente não prestaram atenção em mim e em meus auxiliares.

Ao fazer a primeira incisão comecei a defrontar-me com um ataque de medo e um absurdo sentimento de inferioridade. Cortei a pele do crânio e, com um movimento rápido e preciso, puxei metade da pele do rosto e a outra metade até a nuca. O passo seguinte seria mais difícil: tratava-se de serrar o crânio e remover a calota craniana. Quase mecanicamente procedi a essas operações.

Chegara a vez agora de examinar os dois ferimentos causados

pela bala. Se ela tivesse atravessado o corpo, deveria haver naturalmente dois furos, um na entrada e outro na saída. Na maioria dos casos, o médico não tem problema para apontar qual é qual: o ponto por onde a bala entra é sempre menor do que aquele por onde sai. Neste caso, porém, havia dois orifícios exatamente do mesmo tamanho, um abaixo do mamilo esquerdo e o outro perto da face superior da omoplata.

O caso não estava nada claro e, por conseguinte, muito mais interessante. O que poderia ter causado a uniformidade desses dois ferimentos? O Dr. Mengele era de opinião que tinha havido dois tiros, um pela frente e outro por trás. Esse poderia muito bem ser o caso, se o oficial tivesse caído após o primeiro tiro e levado o segundo quando já estivesse no chão. Nenhuma das duas balas atravessara todo o corpo, e isso explicaria os dois ferimentos idênticos. Essa teoria parecia bastante plausível, mas faltava ser verificada. Para tanto, eu teria de acompanhar o caminho que as balas haviam percorrido. Ao fazer isso, descobri que a bala que entrara no corpo pelo mamilo esquerdo perfurara o coração, batera na extremidade esquerda da coluna vertebral e continuara a subir num ângulo de 35° até alcançar a extremidade de cima da omoplata, onde batera e saíra do corpo. Não podia haver dúvidas quanto a isso; somente uma bala havia sido disparada pela frente, pois o caminho por ela percorrido era ascendente, da frente para trás, num ângulo de 35°. A razão da existência de dois buracos do mesmo tamanho era que a bala havia raspado a coluna vertebral e tirado um pedaço da omoplata; consideravelmente atenuada por esses obstáculos, a bala deixara o corpo depois de grande parte de seu impulso ter-se perdido. Além disso, é bastante duvidoso que alguém apontasse para baixo num ângulo de 35° ao atirar. Para fazer tal coisa, seria necessário que o assassino erguesse seu braço bem acima da cabeça. Assim, parecia-me óbvio que a bala havia sido disparada de frente, e que a arma fora apontada um pouco acima da linha horizontal no momento do tiro, que foi desferido de perto. Provavelmente o assassino fora impedido por algum obstáculo imprevisto de erguer um

pouco mais a arma. Mas essa era uma questão para o inquérito decidir.

Notei que minhas observações satisfizeram os membros da comissão, pois me comunicaram que, no futuro, todos os casos que exigissem autópsia seriam enviados para cá. Eles acharam esse arranjo bastante satisfatório. Assim eu me tornei, com essa única autópsia, o médico-legista do KZ encarregado de todos os assuntos pertinentes à medicina legal no distrito de Gleiwitz.

XIII

UMA MADRUGADA RECEBI um telefonema ordenando-me que fosse imediatamente à "pira" para trazer de volta ao crematório no. 1 todos os remédios e óculos que haviam sido recolhidos lá. Depois de classificados, seriam remetidos para vários pontos da Alemanha.

A pira ficava localizada a uns quatrocentos ou quinhentos metros do crematório no. 4, bem atrás da pequena floresta de videiros de Birkenau, numa clareira cercada de pinheiros. Ficava do lado de fora da cerca eletrificada de arame farpado do KZ, entre a primeira e a segunda linha de guardas. Uma vez que eu não estava autorizado a me afastar além dos limites do confinamento, requisitei permissão por escrito. Eles me forneceram um salvo-conduto para três pessoas, pois eu planejava levar dois homens para que me ajudassem a carregar o material para fora do crematório.

Caminhamos em direção aos rolos espirais de fumaça grossa. Todos os infelizes que eram levados para lá viam aquelas colunas de fumaça, visíveis de qualquer ponto do KZ. A qualquer hora do dia ou da noite podia-se vê-las, e desde o momento em que os prisioneiros eram despejados dos vagões de carga, aquela era uma das visões para a qual tinha o olhar atraído. Durante o dia ela cobria o céu de Birkenau com uma nuvem espessa; à noite, toda a área ficava iluminada com aquela resplandescência infernal.

Nosso caminho nos levou para além dos crematórios. Após mostrarmos aos guardas SS o salvo-conduto, passamos por uma abertura no arame farpado e alcançamos uma estrada aberta. Os arredores — um terreno todo coberto de grama verdejante — espelhavam tranquilidade. Porém, meus olhos observadores logo descobriram, a cerca de uns cem metros, os guardas da segunda linha

descansando sobre a grama ou sentados ao lado de suas metralhadoras e cães pastores.

Atravessamos a clareira e chegamos a uma pequena floresta de pinheiros. Novamente nosso caminho foi barrado por uma cerca e portão de arame farpado. Uma grande tabuleta, igual às dos portões dos crematórios, estava pendurada lá:

A ENTRADA É ESTRITAMENTE PROIBIDA PARA TODOS QUE NÃO TRABALHAM AQUI. INCLUSIVE PARA O PESSOAL DA SS NÃO AUTORIZADO POR ESSE COMANDO.

Apesar do aviso, entramos sem que os guardas nos pedissem o passe. A razão era simples: os guardas SS de serviço eram do crematório e os sessenta homens do *Sonderkommando* que trabalhavam na pira eram também do crematório no. 2; no momento, a troca do dia já tinha sido feita. Eles trabalhavam de 7 da manhã às 7 da noite, quando eram substituídos pelo pessoal do turno da noite, que também se compunha de sessenta homens do crematório no. 4.

Depois de passar pelo portão, alcançamos um lugar aberto que parecia um pátio no meio do qual havia uma casa de telhado de palha, cujo reboco estava soltando. Seu estilo era das típicas casas de campo alemãs e suas pequenas janelas estavam cobertas com tábuas. Aliás, não havia dúvida de que havia sido casa de campo durante pelo menos cento e cinqüenta anos, a julgar pelo telhado de palha, que há muito tornara-se enegrecido, e pelas paredes várias vezes remendadas.

O Estado alemão havia expropriado toda a aldeia de Birkenau, perto de Auschwitz, a fim de estabelecer lá o KZ. Todas as casas, com exceção dessa, haviam sido demolidas e a população removida.

Em que esta casa deveria estar sendo usada? Teria sido destinada a servir de habitação? Nesse caso, seu interior deveria ter sido dividido em quartos. Ou teria sido ela originalmente um único e espaçoso aposento sem divisões, idealizada para ser usada como depósito? Eram as perguntas que fazia a mim mesmo e não conseguia

me dar uma resposta satisfatória. De qualquer modo, ela era agora usada como quarto de despir para aqueles que iam para a pira. Era aqui que depositavam suas roupas surradas, seus óculos e seus sapatos.

Era para cá que vinha o "excedente" da "rampa dos judeus isto é, aqueles para quem não havia lugar nos quatro crematórios. A pior espécie de morte os aguardava. Aqui não havia mangueiras d'água para saciar a sede de uma viagem de vários dias nem tabuletas mentirosas que alimentavam suas esperanças, nem câmara de gás, com a qual os alemães pudessem enganá-los, fazendo-a passar por sala de desinfecção. Era somente uma casa de camponeses, algum dia pintada de amarelo e coberta de palha, cujas janelas haviam sido fechadas com tábuas.

Atrás da casa, enormes colunas de fumaça subiam ao céu, espalhando o cheiro de carne queimada e cabelo chamuscado. No pátio, uma multidão aterrorizada de cerca de 5.000 almas; por todos os lados, fileiras compactas de SS, segurando cães furiosos. Os prisioneiros eram levados em grupos de 300 ou 400 de cada vez para se despirem. Lá, sob uma chuva de cacetadas, largavam suas roupas e saíam pela porta do lado dos fundos da casa, dando lugar aos que se seguiam. Uma vez do lado de fora da porta, não tinham tempo nem mesmo de olhar em volta ou de perceber o horror de sua situação. O *Sonder-kommando* puxava-os pelos braços, conduzindo-os diante de uma fileira dupla de SS, alinhados no caminho serpenteante que era ladeado por uma floresta. A pira, até então escondida pelas arvores, surgia à vista.

A pira era uma vala de uns quarenta metros de comprimento, cinco metros de largura e três de profundidade, uma caldeira de queimar corpos. Os soldados SS, formados em intervalos de quatro metros uns dos outros, ao longo da vala, aguardavam suas vítimas. Eles usavam armas de pequeno calibre (seis milímetros) que, no KZ, eram utilizadas para administrar uma bala na nuca dos condenados. No fim do caminho, dois homens do *Sonderkommando* arrastavam as vítimas pelo braço por uns vinte metros até diante dos SS. Seus gritos de terror

abafavam o estampido dos tiros. Um tiro e, imediatamente depois, mesmo antes de morrer, a vítima era atirada nas chamas. Quatro metros adiante a mesma cena se repetia. O *Oberschmrführer* Molle era o comandante desses carneiros. Como médico, e como testemunha ocular, juro que era o mais abjeto, diabólico e empedernido assassino do III Reich. Mesmo o Dr. Mengele mostrara uma vez ou outra sinais de que era humano. Durante as seleções na rampa de desembarque, quando notava uma mulher jovem e saudável que se esforçava por juntar-se à sua mãe na coluna da esquerda, ele gritava e a xingava com violência, ordenando que voltasse para a coluna da direita. Mesmo o animal do crematório no.1, o *Oberschaarführer* Mussfeld, dava um segundo tiro naqueles a quem o primeiro não havia liquidado. Molle, no entanto, não perdia tempo com essas banalidades. Aqui, a maior parte dos homens era jogada com vida nas labaredas. E pobre de qualquer *Sonderkommando* que, por qualquer motivo, interrompesse a corrente viva que se estendia da sala de despir até a pira, deixando algum membro do esquadrão de fuzilamento parado por alguns segundos à espera de nova vítima.

Molle estava em todos os lugares ao mesmo tempo. Corria incansável de uma pira para outra, de lá para a casa e novamente para as piras. A maior parte das vezes os condenados se deixavam levar sem resistência, o terror paralisava-os de tal modo que não percebiam o que estava prestes a lhes acontecer. Quase todos os velhos e as crianças reagiam dessa forma. Havia, no entanto, muitos adolescentes que instintivamente tentavam resistir, com uma força nascida do desespero. Se acontecia de Molle testemunhar uma tal cena, ele tirava sua arma do coldre. Um tiro, uma bala disparada geralmente a quarenta ou cinquenta metros de distância, e a vítima, que se debatia nos braços do *Sonderkommando*, caía morta.

Suas balas freqüentemente atravessavam os braços dos homens do *Sonderkommando* quando se mostrava insatisfeito com o trabalho deles. Nesses casos, apontava para os braços sem, no entanto, manifestar sua insatisfação, mas também sem dar nenhum aviso

prévio.

Quando duas piras estavam operando simultaneamente, a produção variava de quinhentos ou seiscentos mortos por dia. Ligeiramente melhor do que os crematórios, mas aqui a morte era um milhão de vezes mais terrível, pois se morria duas vezes, primeiro de um tiro na nuca e depois pelo fogo.

Depois da morte por gás, por injeções de clorofórmio no coração e por uma bala na nuca, eu tinha agora visto esse quarto método "combinado".

Juntei os remédios e óculos abandonados pelas vítimas. Apavorado, com os joelhos ainda tremendo de emoção, voltei para casa, isto é, para o crematório no.1 que, no dizer do Dr. Mengele, "não era um hospital, mas um lugar onde se podia viver de maneira decente".

Depois de ter visto as piras, estava inclinado a concordar com ele.

Uma vez em casa, entrei em meu quarto, mas ao invés de arrumar os remédios e óculos, tomei um sedativo e caí na cama. A dose de hoje era de trinta centigramas, suficiente para combater os efeitos das náuseas causadas pela pira funerária. Pelo menos, eu esperava.

XIV

NA MANHÃ SEGUINTE acordei imaginando que nova revelação esse dia traria, pois aqui cada dia tinha sua revelação, cada uma mais horripilante que qualquer ser humano jamais pensou existir.

Soube através do *Sonder*, que invariavelmente conseguia ficar a par de todas as últimas informações, que o KZ estava em rigorosa prontidão. Isso significava que ninguém podia deixar os barracões. Os soldados SS e seus cães estavam com toda corda. Hoje eles iriam liquidar o Campo Tcheco.

O Campo Tcheco era constituído de 15.000 deportados trazidos do gueto de Theresienstadt. Assim como o Campo Cigano, ele tinha um certo ar familiar. Os deportados não haviam sido selecionados na hora da chegada, sendo enviados intactos para seus "apostos". Todos, independente da idade ou complexão física, tiveram permissão para viver juntos e continuar com sua própria roupa. Seu tratamento era duro, mas não insuportável. Ao contrário das outras seções, os prisioneiros tchecos não trabalhavam.

Assim eles viveram por dois anos, até que a hora do extermínio chegou, como cedo ou tarde chegava para todos no KZ. Em Auschwitz não era nunca uma questão de se você iria viver ou não, mas simplesmente uma questão de tempo, de *quando* você iria morrer. Ninguém escapava. Os trens de deportados húngaros, ou como se costumava dizer no KZ — os fretes — chegavam num fluxo constante, às vezes até dois num mesmo dia, e despejavam no campo seus infelizes ocupantes. Para todos, o incansável Dr. Mengele dispensava o mesmo tratamento de seleção. Ele permanecia lá, como uma estátua, seu braço sempre apontando numa direção: a esquerda. Assim, comboios inteiros eram enviados para as câmaras de gás e para as piras.

O campo de quarentena, o Campo C, o Campo D e a seção F estavam superlotados, embora os prisioneiros fossem embarcados, as centenas, diariamente, para campos mais distantes . No Campo 1 checo, as crianças e os velhos estavam bastante enfraquecidos pelos dois anos de subalimentação: as crianças estavam praticamente em pele e osso, e os prisioneiros mais velhos tão fracos que mal podiam caminhar. Ambos deveriam ceder lugar para os recém-chegados, que ainda tinham forças e podiam trabalhar.

Mas algumas semanas antes a situação deles havia piorado ainda mais. Quando os primeiros trens húngaros começaram a chegar suas rações foram radicalmente reduzidas. Depois alguns dias mais tarde, o fluxo da chegada de comboios atingiu o máximo e as autoridades do campo se defrontaram com o problema da escassez de comida. Como sempre, a solução foi drástica e eficiente: praticamente foram suprimidas por completo as rações do Campo Tcheco.

A fome, então, reduziu os prisioneiros a uma multidão de loucos famintos. Em poucos dias, seus organismos enfraquecidos se desintegravam totalmente. Disenterias, diarreias e tifo começaram a fazer seu trabalho mortal. Cinquenta ou sessenta mortes por dia era normal. Seus últimos dias eram transcorridos num sofrimento indescritível, até que, finalmente, vinha a morte para libertá-los.

O fechamento de todos os barracões foi ordenado ainda de madrugada. Centenas de SS cercaram a área e ordenaram que os cadáveres ambulantes se reunissem. Seus gritos de terror ao serem embarcados nos caminhões eram tenebrosos de se ouvir, pois após dois anos de permanência no KZ, eles não tinham mais ilusões sobre o destino que os aguardava. O "Dia do Extermínio" veio encontrar 12.000 prisioneiros no Campo Tcheco. Desse número, uns 1.500 homens e mulheres em condições físicas razoáveis e oito médicos foram poupados. O resto foi enviado para os crematórios 2 e 3. No dia seguinte, o Campo Tcheco estava silencioso e deserto. Vi um caminhão carregado de cinzas deixar o campo em direção às águas do Vístula.

Desta forma as folhas de chamada de Auschwitz ficaram reduzidas em mais de 12.000 "unidades", e mais uma página sangrenta foi adicionada aos arquivos do KZ. A página continha somente uma breve inscrição: "A seção tcheca do Campo de Concentração de Auschwitz foi liquidada nessa data devido a um surto de tifo entre os prisioneiros. Assinado: Dr. Mengele, *Hauptsturmführer I Lageratz*."

Os oito médicos do Campo Tcheco, que, graças à intervenção do Dr. Epstein, tinham sido poupados, foram enviados para os barracões hospitalares do Campo F, devido ao fato de estarem física e mentalmente exaustos depois do esforço sobre-humano de cuidar de seus companheiros ou por estarem com tifo.

No dia que se seguiu ao extermínio do Campo Tcheco, fiz uma visita oficial ao Campo F. Ali encontrei os oito médicos que haviam escapado da morte e tive oportunidade de conversar com eles, em particular com o Dr. Heller, cujo nome era bem conhecido nos círculos médicos. De seus lábios trêmulos, ouvi a história do sofrimento e da morte da elite judaica da Tcheco-Eslováquia. Desde aquela época, os oito já morreram. Eram médicos de verdade. Guardo a memória deles numa profunda estima e consideração.

XV

O *Campo C*, que ficava perto do *Campo Tcheco*, era composto de mulheres judias húngaras, freqüentemente uma média de 60 000, apesar dos embarques diários para outros campos mais distantes. Foi nesse super povoado campo que os médicos descobriram entre as prisioneiras sintomas de escarlatina. Por ordem do Dr. Mengele, os barracões afetados e os em sua proximidade foram postos em quarentena que, por sinal, não durou muito: de manhã à noite, cerca de doze horas. A noitinha, os caminhões chegaram para carregar as esqueléticas prisioneiras para os crematórios. Tais eram os métodos eficazes utilizados pelo Dr. Mengele para evitar o surto de moléstias contagiosas. O *Campo Tcheco* e o *Campo C* já haviam sentido na pele os efeitos da batalha do Dr. Mengele contra as epidemias. Felizmente os médicos dos barracões aprenderam logo o método do Dr. Mengele e, daí por diante, não revelaram nenhum caso de doença infecto-contagiosa às autoridades médicas SS. Sempre que possível, isolavam a pessoa doente num canto do barracão e cuidavam dela o melhor que podiam com os ínfimos recursos de que dispunham. Evitavam a todo custo enviar os doentes para os hospitais, pois os médicos SS examinavam os pacientes que ali chegavam e o sinal de uma moléstia contagiosa significava a destruição não só do barracão de onde provinha o doente como também dos barracões vizinhos. Na linguagem médica dos SS, isso era "a luta intensa contra o surto de infecções". O resultado dessa luta era um ou dois caminhões cheios de cinzas...

Depois dessas considerações, recebi dois cadáveres de mulheres, trazidos do hospital do *Campo B*, com ordens do Dr. Mengele para que procedesse à autópsia. Como sempre, recebi as fichas contendo detalhadas informações sobre as mortas. Na coluna reservada ao

diagnóstico, notei respectivamente febre tifóide" e "colapso cardíaco". As duas expressões eram seguidas de pontos de interrogação.

Não sou muito dado a pesar os prós e os contras antes de agir. Decido e ajo rapidamente, sobretudo quando se trata de tomar uma decisão importante. Os resultados desse comportamento nem sempre eram brilhantes. O fato de ter acabado nesse crematório foi consequência de uma decisão instantânea.

Novamente decidi-me rapidamente. Não podia enviar meu diagnóstico ao Dr. Mengele, confirmando a febre tifóide. A descrição da enfermidade da vítima estava cheia de lacunas. O diagnóstico estava seguido de um ponto de interrogação. O médico provavelmente ficara inseguro no assunto. A autópsia determinaria se seu julgamento tinha sido ou não correto. Por essa razão os dois corpos me foram enviados.

Procedi à autópsia. O intestino delgado em ambos os corpos estava num estado de ulceração característico de uma tifóide de três semanas. O baço apresentava-se também inchado. Sem nenhuma sombra de dúvida, ambas as mortas tinham sido vítimas de febre tifóide.

O Dr Mengele chegou, como de costume, às cinco da tarde. Estava de bom humor. Entrou e perguntou-me, cheio de curiosidade, sobre o resultado da autópsia. Os dois cadáveres jaziam abertos sobre a mesa. Os intestinos grosso e delgado de ambos já haviam sido lavados e colocados num vidro, prontos para serem examinados.

Eu lhe dei o meu diagnóstico: inflamação do intestino delgado, com extensa ulceração. Expliquei-lhe como era o estado ulcerado dos intestinos delgados durante uma terceira semana de febre tifóide e comparei-o com as ulcerações surgidas em consequência da inflamação desse órgão. Chamei a sua atenção para o fato de que a inchação do baço freqüentemente acompanha uma inflamação do intestino e, conseqüentemente, isso não era um caso de febre tifóide e sim uma séria inflamação do intestino delgado, causada por envenenamento alimentar.

O Dr. Mengele era um biólogo racial e não um patologista.

Assim, não foi difícil convencê-lo da exatidão de meu diagnóstico. No entanto, ser enganado aborrecia-o; ele virou-se para mim e disse:

— Se quer saber a minha opinião, pessoas capazes de cometer erros tão crassos seriam mais úteis ao KZ como trabalhadores braçais do que como médicos. Diagnósticos falhos como estes podem causar um bom número de mortes desnecessárias.

Ele apanhou os atestados e as fichas, mas antes de colocá-los na pasta, anotou a seguinte frase na margem de um atestado: "Responsabilizar as médicas", que li por cima de seu ombro. Fiquei profundamente arrependido de ter agido dessa forma com as minhas colegas, pois seus diagnósticos estavam certíssimos. Talvez agora perdessem seus cargos e acabariam indo fazer trabalho pesado; se o Dr. Mengele cumprisse sua ameaça, eu teria sido o culpado.

Segundo o costume médico vigente do outro lado do arame farpado, eu agira totalmente contra a ética, e estava com plena consciência de minha culpa. Errei contra dois ou três inocentes. Mas até onde teria o Dr. Mengele ido em sua luta contra as epidemias, e qual teria sido o número de vítimas se tivesse agido de outra forma?

No dia seguinte recebi notícias animadoras com relação ao destino de minhas colegas. O Dr. Mengele as havia repreendido severamente, mas tinha deixado as coisas como estavam. As médicas permaneceram em seu trabalho. Depois disso, muitos outros cadáveres me foram enviados juntamente com suas respectivas fichas, mas a cláusula "diagnóstico" estava sempre em branco. Eu preferia assim. A indignação do Dr. Mengele em relação ao erro de diagnóstico continuou a martelar na minha cabeça por vários dias. Tanto cinismo misturado a tanta maldade em um médico me surpreendia, mesmo estando no KZ. Ele não era um médico comum, era um criminoso, ou melhor, um "médico criminoso".

XVI

UM DIA o DR . MENGELE ordenou-me que fosse falar imediatamente com o comandante do Campo F. Naturalmente, fiquei muito feliz com isso, porque assim poderia escapar um pouco do ambiente deprimente dos crematórios, nem que fosse por algumas horas. Eu sabia que andar me faria bem porque tinha pouca oportunidade de me exercitar. E depois do cheiro constante da sala de dissecação e das fornalhas, estava realmente precisando de um pouco de ar puro. Além disso, a visita me daria o ensejo de conversar com meus colegas do Campo F, que me haviam recebido tão calorosamente quando eu chegara ao KZ. Preparei-me para a "viagem", enchendo meus bolsos com remédios valiosos e vários maços de cigarros, pois não queria voltar de mãos vazias para a minha antiga "casa", isto é, o hospital-barracão 12.

Saí pelo portão de ferro do crematório, onde os guardas anotaram meu número. Depois dirigi-me para o Campo F, sem pressa, para melhor saborear este pequeno passeio. Passei ao lado da cerca de arame farpado do campo das mulheres, o "FKL", onde milhares e milhares de prisioneiras andavam para cá e para lá no meio daqueles miseráveis barracões. Todas elas se pareciam, e todas, com suas cabeças raspadas e roupas surradas, eram repulsivas. Pensei na minha mulher e na minha filha, com aqueles seus cabelos cacheados, suas roupas elegantes e sua maneira graciosa de se vestir, e todas aquelas horas que elas passavam discutindo os tão importantes problemas femininos. Já se haviam passado três meses desde a nossa separação na plataforma de desembarque. O que teria acontecido com elas? Estariam vivas? Juntas? Será que ainda estavam na seção de mulheres do KZ ou foram, talvez, enviadas para algum campo mais distante no III

Reich? Três meses é um bocado de tempo, principalmente no KZ. No entanto, eu tinha o pressentimento de que elas ainda se achavam em Auschwitz. Mas onde? Nesse complicado labirinto de arame farpado, qual seria a cerca delas? Para qualquer lugar que olhasse, só via uma vasta rede de arame farpado, torres de concreto e tabuletas proibindo a saída ou a entrada. O KZ era somente arame farpado; toda a Alemanha estava cercada de arame farpado, o III Reich era, ele próprio, um enorme KZ. Cheguei ao portão do Campo F. A entrada era guardada pelo *Blockführerstube*. Um soldado e um suboficial SS com cara de gorila estavam de serviço. Aproximei-me da janela da casinhola, puxei a manga de meu paletó e, de acordo com o regulamento, anunciei meu número: A 8450. Quando puxei a manga do paletó, o relógio de pulso que o Dr. Mengele me autorizara a usar tornou-se visível. Possuir um tal objeto era uma das mais hediondas ofensas no KZ. Com a velocidade e a fúria de um tigre raivoso, o SS ergueu-se e saiu correndo da casinhola.

— Que diabo pensa que é para usar relógio de pulso? — gritou com uma voz de possesso. — E o que veio fazer no Campo F?

Três meses de permanência nos crematórios foram para mim uma escola que havia deixado sua marca. Sem perder a calma, sem nem mesmo piscar, respondi numa voz suave:

— Estou aqui porque o Dr. Mengele me enviou, mas se é impossível para mim chegar ao Campo F, então é melhor retornar ao crematório e avisar o Dr. Mengele pelo telefone.

O nome "Dr. Mengele" funcionou como mágica. Somente a sua menção era suficiente para fazer a maioria das pessoas tremer. O meu suboficial ficou mansinho em frações de segundo. De uma maneira quase amável, perguntou-me quanto tempo eu pretendia ficar no campo.

— Você sabe, não é, eu tenho que registrar a informação — ele falou, quase se desculpando.

Olhei para o meu relógio. Eram dez horas.

— Devo ficar até duas da tarde — respondi. — A essa hora meu

negócio com o Dr. Mengele já terá certamente acabado.

Para acentuar minha frase, tirei um maço de cigarros do bolso e ofereci ao meu interlocutor. Obviamente satisfeito com o presente, ele falou comigo num tom quase amigável, e chegou ao extremo de dizer que ficaria contente em ver-me da próxima vez que eu aqui viesse.

Não havia como negar, o nome "Dr. Mengele", o fato de haver mencionado o crematório e a ostentação dos cigarros impressionaram fortemente o escravo SS. Agora tinha certeza de poder passar pelo menos uma hora ou duas com meus velhos amigos. Mas primeiro deveria descobrir por que o Dr. Mengele havia me enviado.

Entrei no barracão do comandante do campo e esperei no *hall* que um funcionário viesse me perguntar o que desejava. Disse-lhe. Ele apontou para a porta do lado oposto do aposento. Dirigi-me para lá e entrei num escritório muito bem mobiliado. As paredes eram cobertas de gráficos e mapas que mostravam as variações da população e a composição do campo durante os vários períodos de sua existência. Ostensivamente colocado numa moldura ornada, notei uma enorme fotografia de Himmler, com seu *pince-nez* colocado delicadamente sobre o nariz.

Três pessoas estavam sentadas no aposento. O Dr. Mengele, o *Hauptsturmführer* Thilo, cirurgião-chefe do KZ, e o *Obersturmführer* Wolff, diretor do Serviço Médico Geral. O Dr. Mengele informou ao Dr. Wolff, a quem eu não conhecia pessoalmente, que era eu que fazia as autópsias no crematório.

— Muito interessante — disse o Dr. Wolff, coçando o queixo. — O Dr. Mengele me falou de seu trabalho. Estou especialmente interessado em patologia, doutor, e já teria dedicado alguma atenção a um de seus casos mais delicados se a falta de tempo não me tivesse impedido.

Esperei pelo que estava para vir.

— No momento, estou me dedicando a um estudo científico de alguma importância. Mas para resumir, devo dizer que vou precisar de sua ajuda. Foi por isso que pedi ao Dr. Mengele que o enviasse aqui

hoje — fez uma pausa e continuou: — Como o senhor sabe, a diarreia é extremamente comum no campo e em noventa por cento dos casos ela é fatal. Eu conheço tudo que há para saber sobre a evolução da doença, pois já fiz milhares de exames e tenho tudo minuciosamente anotado. Mas meu trabalho está incompleto porque além da observação clínica, um estudo científico requer relatórios patológicos de um número suficiente de casos de disenteria para que seja conclusivo.

Comecei a compreender do que se tratava. O Dr. Wolff também estava se dedicando à pesquisa. No meio do fedor e da fumaça dos crematórios, ele também desejava ter o seu quinhão nas centenas de milhares de cobaias disponíveis no KZ, a maioria das quais reduzida pela disenteria a um peso inacreditável. Através da dissecação de um número considerável de cadáveres, ele desejava descobrir as manifestações internas de disenteria ainda desconhecidas da ciência médica.

O Dr. Mengele queria resolver o problema da multiplicação da raça pelo estudo do material humano — ou melhor, dos gêmeos — que ele tinha à sua disposição na quantidade e à hora que desejasse. O Dr. Wolff procurava as causas da disenteria. No momento tais causas não eram difíceis de apontar, até mesmo um camponês saberia dizer. A disenteria é causada pela aplicação da seguinte fórmula: pegue qualquer indivíduo — homem, mulher ou criança inocente — arranque-o de seu lar, ponha-o junto com centenas de outros num vagão fechado no qual um balde de água foi anteriormente colocado de maneira estratégica, e os remeta, depois de terem passado seis semanas num gueto, para Auschwitz. Ali empilhe-os aos milhares em barracões que não serviriam nem de estábulos. Como comida, dê-lhes uma ração de pão dormido feito de castanha silvestre, uma espécie de margarina cujo ingrediente básico é linhita, trinta gramas de chouriço feito de carne de cavalo doente que, no total, não excederá a setecentas calorias. Para ajudar a descer essa ração, meio litro de sopa feita de urtiga e ervas daninhas, sem nenhum sal, nenhuma gordura e nenhum cereal. Em quatro semanas a disenteria invariavelmente aparecerá. Três ou quatro

semanas mais tarde o paciente estará "curado", porque morrerá, apesar de qualquer tratamento que possa receber dos médicos do campo.

Segundo o Dr. Wolff, seriam necessários pelo menos cento e cinquenta cadáveres para o capítulo de seu estudo devotado ao aspecto patológico da questão. O Dr. Mengele interrompeu a conversa:

— Fazendo sete autópsias por dia, você conseguirá acabar o número requisitado pelo Dr. Wolff em apenas três semanas.

Não concordei.

— Desculpem-me, cavalheiros, mas se querem um trabalho sério e bem feito, o que não tenho dúvida, então só poderei fazer três autópsias por dia.

Depois de alguma discussão, todos concordaram com meu ponto de vista e, com um sumário aceno de cabeça, fui dispensado.

Fiz uma visita aos meus colegas residentes no hospital-barracão no. 2. Exultaram ao receber os remédios que eu trouxe e com ar de satisfação fumaram os cigarros que distribui. Seus rostos e palavras traíram o sentimento de extrema fadiga e o desânimo que se apossaram deles. O fim trágico e repentino do campo tcheco teve um efeito bastante forte sobre eles. Pouco a pouco, desesperançados com a sua situação, iam-se entregando ao desespero. Eu também estava totalmente desesperançado, mas com uma diferença: esse sentimento em mim não veio pouco a pouco, mas sim abruptamente, no momento em que cruzara os portões do crematório.

No entanto, fiz o melhor que pude para encorajá-los, exortando-os a perseverar. Descrevi-lhes o quadro da situação militar e mostrei como dia a dia a situação estava caminhando para um fim que nos fosse favorável. Uma vez que eu lia o jornal todo dia, estava apto a respaldar as minhas afirmações em fatos concretos. Nós nos despedimos com um caloroso aperto de mão. No KZ, a expressão "deixar um amigo é morrer um pouco" tinha uma segunda conotação.

Deixei-os com a sensação de que poderia dizer, sem medo de estar fazendo demagogia, que tenho um espírito forte, pois mesmo na situação em que me encontrava, ainda conseguia encorajar outros a

perseverar...

O *Obersturmführer* Wolff mandou todos os seus antigos pacientes, vítimas de disenteria, para serem autopsiados. Já tinha acabado as primeiras trinta autópsias e estava anotando os resultados de minhas observações. Em todos os casos a mucosa estomacal estava inflamada, o que resultava numa queima, ou melhor, num ressecamento das glândulas que secretam ácido clórico no estômago. A ausência de sucos gástricos torna a digestão impossível mas, por outro lado, aumenta proporcionalmente a fermentação.

Minha segunda observação dizia respeito às condições inflamatórias em que se encontrava o intestino delgado, o que era acompanhado por um adelgaçamento das paredes intestinais. Minha terceira observação concernia ao suco digestivo mais importante do intestino delgado, a biliar, que é indispensável para a assimilação das gorduras. Abrindo o fígado, encontrei, ao invés da normal secreção amarelo-esverdeada, um líquido quase incolor, que mal afetava o material que ia parar no intestino e que, de qualquer forma, era totalmente incapaz de realizar sua função digestiva.

Minha quarta observação dizia respeito à inflamação do intestino grosso, que resultou num ressecamento, num adelgaçamento e numa excessiva fragilidade das paredes intestinais, que se apresentavam tão grossas e tão fortes quanto um papel de cigarro. Na verdade, não eram mais tubos digestivos e, sim, esgotos através dos quais tudo fluía de um extremo a outro num espaço de poucos minutos.

Tais observações, em linhas gerais e reduzidas a uma linguagem que qualquer leigo entenda, foram as principais conclusões das autópsias. O trabalho que me foi encomendado era, na realidade, bastante monótono e desprovido de qualquer interesse. Os testes bacteriológicos provavelmente estavam sendo efetuados na aldeia de Risgau, situada a três quilômetros do crematório, no "Instituto do Exército SS de Higiene e Bacteriologia". Lá, o renomado professor Mansfeld, catedrático da cadeira de Bacteriologia da Faculdade de Medicina de Pecs, estava encarregado do trabalho.

XVII

ESTAVA TIRANDO minha soneca da tarde quando o *Oberschaarführer* Mussield entrou no meu quarto empurrando três prisioneiros. Informou que o Dr. Mengele me arranjava três assistentes; assim falando, lançou um olhar na direção dos homens, e sua expressão era uma mistura de cinismo e pena.

Eles, na verdade, inspiravam pena, ali em pés, esfarrapados, emudecidos pelo tratamento desumano a que haviam sido submetidos, morrendo de medo e com uma sensação de desconforto e desconfiança pela mudança brusca de ambiente. Também haviam deixado a esperança do lado de fora dos portões do crematório. Cumprimentei-os amigável e calorosamente. Nós nos apresentamos. O primeiro a apertar minha mão foi o Dr. Dênis Gorog, médico e patologista do Hospital Estadual de Szombathely. Era de estatura baixa, esguio, cerca de 45 anos e usava óculos grossos. Tive uma impressão favorável dele e uma sensação de que nos tornaríamos bons amigos. O segundo tinha 50 anos, baixo, encurvado quase ao ponto de parecer corcunda. Era barrigudo e tinha um rosto bem desagradável. Seu nome era Adolph Fischer. Durante vinte anos havia sido assistente de laboratório do Instituto de Patologia de Praga. Aquele judeu tcheco tinha cinco anos de KZ. O terceiro recém-chegado era o Dr. Joseph Kolner, de Nice, França, e há três anos prisioneiro do KZ. Era um homem ainda moço, de seus 32 anos, não muito loquaz, mas bastante competente.

O Dr. Mengele os pescara no Campo D e os enviara a mim para que o trabalho de dissecação não sofresse atrasos. Eu continuaria responsável pela pesquisa, pelos arquivos e pelos relatórios de cada autópsia. Os dois médicos iriam me ajudar nas dissecações e o

assistente de laboratório, de acordo com a sua profissão, prepararia os corpos. Seu trabalho consistia em abrir os crânios, na retirada e preparação de certos órgãos para futuro exame. Depois da dissecação, ele retiraria os corpos da mesa e seria o responsável pela limpeza da sala.

Assim, ganhei colaboradores competentes e qualificados que dividiriam comigo a pesada carga. Para mim isso representava um alívio imenso.

XVIII

No MEU PAPEL de médico do *Sonderkommando*, sai em campo para fazer a ronda matutina. Os quatro crematórios trabalhavam a todo vapor. Na noite anterior tinham queimado os judeus gregos da ilha de Corfu, uma das mais antigas comunidades da Europa. As vítimas foram mantidas por vinte e sete dias sem comer ou beber, primeiro nos lanchões, depois nos vagões selados. Quando chegaram à plataforma de desembarque em Auschwitz, as portas foram abertas, mas ninguém desceu para a fila de seleção. Metade já havia morrido e a outra metade estava em estado de coma. Todo o comboio, sem exceção, foi enviado para o crematório no. 2.

O trabalho foi acelerado durante a noite, de maneira que, pela manhã, tudo que sobrou do comboio foi uma pilha de roupas sujas e rasgadas no pátio do crematório. Olhei com profunda tristeza para aquela montanha de trapos, que pouco a pouco ia ficando molhada e empapada com a chuva do outono. Dirigindo o olhar para cima, notei que os quatro pára-raios colocados nos cantos das chaminés dos crematórios estavam retorcidos e caídos, como resultado da alta temperatura da noite anterior.

Hoje, durante a ronda, um caso grave esperava por mim no crematório no. 4. Um dos motoristas do *Sonderkommando* tentara o suicídio, tomando uma dose excessiva de pílulas para dormir. Esse era o método mais comum do suicídio em Auschwitz. Os homens do *Sonderkommando* não tinham dificuldade em obter essas pílulas, pois encontravam todos os dias um grande número delas entre os pertences dos mortos.

Ao aproximar-se da cama do suicida, fiquei emocionado e penalizado ao ver que o coitado não era outro senão o "capitão". Era

assim que todos o tratavam, porque ninguém sabia qual seu nome verdadeiro. Natural de Atenas, ele havia sido capitão do exército regular e tutor dos filhos da família real grega. Um homem educado, inteligente, com três anos de KZ nas costas. Sua esposa e seus filhos foram para a câmara de gás assim que chegaram. Agora, inconsciente, ele dormia em paz. Provavelmente tomara as pílulas várias horas antes e, no entanto, eu achava que, pelo menos no momento, não corria perigo mais sério. Os homens do Sonderkommando, reunidos em volta de sua cabeceira, me pediram, com brandura e resignação, para "deixar o capitão ir".

— Não o salve — um deles disse. — Só estará prolongando sua agonia. O senhor mesmo pode ver que ele quis sair disso agora, ao invés de esperar pelo pelotão de fuzilamento daqui a algumas semanas.

Os outros argumentavam da mesma maneira, mas eu, silenciosamente, comecei a preparar meus instrumentos. Vendo que seus argumentos não tinham tido efeito e que estava me preparando para injetar-lhe um antídoto, alguns dos homens perderam o controle e não me pouparam injúrias pelo que eu iria fazer. Não obstante, acabei de aplicar as injeções e abandonei o quarto. A menos que contraísse pneumonia nos próximos cinco ou seis dias, o capitão iria viver. Por mais algumas semanas, ele continuaria a alimentar as fornalhas com os corpos de milhares e milhares de seus semelhantes torturados e mortos pelo gás. Até que um dia, todo o Sonderkommando seria alinhado nos fundos do crematório. Uma metralhadora iria matraquear e tudo estaria terminado. Ele e os outros cairiam com os olhos cheios de horror e pasmo.

Agora que não estava mais ao lado de sua cama, agora que seu rosto não mais estava diante do médico que existe em mim, o lado puramente humano de minha natureza era forçado a admitir que os amigos do capitão estavam certos. Eu deveria tê-lo "deixado seguir o seu caminho", não em frente do cano frio de uma metralhadora, mas na inebriante narcose que o envolvia, onde estava livre de todas as dores físicas e morais. Terminei minha ronda e voltei ao no.1. Olhei para dentro da sala de dissecação e vi que meus novos colegas estavam

atarefados, trabalhando com o zelo próprio dos neófitos nos corpos fornecidos pelo Dr. Wolff. Estavam limpos, barbeados, usavam aventais imaculados, roupas novas e sapatos decentes. Pareciam humanos novamente. Vê-los em volta da mesa de dissecação com seus aventais brancos e luvas de borracha poderia parecer a qualquer um não tão familiarizado com o trabalho que era levado a efeito aqui, que se tratava da sala de trabalho de algum instituto científico. Mas eu, que trabalhava nesse lugar há três meses, sabia que não se tratava de um instituto de ciência, mas de uma pseudociência. Como os estudos etnológicos, como as noções de raça superior, as pesquisas do Dr. Mengele sobre a origem dos nascimentos duplos não eram mais do que uma pseudociência, tão falsa quanto a teoria da degeneração dos anões e aleijados enviados para o carrasco a fim de demonstrar a inferioridade da raça judaica. É claro que tudo isso não seria divulgado imediatamente, pois o novo alemão ainda não estava pronto para engolir essa. Mas quando a raça dos super-homens conseguisse sua vitória final, depois de vencer a guerra e de ter conquistado todo o território vital para suas necessidades, aí então os esqueletos desses aleijados e anões, que foram assassinados aqui, seriam colocados em exposição num espaçoso *hall* de um grande museu, com uma plaqueta onde se leria seu nome, idade, nacionalidade, ocupação etc. No aniversário do Dia da Vitória, milhares de estudantes desse III Reich, construído para durar mil anos, seriam conduzidos através dessas galerias por seus professores, para homenagear seus ilustres antepassados. Esses antepassados que, com a sua vitória e a realização da sagrada missão que a História confiara à Raça Superior, escorraçavam os povos vizinhos — franceses, belgas.^ russos, poloneses — para uma posição correspondente à sua inferioridade. Melhor ainda, eles teriam aniquilado completamente um povo, os judeus, portadores de uma longa história, uma história de 6.000 anos, mas que não tinha o direito de viver alguns séculos a mais. Por quê? Porque no decurso de sua longa história, a raça judaica degenerou-se num povo de anões e aleijados. Ao se misturar com outras raças, haviam se conspurcado e

ameaçavam contaminar com sua degeneração a única raça pura: os arianos.

Por causa do seu sangue, os judeus eram nocivos à grande raça. Além do mais eram perigosos por causa de seus professores, artistas, comerciantes e financistas, que se tornaram tão poderosos que ameaçavam escravizar toda a Europa. Ao destruir essa raça, o primeiro *führer* do III Reich elevava seu nome a uma dimensão imortal e ganhara o respeito e a gratidão de todas as nações civilizadas do mundo.

Era com base nessa teoria insana que os nazistas moviam guerra contra o resto do mundo e destruíam, depois da deportação, todas as comunidades européias de judeus, do mais velho ao recém-nascido.

Tudo na Alemanha era falso. Eles chamavam essa guerra de cruzada. Aos seus olhos toda a Rússia era uma estepe selvagem, povoada por bárbaros mongóis, que representavam uma ameaça à civilização. A França era uma nação sífilítica, a caminho da dissolução. Os ingleses, do Primeiro-Ministro para baixo, eram todos alcoólatras incuráveis, a maior parte deles sofrendo de *delirium tremem*. Por outro lado, os japoneses, que a maioria classificaria como mongóis, eram considerados arianos respeitáveis, pois as exigências do momento assim o determinavam.

Toda a sua visão de mundo era uma mentira. Suas filhas e as viúvas causadas pela guerra poderiam ser engravidadas por qualquer alemão e receberiam o agradecimento do Estado por isso. As crianças nascidas dessa maneira poderiam receber o nome que suas mães escolhessem para elas entre os nomes daquele homens freqüentemente numerosos, para quem elas se tinham dado. A multiplicação da raça exigia isso. Seu cinismo era completo e terrível. Detalhes como aquelas tabuletas do lado de fora das câmaras de gás, que anunciavam em sete línguas, "BANHOS", onde na realidade existiam câmaras de morte;

as caixas de gás ciclon ⁷, que estavam rotuladas "VENENO: PARA A DESTRUÇÃO DE PARASITAS", os parasitas eram, naturalmente, as incontáveis multidões de judeus inocentes trucidados no espaço de alguns minutos. Quem pode dizer até onde ia a mentira? Talvez os próprios sinais nas cercas eletrificadas do KZ também fossem mentirosos ou talvez houvesse realmente uma corrente de 6.000 volts eletrificando a cerca. Mas não, isso não era mentira, pois eu me lembro de ter visto uma vez o gigantesco cachorro do *Oberschaarführer* Mussfeld correr de contra a cerca, num ponto não muito longe do portão do crematório, e morrer instantaneamente.

Ainda no assunto dos- avisos, não posso me esquecer de mencionar um especial, que era lido por todos os prisioneiros, pois estava colocado à entrada do campo. Ele exortava-os com essas palavras: "LIBERDADE ATRAVÉS DO TRABALHO". Aqui temos um exemplo concreto do que essas palavras realmente significam. Um dia, um trem de carga parou na plataforma de desembarque de Auschwitz. As portas se abriram e trezentos prisioneiros foram despejados. Sua pele tinha uma coloração esverdeada e seu estado esquelético estava além de qualquer descrição. Quando entraram no pátio do crematório, aproveitei uma chance para conversar com alguns deles. Aqui esta em resumo o que disseram:

- Há três meses fomos embarcados em Auschwitz para trabalhar em uma fábrica de ácido sulfúrico. Quando partimos éramos três mil, mas muitos morreram de vários tipos de doenças. Agora, só

⁷ Em resposta ao inquérito concernente à origem e composição do gás ciclon, o Dr. Nyiszli escreveu que ele era fabricado, durante a guerra, pela I. G. Farben Co., e que, embora fosse classificado como gucheim-mittel, isto é, confidencial ou secreto, ele conseguiu descobrir que o nome "ciclon" vem da abreviatura de seus elementos essenciais: cianido, cloro e nitrogênio. Durante o julgamento de Nuremberg, a Farben alegou que o gás era fabricado somente como desinfetante. Mas o Dr. Nyiszli fez questão de realçar em seu testemunho que havia dois tipos de ciclon, o tipo A e o tipo B. Eles vinham em caixas idênticas, somente as letras A e B os diferenciavam. O tipo A era desinfetante e o B usado para exterminar milhões.

trezentos estão de volta e estamos todos sofrendo de envenenamento sulfúrico.

Antes de serem enviados de volta, disseram para eles que viriam se curar e descansar. Meia hora depois eu vi seus cadáveres esquálidos sangrando em frente aos fornos do crematório. "A liberdade através do trabalho!" "Campo de Repouso . Até onde uma mente diabólica pode ir? E esses são apenas alguns dos muitos exemplos. Só para citar mais alguns: durante os meses de junho e julho, milhares de cartões-postais foram distribuídos entre os prisioneiros dos barracões, com instruções para que fossem enviados a seus parentes ou amigos. Foi rigorosamente especificado que os cartões, em nenhuma circunstância, deveriam conter o nome "Auschwitz" ou "Birkenau", mas sim "Am Waldsee", que é uma cidade de veraneio localizada perto da fronteira suíça. Os cartões foram inocentemente enviados, e numerosas respostas foram recebidas. Eu vi algumas dessas respostas serem queimadas, umas cinquenta mil, segundo testemunhas fidedignas; queimadas numa fogueira montada no meio do pátio do crematório. Entregar esses cartões de resposta aos remetentes estava totalmente fora de cogitação, pois os últimos tinham precedido os primeiros, isto é, os remetentes foram queimados antes das cartas. Dessa forma é que a coisa foi feita.

O propósito desse pequeno esquema tinha sido o de abrandar os temores crescentes do povo e colocar um ponto final nos rumores que estavam se espalhando a respeito de campos como Auschwitz.

XIX

NA CÂMARA DE GÁS do crematório no. 1, mil e trezentos cadáveres estavam empilhados. O *Sonderkommando* já tinha, inclusive, começado a deslancar os corpos entrelaçados. O barulho dos elevadores e o ruído metálico do abrir e fechar das suas portas chegavam ao meu quarto. O trabalho estava sendo tocado com força redobrada. A câmara de gás tinha que ser evacuada, pois outro comboio estava para chegar.

O chefe do *Sonderkommando* quase botou minha porta abaixo ao entrar como um furacão, sem fôlego, e com os olhos esbugalhados de surpresa e espanto.

— Doutor — disse ele, resfolegando — acabamos de achar no fundo da pilha de mortos uma menina ainda viva.

Agarrei minha maleta que estava sempre pronta e voei para a câmara de gás. Contra à parede semicoberta por outros corpos, vi uma menina presa de convulsões, debatendo-se desesperadamente contra a morte. O *kommando* da câmara de gás à minha volta estava em estado de pânico. Nada desse gênero havia jamais acontecido ao longo de sua terrível carreira.

Removemos o corpo ainda com vida de sob os corpos que a estavam imprensando. Peguei aquele corpinho miúdo de adolescente nos braços e o levei para o quarto contíguo à câmara da morte, onde geralmente homens do *kommando* mudavam de roupa para trabalhar. Deitei o corpo num banco. Uma frágil juvenzinha, ela teria no máximo quinze anos. Aprontei minha seringa e tomando seu braço — ela ainda não havia recobrado a consciência e respirava com dificuldade — apliquei-lhe três injeções intravenosas. Meus companheiros trouxeram um casacão grosso para cobrir o seu corpo congelado. Outro foi até a cozinha e voltou correndo com um pouco de chá quente e uma sopa.

Todos queriam ajudar, como se se tratasse da própria filha.

A reação não se fez esperar. A jovem foi acometida por um acesso de tosse, que provocou o vômito de uma gosma grossa que veio dos pulmões. Abriu os olhos e olhou fixamente para o teto. Fiquei atento a qualquer manifestação de vida. Sua respiração tomou-se mais funda e mais regular. Seus pulmões, torturados pelo gás, inalavam avidamente o ar fresco. Seu pulso começou a tornar-se perceptível, como reação às injeções. Eu esperava impacientemente. As injeções ainda não haviam sido completamente absorvidas, mas eu sabia que, dentro de alguns minutos, ela iria recobrar a consciência: sua circulação começou a trazer a cor para suas bochechas e seu rosto delicado tornou-se outra vez humano.

Ela olhava em torno de si com espanto, e nos viu. Ainda não percebera o que lhe havia acontecido e estava incapaz de distinguir as coisas, de saber se estava sonhando ou realmente acordada. Um véu de brumas obscurecia-lhe a mente. Talvez tivesse uma vaga lembrança de um trem, e da longa viagem que a trouxera até aqui. Talvez também se lembrasse que entrara na forma para a seleção e antes que pudesse entender o que se passava, viu-se espremida na multidão afoita numa sala muito iluminada. Tudo tinha acontecido tão depressa. É provável que se recordasse também que ordenaram que se despisse. Essa lembrança lhe era desagradável, mas como todo mundo, ela submeteu-se resignadamente à ordem. E assim, nua, foi empurrada para outra sala. Esta segunda sala também era fortemente iluminada. Pasma, tinha deixado seu olhar correr pela multidão espremida ali. Não encontrou ninguém de sua família. Uma angústia muda se apossara de todos. Espremida contra a parede pela massa, aguardava, com o coração gelado, o que viria em seguida. De repente, as luzes se apagaram e ela foi envolvida numa escuridão absoluta. Alguma coisa havia atingido seus olhos, agarrado sua garganta e a tinha sufocado. Desmaiou. Aqui sua memória interrompia-se.

Seus movimentos estavam tornando-se mais e mais animados, ela tentou mover as mãos, os pés, mexer a cabeça para um lado e para

o outro. Seu rosto foi tomado por um esgar convulsivo. De repente, agarrou o colarinho do meu casaco e o puxou convulsivamente, tentando com todas as forças erguer-se. Eu a coloquei deitada várias vezes, mas continuava a repetir o mesmo movimento. Pouco a pouco, porém, foi-se acalmando e deitou-se, completamente exausta. Lágrimas brilhavam em seus olhos e rolaram pelas maçãs do rosto. Ela não estava chorando. Recebi a primeira resposta às minhas perguntas. Não querendo fatigá-la, fiz-lhe poucas perguntas. Fiquei sabendo que tinha dezesseis anos e que tinha vindo com os pais da Transilvânia para *Auschwitz*.

O *kommando* deu-lhe um pouco de sopa quente que ela bebeu com voracidade. Continuaram trazendo todo tipo de pratos, porém eu não podia permitir que lhe dessem mais nada. Cobri-a com um cobertor e disse-lhe que deveria tentar dormir um pouco.

Meus pensamentos voaram loucamente. Voltei-me para meus companheiros na esperança de encontrar uma solução. Nós esquentamos a cabeça, pois estávamos diante de um problema: o que fazer com a garota, agora que fora trazida de volta à vida? Sabíamos que não poderia ficar aqui por muito tempo.

O que poderíamos fazer com uma mocinha no *Sonderhommando* do crematório? Eu conhecia o passado histórico desse lugar: ninguém saía vivo daqui, nem *Sonderkommandos* nem deportados.

Não houve mais tempo para reflexão. Mussfeld chegou, como de costume, para supervisionar o trabalho. Ao passar pela porta ele nos viu agrupados. Aproximou-se e perguntou-nos o que estava acontecendo ali. Antes mesmo que pudéssemos responder, ele viu a mocinha deitada no banco.

Fiz um sinal para que meus companheiros se retirassem. Eu iria tentar algo que sabia de antemão estar fadado ao insucesso. Três meses no mesmo campo e no mesmo meio havia criado, apesar de tudo, uma espécie de intimidade entre nós. Além do mais, os alemães geralmente apreciam gente capaz, e enquanto precisam dessa gente de um certo modo eles os respeitam. Assim era com os alfaiates, sapateiros,

carpinteiros e serralheiros. Dos nossos vários contatos, pude concluir que Mussfeld me tinha em grande consideração pelas minhas dualidades profissionais. Ele sabia que o meu superior era o Dr. Mengele, a figura mais temida do KZ que, estimulado pelo orgulho racial, tinha-se tornado uma das figuras mais representativas da ciência médica alemã. Ele considerava o envio de milhares e milhares de judeus para as câmaras de gás como um dever patriótico.

O trabalho executado na sala de dissecação era o porvir da ciência médica do Reich dos Mil Anos. Como *expert* em patologia do Dr. Mengele, eu também tinha uma participação nesse progresso e talvez daí viesse a explicação para um certo tipo de respeito que Mussfeld tinha por mim. Ele vinha me ver com freqüência na sala de dissecação, onde conversávamos sobre política, a situação militar e vários outros assuntos. Parecia-me que o seu respeito também vinha do fato de que considerava a minha tarefa de dissecar cadáveres e seu sangrento ofício de matar gente como trabalhos afins. Ele era o comandante e o melhor atirador do crematório no. 1. Três outros SS atuavam como seus subalternos imediatos. Juntos, eles executavam com uma bala na nuca. Esse tipo de morte era reservada para aqueles escolhidos no campo, ou então, enviados para o assim chamado "campo de repouso". Quando havia apenas uns quinhentos ou menos, eles eram liquidados com uma bala na nuca, pois a grande fábrica da câmara de gás estava reservada para os números importantes. O mesmo gás necessário para eliminar quinhentos servia para três mil. Nem valia a pena chamar o carro da Cruz Vermelha para trazer os carrascos do gás e as caixinhas. Nem mesmo era interessante mandar o caminhão recolher um punhado de trapos. Tais eram os fatores que determinavam se o grupo iria morrer pelo gás ou pelo tiro dos SS.

E esse era o homem com o qual eu teria que "negociar", o homem ao qual eu deveria pedir para poupar uma única vida. Calmamente relatei o terrível caso com o qual nos defrontávamos. Descrevi o que a menina deveria ter sofrido na sala de despir e as cenas horríveis que precediam a morte na câmara de gás. Quando a sala ficou

às escuras, ela respirou umas golfadas de ciclón. Somente poucas, pois seu corpo frágil sucumbiu sob a multidão, na enlouquecida luta pela vida. Por acaso, ela caiu com o rosto num canto onde havia umidade. Essa pequena umidade a manteve viva, pois o ciclón não atua sob condições úmidas.

Estes eram os meus argumentos e lhe pedi que fizesse alguma coisa por ela. Ele me escutou em silêncio e então perguntou o que exatamente eu propunha fazer. Notei, por sua expressão, que o havia colocado face a um problema praticamente insolúvel. Era óbvio que a moça não podia permanecer no crematório. Uma solução seria colocá-la em frente ao portão do crematório. Um *kommando* de mulheres sempre trabalha ali. Ela nunca contaria o que lhe havia acontecido. A presença de uma cara nova em meio a milhares de prisioneiras nunca seria notada, pois ninguém no campo conhecia todos os prisioneiros.

Se fosse uns três ou quatro anos mais velha, o plano poderia ter funcionado. Uma moça de vinte anos seria capaz de compreender claramente as circunstâncias miraculosas de sua sobrevivência e teria bastante percepção para não falar a ninguém sobre essas circunstâncias. Esperaria por tempos melhores, como tantos milhares estavam esperando para contar o que tinha passado. Mas Mussfeld achava que uma menina de dezesseis anos, em toda a sua vaidade, iria dizer à primeira pessoa que encontrasse de onde tinha vindo, o que havia presenciado e pelo que havia passado. A notícia se espalharia como um rastilho de pólvora e todos nós teríamos que pagar por isso com a própria vida.

— Não há como sair disso — concluiu ele — a menina deve morrer.

Meia hora depois, ela foi arrastada para a sala das fornalhas e aí Mussfeld enviou outro para fazer o trabalho. Uma bala na nuca.

XX

NA PORTA AO LADO do alojamento SS, no segundo andar do crematório no. 2, funcionava uma carpintaria onde três carpinteiros trabalhavam, atendendo a qualquer ordem que lhes era dada. No momento, estavam cumprindo uma "ordem particular". Mussfeld havia ordenado aos carpinteiros que fizessem um sofá-cama. Ele deveria estar pronto mais breve possível.

Não era um trabalho fácil, mas nos crematórios não havia a palavra "impossível" quando se tratava de cumprir uma ordem recebida. Os carpinteiros haviam juntado suficiente madeira pelos arredores do crematório. As molas vieram de poltronas trazidas pelos deportados para tornar a viagem um pouco mais confortável para seus pais idosos. Centenas dessas poltronas estavam abandonadas no pátio do crematório e nós as usávamos para sentar depois do trabalho, para descansar e respirar um pouco de ar puro.

Assim, o sofá foi construído de acordo com as instruções. Para mim, ele havia se tornado um objeto de curiosidade. Eu acompanhava todas as fases de sua construção até vê-lo acabado. Observei a instalação das molas e sua cobertura com finas tapeçarias. Dois eletricitas franceses haviam instalado uma lâmpada de cabeceira e um lugar para o rádio. Depois de envernizado, ficou bem elegante. Numa casinha burguesa em Mannheim, ele ficaria ainda melhor do que no sinistro ambiente do crematório. Pois o sofá-cama deveria ser mandado até o fim de semana para a casa de Mussfeld, em Mannheim. Lá esperaria que o vitorioso *Ober* voltasse da guerra para descansar os ossos cansados sobre suas molas.

Um dia, uma semana antes do embarque, estava eu no meu quarto e vi uma meia dúzia de pijamas de seda — um complemento

natural para o sofá — esperando para ser juntados à remessa. Eram de seda importada e sua obtenção seria certamente impossível lá fora, onde os bilhetes de rações eram necessários para os artigos mais essenciais. O KZ também tinha seu sistema de rações, um sistema muito melhor do que o imposto em toda a Alemanha, pois fornecia aos que o utilizavam os artigos desejados. Na sala de despir dos deportados, os artigos estavam à espera de quem os quisesse comprar. Custavam somente um ponto por artigo, um ponto de fogo do revólver do *Ober*, quando mandava uma bala na nuca do proprietário.

Em troca desses "pontos", os oficiais SS recebiam jóias, casacos de pele, artigos de couro, sedas e sapatos finos. Não se passava uma semana sem que mandassem alguns pacotes para casa.

Nos pacotes que enviavam, podiam ser encontrados também, além do já mencionado, chá, café, chocolate e milhares de comidas enlatadas, tudo possível de se encontrar na antecâmara da morte. Assim, o *Ober* tivera a idéia de mandar fazer um sofá-cama e enviá-lo para casa.

À medida que eu observava, dia após dia, as fases da construção, uma idéia começou a tomar forma em minha cabeça. Pouco a pouco transformou-se num projeto. Em poucas semanas o *Sonderkommando* seria uma coisa do passado. Nós todos morreríamos e tínhamos plena consciência disso. Até mesmo já nos acostumáramos à idéia, pois sabíamos que não havia outra saída. No entanto, uma coisa me aborrecia. O *Sonderkommando* onze também fora exterminado e levava consigo o segredo terrível dos crematórios e dos carneiros. Mesmo que nós não sobrevivêssemos, era nosso dever fazer com que o mundo tomasse conhecimento das inimagináveis crueldades e da sordidez de um povo que fingia ser superior. Era uma necessidade imperiosa que uma mensagem dirigida ao mundo saísse daqui. Mesmo que só fosse descoberta daqui a alguns anos ainda assim seria um terrível libelo. Essa mensagem seria assinada por todos os membros do *Sonderkommando* do crematório no. 1, totalmente consciente de sua morte próxima. Levada para fora das cercas de arame farpado, no sofá-

cama, ela ficaria na casa do *Oberchaar-führer* Mussfeld, em Mannheim.

A mensagem foi aprontada a tempo. Descrevia em suficientes detalhes os horrores perpetrados em Auschwitz, desde o dia de sua fundação até hoje. Os nomes dos torturadores do campo também estavam incluídos, bem como a nossa estimativa do número de pessoas eliminadas, com uma descrição dos métodos e instrumentos utilizados para isso.

A mensagem foi redigida em três grandes folhas de papel pergaminho. O editor do *Sonderkommando*, um pintor parisiense, copiou a mensagem maravilhosamente em letras desenhadas, como era de costume nos manuscritos antigos, usando tinta da índia para que a cor da escrita não fenecesse. A quarta folha continha a assinatura dos duzentos homens do *Sonderkommando*. As folhas foram amarradas juntas com um cordão de seda, depois enroladas, colocadas em um cilindro de zinco, feito especialmente para esse fim e, finalmente, selado e soldado para proteger o manuscrito da umidade do ar. Nossos carpinteiros colocaram o tubo nas molas do sofá-cama, entre os enchimentos do acolchoado.

Outra mensagem, exatamente igual à primeira, foi enterrada no pátio do crematório nº 2.

XXI

Eu HAVIA ME ACOSTUMADO a ver um caminhão passar pelo portão do crematório toda noite, por volta das sete horas, carregando setenta a oitenta homens e mulheres para serem liquidados . Vindos das enfermarias, eram o resultado da seleção diária do KZ. Prisioneiros de vários anos ou de apenas algumas semanas, todos tinham total consciência do destino que os aguardava. Quando o caminhão entrava no pátio, as paredes ressoavam com os gritos e urros dos infelizes. Sabiam que ao pé das fornalhas toda esperança de fuga se dissipava.

Não querendo testemunhar a cena diária, eu geralmente me isolava no ponto mais distante do crematório, onde ficava sentado à sombra de umas árvores. O estampido dos revólveres e os gritos lancinantes chegavam até mim já bastante atenuados.

Uma noite, porém, minha sorte acabou. De cinco horas. em diante tive que ficar trabalhando na sala de dissecação. Era preciso examinar um caso de suicídio de um *Oberschaar-führer* SS, cujo corpo me havia sido enviado de Gleiwitz. Um capitão SS (um dos juizes da corte marcial) e um funcionário sentaram-se para assistir à autópsia.

Por volta das sete horas, quando estava ditando o atestado para o funcionário SS, o caminhão carregado de prisioneiros entrou no pátio. Duas janelas gradeadas e cobertas com tela contra mosquitos davam para o pátio dos fundos. Todos os ocupantes do caminhão estavam extremamente calmos. Por esse motivo deduzi que não haviam sido selecionados nos barracões, mas sim nos hospitais. Estavam fracos e doentes demais para gritar ou mesmo para pular do caminhão.

Os guardas SS começaram a ficar nervosos e a gritar, incitando-os a descer. Ninguém se moveu. O motorista também começou a perder a paciência. Entrou novamente no caminhão e ligou o motor. Pouco a

pouco a imensa caçamba começou a se erguer e, de repente, toda aquela massa de infelizes foi atirada ao chão, uma massa agitada, enlouquecida. Ao cair batiam com a cabeça, se socavam, batiam com os joelhos e rosto no chão de concreto. Finalmente, um grito coletivo de dor ecoou pelo pátio.

O juiz SS, levado pelos gritos e lamentos, interrompeu a investigação para me perguntar:

— O que está acontecendo lá fora?

Chegou até a janela e eu lhe expliquei o que estava acontecendo. Aparentemente não estava acostumado a tais cenas, pois virou-se e disse com ar de desaprovação:

— Mesmo assim, não deviam fazer isso!

O *Sonderkommando* tirou as roupas dos prisioneiros e amontoou os trapos no pátio. Às vítimas foram levadas até a sala das fornalhas e colocadas diante do revólver do *Oberschaar-führer*. O assassino de serviço era Mussfeld. De pé, perto das fornalhas, usando luvas de borracha, ele segurava sua arma com a mão firme. Um a um os corpos caíam, cada qual deixando seu lugar para o próximo da fila. Em poucos minutos ele havia "tombado" (esse era o termo comumente usado) os oitenta homens. Meia hora depois todos haviam sido cremados.

Mais tarde, Mussfeld procurou-me para que lhe fizesse um *check-up*. Estava com problemas cardíacos e sofria de fortes dores de cabeça. Tirei a pressão arterial, tomei o pulso e ascoltei o coração com um estetoscópio. O pulso estava um pouco alto. Dei-lhe minha opinião: seu estado era, sem dúvida, resultante do "trabalhinho" que havia feito na sala das fornalhas. Minha intenção era tranquilizá-lo, mas o resultado foi exatamente o oposto. Ele ergueu-se indignado e falou:

— Seu diagnóstico está errado. Não me importa mais matar cinco ou quinhentos homens. Se estou indisposto é somente porque bebo muito.

E assim dizendo, virou-se e foi embora, vivamente contrariado.

XXII

ACABEI ADQUIRINDO O hábito de ler todas as noites na hora de dormir. Uma noite, quando fazia isso, as luzes se apagaram e a sirene começou a soar esganiçada. Sempre que havia um alarme como esse, todo o *Sonderkommando* era reunido por guardas SS fortemente armados e levado para o abrigo, isto é, para a câmara de gás.

Cruzamos os portais da câmara de gás com o coração pesado. O *kommando* em peso estava presente, duzentos homens. Era uma sensação terrível ficar naquela sala, sabendo que milhares e milhares de pessoas encontraram um fim doloroso lá. Além disso, sabíamos que a vida do *Sonderkommando* estava por um fio. Se esse fosse o caso, os SS poderiam simplesmente fechar a porta e derramar quatro caixas de ciclôn pelas chaminés, e estaríamos liquidados.

Aliás, tal atitude tinha um precedente. Uma parte do décimo primeiro *Sonderkommando* havia sido transferida dos alojamentos D para o barracão 13, e foi informado que, de acordo com as ordens recebidas de cima, eles não ficariam mais nos crematórios e sim nos barracões. Continuariam a trabalhar nos fornos, porém iriam para o crematório em dois grupos separados. Nessa mesma noite foram levados do alojamento D para tomarem banho e mudar de roupa. Depois do banho foram para outra sala pegar roupas desinfetadas. Aquela era realmente uma sala de desinfecção e, como tal, tinha de ficar hermeticamente fechada. Normalmente era lá que ficavam as roupas cheias de piolhos, recolhidas no campo, para serem desinfetadas. Quatrocentos homens do *Sonderkommando* haviam sido liquidados dessa maneira. De lá, os caminhões tinham levado seus cornos para a pira funerária.

Assim, nossa ansiedade, enquanto o alarme não acabava, não

era infundada. Durou três horas essa angústia. Afinal, saímos da escuridão e pudemos contemplar a quilométrica cerca de arame farpado novamente iluminada pelos feixes de luz dos inquietos holofotes. Voltei para a cama e tentei dormir, mas o sono demorou bastante a chegar.

No dia seguinte, ao fazer minha ronda pelo crematório no. 2 o chefe do *Sonderkommando* de lá me informou muito confidencialmente que, durante o alarme da noite anterior, um grupo da Resistência entrara no campo. Num ponto distante eles haviam cortado o arame, e deixaram no pátio três metralhadoras e vinte granadas de mão. Os homens do *Sonderkommando* descobriram as armas de madrugada e as esconderam num lugar seguro.

As notícias nos deram ligeira esperança para o futuro. Sabíamos que as mãos que nos forneceram essas armas não poderiam estar longe. A partir de uma série de fatos, pude deduzir que eles estavam operando clandestinamente a uns vinte e cinco ou trinta quilômetros do campo. Tínhamos esperança de que, protegidos por novo alarme, conseguiriam nos passar mais armas. Ultimamente tinha havido alarme quase todo dia. Mas para nós, os que realmente importavam eram os que ocorriam durante a noite e duravam um tempo relativamente longo, pois só assim nossos devotados e anônimos amigos poderiam se aproximar do campo. Depois de uns três ou quatro desses alarmes talvez tivéssemos armas suficientes para abrir caminho para a liberdade.

A organização dessa futura operação estava sendo coordenada pelo crematório no. 3, que mantinha contatos com todos os outros. A coisa estava sendo conduzida com o máximo cuidado e sigilo absoluto. A morte, na forma das mortíferas metralhadoras dos guardas, rondava cada passo que dávamos. Queríamos viver. Queríamos sair dali. Mas mesmo se a maioria talhasse, mesmo se só um ou dois conseguissem escapar, ainda assim teríamos vencido, pois haveria alguém para contar ao mundo os negros mistérios dessas fábricas da morte.

Quanto àqueles destinados a pagar com suas vidas, pelo menos não teriam morrido como vermes, esmagados pelas mãos sujas dos

carniceiros. Ao contrário, seriam os primeiros na história do KZ, apesar de estar totalmente em desvantagem numérica e de armas, a semear a morte e a destruição entre seus torturadores antes de morrer orgulhosamente como homens.

XXIII

O DIA DO EXTERMÍNIO havia chegado para os 4.500 habitantes do Campo Cigano. As medidas tomadas foram idênticas às da liquidação do Campo Tcheco. Todos os barracões foram postos de quarentena. Os guardas SS, com seus cães, invadiram os barracões e puseram todos para fora, obrigando-os a formar. Rações de pão e salame foram distribuídas entre os prisioneiros. Aos ciganos foi dito que seriam levados para outro campo, e engoliram a história. Um meio muito fácil e eficaz de acalmar os ânimos. Ninguém pensou nos crematórios, pois então para que teriam sido distribuídos o pão e o salame?

Essa estratégia da SS era ditada, não por pena nem por consideração aos condenados à morte, mas simplesmente para que pudessem despachar para a câmara de gás um grupo numeroso, sem incidentes e retardamentos desnecessários, e guardados por uma patrulha relativamente pequena. A estratégia funcionou com perfeição. Tudo correu como planejado. Durante toda a noite as chaminés do no. 1 e do 2 soltaram imensas labaredas, iluminando sinistramente todo o campo.

No dia seguinte, o Campo Cigano, que era tão agitado e barulhento, estava silencioso e deserto. O único e monótono som que se ouvia era o do arame farpado roçando um contra o outro e o bater incessante de portas e janelas sob a força do vento das estepes da Volínia.

Mais uma vez os piromaniacos da Europa tinham organizado uma exibição de fogos de artifício. Mais uma vez o cenário fora o campo de concentração de Auschwitz. Dessa vez, no entanto, as vítimas não foram os judeus, e sim os cristãos: ciganos católicos da Alemanha e da

Áustria. Pela manhã, seus corpos haviam sido transformados numa pilha prateada de cinzas, esperando ser recolhida no pátio do crematório. Os corpos de doze pares de gêmeos não foram entregues às chamas. Mesmo antes de enviá-los para a câmara de gás, o Dr. Mengele já havia escrito ZS em seus peitos com giz especial.

Nessa coleção de corpos, havia gêmeos de várias idades, de recém-nascidos a adolescentes de dezesseis anos. No momento, eles estavam estendidos no chão do "necrotério". Corpos de crianças morenas e de cabelos negros. O trabalho de classificá-los por pares era bastante cansativo. Eu precisava ter o cuidado para não misturá-los, pois se algo acontecesse que tornasse esses raros espécimes imprestáveis para a pesquisa, o Dr. Mengele me faria pagar com a vida.

Dias antes, eu estava com ele examinando as anotações já feitas sobre os gêmeos quando notou uma pequena e tênue mancha de gordura na capa azul de um dos livros. Eu freqüentemente manuseava os livros no decurso das dissecações, e provavelmente o manchara com um pingo de gordura. O Dr. Mengele lançou-me um olhar furioso e disse muito sério:

— Como é que pode ser tão descuidado com esses registros que compilei com tanto amor? .

Ao ouvir a palavra "amor" pronunciada pelo Dr. Mengele fiquei estupefato, incapaz de pensar em uma resposta.

XXIV

Eu CONDUZIA o ESTUDO dos doze pares de gêmeos com o maior cuidado possível. Como todos sabem, existem duas espécies de gêmeos — de um óvulo e de dois óvulos. Gêmeos nascidos do mesmo óvulo são sempre idênticos, não só em suas manifestações internas, como externas, e sempre são do mesmo sexo. São conhecidos também como idênticos, uniovulares ou monozigóticos. Gêmeos nascidos de óvulos diferentes parecem-se em suas manifestações externas e internas, porém assim como irmãos e irmãs, se parecem normalmente. Eles são conhecidos como fraternais, biovulares e dizigóticos.

Tais observações constituem, sob o ponto de vista médico, uma das leis básicas de hereditariedade concernente aos gêmeos. Essa lei tem sido utilizada por aqueles que afirmam que os fatores ambientais, tais como educação, nutrição, as doenças que a pessoa sofreu etc, exercem influências ligeiras sobre a constituição física, mental e temperamental do indivíduo, e que a hereditariedade tem um papel muito mais relevante. Se os traços que a pessoa herdou de seus antepassados ocorrerem repetidamente por várias gerações, serão conhecidos como as características hereditárias dominantes.

Essas características hereditárias dominantes podem beneficiar ou prejudicar o indivíduo. Podem, por exemplo, causar uma saudável constituição dentária ou uma cabeleira generosa que não rareia com o passar dos anos, como também uma hipertensão e, em algumas famílias, diabete. Entre as doenças mentais, a depressão nervosa.

Esses fenômenos hereditários, vantajosos ou não, freqüentemente se manifestam nos recém-nascidos: uma criança nascida com um número excessivo de dedos da mão ou do pé é um exemplo. Outros fenômenos se desenvolvem mais tarde e se tornam

moléstias crônicas, como por exemplo a epilepsia, a asma, a gota, certas formas de hipertensão, alguns casos de câncer e a catarata, que ocorre somente dos sessenta anos em diante.

Entre esses fenômenos hereditários, geralmente se encontra a peculiaridade da ocorrência maior em um sexo do que em outro. O daltonismo ou a cegueira de cor congênita e a anemia são duas manifestações mais freqüentes desse fenômeno hereditário definido pelo sexo. Ambas as doenças aparecem somente nos homens, nunca nas mulheres. A anemia é o exemplo mais óbvio: a forma de anemia hereditária mais comum é aquela que passou de um avô anêmico, através de uma filha saudável, para a metade dos netos homens. Os filhos homens nunca herdam diretamente do pai anêmico. Cada filho homem e todos seus descendentes permanecerão saudáveis, sejam eles homens ou mulheres. Mas as filhas de um pai anêmico, embora saudáveis, carregarão com elas as sementes da anemia e cada uma transmitirá a anemia aos seus filhos homens.

Eu tinha os corpos de um par de gêmeos de quinze anos diante de mim, sobre a mesa. Comecei uma dissecação paralela e comparativa nos dois corpos. Nada digno de registro foi encontrado nas cabeças. A fase seguinte era a remoção do esterno. Aqui um fenômeno extremamente interessante surgiu: um timo persistente que continuava a existir. Normalmente o timo é encontrado só em crianças. Ele vai da borda superior do esterno até o coração, cobrindo assim uma extensa área. Com a puberdade, começa a encolher rapidamente e logo desaparece por completo. Assim que o indivíduo alcança a maturidade sexual, tudo que resta dele é uma pequenina bolsa de gordura e as sobras de tecido fibroso da antiga glândula.

O timó exerce grande influência no crescimento. Quando murcha muito depressa, o crescimento do indivíduo será pouco, talvez até fique anão e, além disso, seus ossos serão muito frágeis. Superdesenvolvimento e hipersecreção da glândula são também encontrados em autópsias de crianças que morreram de repente sem motivo claro, sem terem estado doentes. A hipersecreção é encontrada

também em gente jovem que se revelou muito vulnerável às moléstias infecciosas.

Por isso, a descoberta do timo nos gêmeos era de particular interesse, pois não somente estava existindo num jovem de quinze anos, quando deveria ter desaparecido aos doze, como também era excepcionalmente grande. Dissequei outros dois pares de gêmeos, um de quinze e outro de dezesseis anos, e encontrei o timo murcho em ambos os casos.

De cada um dos oito gêmeos idênticos, extraí a parte cervical da coluna. A quarta e a quinta vértebras apresentavam uma anomalia: não haviam se fechado na idade de doze ou treze anos, mas permaneceram abertas, mesmo no caso dos gêmeos de quinze e dezesseis anos. Essa anomalia, chamada "spina bífida", é um estado patológico cujas conseqüências podem ser extremamente sérias.

Um indivíduo desenvolve-se para ambas as direções da coluna, isto é, para cima, em direção ao crânio, e para baixo em direção a pelvis, ou melhor, aos ossos caudais. O desenvolvimento é chamado caudal ou craniano, dependendo da tendência predominante. No caso presente, a tendência foi craniana em todos os gêmeos, uma vez que a "spina bífida" e o osso transversal que permaneceu aberto eram fenômenos degenerativos.

Outra anomalia que encontrei em cinco pares de gêmeos foi a não fixação da décima costela. Normalmente essa costela é soldada ao esterno. O fato de estar «flutuando» resultava de uma irregularidade do crescimento da coluna na direção da pélvis.

Passei essas observações para o papel de um modo mais precioso e científico do que usei para descrevê-las aqui. Mais tarde passei metade do dia numa discussão com o Dr Mengele tentando esclarecer alguns pontos duvidosos. Na sala de dissecação e no laboratório eu deixava de ser um humilde prisioneiro do KZ e conseqüentemente podia defender e explicar meus pontos de vista, como se aquilo fosse uma conferência médica da qual eu era membro. Contradi o Dr. Mengele em várias ocasiões e discordei de uma de

suas hipóteses.

Conheço bem os homens. Parecia-me que minha atitude firme minhas frases medidas e mesmo meu silêncio eram as qualidades pelas quais conseguira fazer com que o Dr. Mengele, que a todos fazia tremer, me oferecesse um cigarro durante uma discussão particularmente animada, esquecendo "por alguns momentos as circunstâncias do nosso relacionamento.

XXV

UMA VEZ, quando dissecava o corpo de um homem já idoso, descobri umas maravilhosas pedras em sua vesícula. Sabendo que o Dr. Mengele era um ardoroso colecionador de tais artigos, lavi as pedras, sequei-as e depois coloquei-as num vidro grande, que tampei com uma "rolha de vidro". Colei uma etiqueta no frasco, dizendo o nome da pessoa, que tipo de pedras eram e suas características patológicas. Quando o Dr. Mengele voltou à minha sala, entreguei-lhe as pedras. Ele admirou os cristais. Girando os frascos nas mãos, não deixava de admirar as pedras e, de repente, virando-se para mim, perguntou-me se conhecia a balada do guerreiro Wallenstein. Sua pergunta estava completamente em desacordo com a situação e o ambiente, mas respondi:

— Conheço a história do guerreiro Wallenstein, mas não a balada.

Sorrindo, ele começou a recitar:

*"Im Besitze der Familie Wallenstein
Ist merh Gallenstein, wie Edelstein."*

o que, traduzido, seria mais ou menos assim:

*"Na família Wallenstein
Existem mais cálculos renais do que pedras preciosas"*

Meu superior recitou várias estrofes dessa balada cômica. Ele estava de tão bom humor que resolvi pedir-lhe um grande favor: que me deixasse ir procurar minha mulher e minha filha. Somente depois de ter

formulado o pedido, percebi o quanto de ousadia ele encerrava, mas já era tarde para retroceder. Ele encarou-me cheio de surpresa.

— Você é casado e tem uma filha?

— Sim, capitão, sou casado e tenho uma filha de quinze anos — respondi com a voz embargada pela emoção.

— Acha que ainda estão vivas?

— Sim, capitão, pois quando de nossa chegada, há três meses, o senhor mandou-as para a fila da direita.

— Elas podem ter sido enviadas para outro campo — disse. De repente, meu pensamento se prendeu na fumaça do crematório: talvez já tenham sido despachadas com essa fumaça para algum campo celestial. O Dr. Mengele permaneceu sentado, sua cabeça pendendo para a frente como se imerso em profundos pensamentos. Eu continuei parado atrás dele.

— Vou lhe dar uma autorização para procurá-las, mas... — e colocando o dedo indicador sobre os lábios, me olhou ameaçadoramente.

— Entendi, capitão, muito obrigado.

O Dr. Mengele saiu. Voltei para meu quarto completamente eufórico, segurando firme a autorização com ambas as mãos. Uma vez no quarto, comecei a ler: "O no. A 8450 está autorizado a circular livremente dentro do KZ de Auschwitz. Assinado, Dr. Mengele, SS *Hauptsturmführer*." Nunca, pelo que me constava, havia tal coisa acontecido na história do campo. Eu realmente não sabia por onde começar. As mulheres ficavam confinadas nos Campos C, B3 e FK4. Pelo que sabia, a maioria das mulheres húngaras estava no campo C. E decidi que seria por lá que a busca teria início.

No dia seguinte, acordei ainda cansado, pois não havia conseguido pregar olho a noite toda. Dúvidas terríveis me assaltavam. Aqui, três meses eram uma eternidade, e uma infinidade de coisas poderia ter acontecido. Minha posição no KZ fez-me perceber muito bem o que acontecia no interior dessas paredes sangrentas.

Entrei no escritório da SS para comunicar minha partida e

despedir-me de meus companheiros, que me desejaram toda a sorte do mundo. Embora ainda fosse bem cedo, o sol do outono já estava queimando quando iniciei minha jornada de três quilômetros. Em linha reta, o Campo C ficava consideravelmente perto, mas tinha que permanecer dentro dos limites das cercas, e por isso fui obrigado a dar diversas voltas. Com uma mistura de curiosidade e medo, entrei na zona neutra cercada de arame eletrificado. Eles nunca atiram sem antes advertir, após se ter passado pelo arame farpado. Patrulhas de motociclistas com a plaqueta — "Lagerpolizei" (Polícia do Campo) — rondavam o campo. Encontrei várias dessas patrulhas durante minha caminhada, mas nenhuma molestou-me.

Ao chegar ao Campo C, avistei um imenso portão de ferro plantado à minha frente. Suas portas tinham vários isolantes de porcelana, reforçados com arame farpado. Em frente ao portão, a inevitável casa da guarda. Alguns soldados SS estavam apanhando sol. Olharam-me de cima a baixo, pois eu era um hóspede incomum, porém nada disseram. Não se intrometiam em negócios que só diriam respeito aos seus camaradas na casa da guarda. Aproximei-me e dei-lhes o número tatuado. Olharam-me cheios de curiosidade. Tirei o passe do Dr. Mengele do bolso e entreguei a eles. Depois de examiná-lo, ordenaram aos outros soldados que abrissem o portão, e me perguntaram por quanto tempo eu pretendia permanecer no campo, pois, como sempre, precisavam registrar a informação.

— Até o meio-dia — disse calmamente. Eu sabia que estava exagerando, mas o costumeiro suborno do maço de cigarros foi suficiente para conseguir seu assentimento. Dei-lhes o maço e passei pela fronteira de arame.

A estrada principal do campo C, flanqueada por barracões esverdeados caindo aos pedaços, estava muito animada. Algumas mulheres estavam carregando um imenso caldeirão de sopa, pois aqui o almoço era servido às dez horas. Outro grupo — um *kommando* de estrada — estava em plena atividade, carregando pedras para a reparação das estradas do campo. Várias mulheres estavam estendidas

ao sol, ao longo de ambos os lados da via principal. Tinham os corpos cobertos de trapos, as cabeças raspadas; eram um triste espetáculo. Muitas estavam vestidas da maneira mais fantástica possível — uma usava uma camisola sem mangas — e estavam sentadas no chão, ocupadas em catar seus próprios piolhos ou os da companheira. As partes expostas de seus corpos estavam cobertas de feridas, arranhões e hematomas. Era dessa seção que partiam grupos de prisioneiras para campos mais distantes. Pelo que pude saber, as seleções eram feitas com muito rigor, pois todas que sobravam aqui pareciam ser as mais combalidas. Felizardas eram aquelas enviadas para campos mais distantes, pois ainda tinham uma chance de sobreviver, enquanto o destino dessas estava selado, um destino idêntico ao do Campo Cigano.

Caminhei em direção ao primeiro barracão. De repente me vi cercado de gritos e súplicas. Aqueles corpos que vi estendidos, cobertos de trapos ou arrastando-se pelos cantos, ganharam vida e, deixando seus lugares, correram em minha direção. Fui reconhecido por cerca de vinte mulheres que me cercaram e suplicavam angustiadas por notícias de seus maridos e filhos

Se me reconheceram foi porque eu tinha conseguido viver de modo a ainda parecer um ser humano. Para mim, era quase impossível reconhecê-las, de tanto que haviam mudado. Minha situação no meio daquela multidão histérica estava começando a ficar embaraçosa. Cada vez, mais mulheres vinham se juntar à roda. Todas queriam saber alguma coisa sobre suas famílias. Por três meses haviam vivido sob um regime implacável e um medo constante. Aqui, havia seleção uma vez por semana. Três meses era tempo suficiente para que aprendessem a ter saudades do passado e a temer o futuro.

Muitas me perguntavam se era verdade o que tinham ouvido falar sobre os crematórios. O que era aquela fumaça saindo todos os dias das chaminés e as labaredas que as substituíam à noite? Eu tentava acalmá-las, negando tudo.

— Não, não é verdade — repeti depois de cada pergunta ou afirmação. — Além disso, a guerra está quase no fim e logo iremos para

casa — disse, sem muita convicção.

Deixei-as sem ter tido notícias de minha filha e de minha mulher. Entrei no primeiro barracão e pedi à supervisora, uma moça eslovaca, para chamar os nomes de minha mulher e minha filha. Havia entre oitocentas e mil mulheres acotoveladas nos beliches ao longo das paredes. Uma só voz feminina chamando os nomes em meio à incrível balbúrdia feita por todas aquelas infelizes não era nada fácil. A supervisora voltou minutos depois para me dizer que a busca tinha sido infrutífera. Agradei a sua gentileza e entrei no segundo barracão.

Aqui a situação não era muito diferente; a mesma cena se repetiu com o mesmo resultado negativo. No terceiro barracão fiquei parado no meio do salão. Novamente recorri à supervisora e ela enviou duas mocinhas, uma para cada extremo do alojamento, para chamar os nomes que pedi. Em poucos minutos voltaram trazendo minha filha e minha mulher!

Elas se aproximaram de mãos dadas, os olhos arregalados de medo, sabendo das prováveis conseqüências de chamadas pessoais. Mas no mesmo instante me reconheceram. Pararam, perplexas, sem acreditar no que viam, fulminadas. Eu me aproximei delas, tomei-as nos braços e apertei seus corpos magros num longo abraço. Elas não foram capazes de falar, mas se contentaram em chorar baixinho. Tentei consolá-las, tranquilizá-las, mas novamente a multidão nos cercou. Naquelas circunstâncias, não era possível conversar. Pedi à supervisora que nos deixasse usar seu quartinho por alguns minutos. Ai, finalmente, pudemos ficar a sós.

Contaram-me sobre sua triste experiência nos últimos três meses: as temidas seleções das quais até agora haviam escapado; porém cada vez que pensavam nisso tremiam de pavor. Vestidas com trapos, sofriam perpetuamente de frio e de fome. Chovia dentro do barracão e suas roupas nunca chegavam a secar completamente. A comida era intragável e o pior é que não podiam dormir. O lugar que lhes fora destinado havia sido concebido para alojar sete pessoas: doze estavam amontoadas lá. Mulheres cujo nível social em suas antigas

vidas era bem alto chutavam-se e empurravam-se para obter alguns centímetros a mais, esperando assim dormir menos mal, mesmo que isso custasse o sacrifício de suas companheiras. Todas aqui haviam perdido sua antiga personalidade. Amigas ou estranhas, cada qual se preocupava única e exclusivamente com seu próprio bem-estar, incapazes de fazer a mínima concessão. Minha filha informou-me que dormia no chão de concreto, pois ninguém lhe dava espaço no catre onde sua mãe dormia. Minha esposa perguntou-me acerca do meu trabalho. Expliquei-lhe que era assistente do Dr. Mengele e, como tal, membro do *Sonderkommando*. Depois de três meses de KZ, as duas haviam aprendido que *Sonderkommando* era o *kommando* dos mortos-vivos. Ambas olharam-me consternadas. Tranquilei-as o melhor que pude e prometi voltar no dia seguinte.

A notícia do meu encontro com minha mulher e filha causou euforia no crematório. Peguei roupas quentes, meias e roupa de cama do departamento de roupas; escovas de dentes, cortador de unhas e pentes da seção de artigos de toalete. Da farmácia consegui um estoque de vitaminas, lenimento para as feridas e tudo mais que pudesse ser útil. Peguei o que podia levar, o que era muito mais do que as duas precisavam. Além disso, enchi minha sacola com açúcar, manteiga, geléia e pão em quantidade suficiente para distribuir entre as outras prisioneiras. Assim parti lotado para o Campo C. Mas tudo que é bom dura pouco.

Durante três semanas, visitei-as diariamente. Um dia, o que temia finalmente aconteceu. Eu já havia chegado à conclusão de que depois do extermínio do Campo Tcheco e do Campo Cigano, tudo era somente uma questão de tempo. Cedo ou tarde o fim viria para aqueles que passavam seus dias na miséria extrema do confinamento de Auschwitz.

Uma tarde estava sentado em minha mesa de trabalho no laboratório. O Dr. Mengele e o Dr. Thilo estavam presentes discutindo problemas concernentes à administração do KZ. O Dr. Mengele ergueu-se subitamente, como se tivesse tomado uma decisão, e falou para seu

colega:

— Não estou mais disposto a aumentar as miseráveis do Campo C. Vou mandar exterminá-las nas próximas semanas.

Essas cenas quase sempre aconteciam na minha presença. Assuntos de natureza superconfidencial eram discutidos na minha frente como se eu não existisse. Afinal, quem iria se preocupar com um morto-vivo, cuja presença era igual a nada?

Fiquei totalmente aturdido com aquela revelação, pois afetava não só a minha família como a milhares de compatriotas. Eu tinha que agir imediatamente.

Assim que o Df. Mengele e o Dr. Thilo deixaram o crematório, saí atrás deles e segui para o Campo D, onde estava instalada uma turma da SS que supervisionava a incorporação de prisioneiros estrangeiros aos batalhões de trabalhos forçados. Nesse campo ficavam recolhidos os prisioneiros escolhidos para trabalhos forçados em fábricas de toda a Alemanha. O chefe era um *Oberschaarführer*. Encontrei-o a sós em seu quarto. Apresentei-me e mostrei-lhe o passe do Dr. Mengele.

Expliquei que minha mulher e minha filha estavam no Campo C. Depois de tê-las encontrado com o auxílio do Dr. Mengele, estive fazendo tudo que podia por elas. No entanto, sabia o destino que aguardava o Campo C e por isso queria dar um jeito de mandar minha família para longe. Ele prometeu ajudar-me.

Naquela semana, 3.000 prisioneiras do Campo C iriam ser enviadas para as fábricas da Alemanha Ocidental.

— Essas fábricas são o que há de melhor — explicou. — O alojamento e a comida não são preparados para exterminar, mas para manter o bom estado físico a fim de que se consiga o máximo de produtividade.

Deixei uma caixa com cem cigarros sobre sua mesa. Ele aceitou e prometeu que se minha mulher e minha filha se oferecessem como voluntárias, durante a seleção, seriam encaixadas no primeiro ou no segundo comboio. Eu tinha conseguido o que queria. Corri para o Campo C, mas lá meu trabalho seria ainda mais difícil. Tive de fazer

minha família compreender a necessidade de sair dali. É claro, a verdade não poderia ser dita, pois iniciaria o pânico e isso seria fatal para todos. Usei de todos os argumentos para fazê-las entender que, por mais doloroso que fosse para nós, teriam de partir. Elas teriam que renunciar à minha ajuda. De minha parte, eu também teria que renunciar ao prazer de vê-las e ajudá-las. Em algum dia dessa semana iria haver uma seleção para o preenchimento de uma cota de comboio. Elas deveriam se oferecer como voluntárias para um dos comboios, de preferência o primeiro. Expliquei à minha esposa que sérios motivos me obrigavam a avisá-las e pedi-lhe que contasse a todas as suas conhecidas, mas não dissesse nada além disso.

Devo acrescentar que, durante a seleção para o preenchimento de cotas, os SS primeiro aceitavam as voluntárias e só usavam a incorporação arbitrária quando o número de voluntárias não alcançava o previsto. Houve poucas voluntárias, uma vez que ninguém queria trocar as vantagens da presente situação — isto é, não trabalhar — por outra. Poucas quiseram oferecer-se para os trabalhos forçados, mesmo sabendo que a comida no KZ era insuficiente para sustentar a vida. Pobres mulheres de pouca visão! Se ao menos tivessem compreendido a mentalidade das autoridades do KZ, teriam percebido que quem não trabalha não vive.

Minha mulher e minha filha, no entanto, compreenderam as minhas razões para pedir-lhes que tomassem aquela atitude e prometeram se apresentar na convocação inicial. Despedi-me delas, mas avisei que voltaria daí a dois dias para trazer agasalhos e comida para a viagem.

No fim de dois dias, voltei ao Campo C para me despedir e levei roupas e provisões. Mas não fui sozinho. Era possível encontrar alguns oficiais pela frente e eles podiam ficar curiosos. Por isso pedi a um dos guardas SS do crematório, a quem eu havia tratado de pleurisia, para vir comigo e me ajudar a carregar os embrulhos. Desta vez não as visitei no barracão, mas arranjei para que fossem me encontrar num ponto distante e deserto, num entroncamento da cerca de arame farpado. Foi

lá que conversamos. Jogamos os pacotes por cima da cerca. O lugar era tão distante que ninguém nos viu. Com o arame farpado separando-nos, era impossível nos beijarmos.

Nos poucos minutos que passamos juntos, minha esposa assegurou-me que tudo havia corrido como o planejado. Ela e nossa filha tinham sido aceitas no comboio assim não precisei recorrer à ajuda do *Oberschaarführer*. Fiquei feliz em saber que muitas das outras mulheres do campo aceitaram o conselho de minha esposa e ofereceram-se para ir no comboio.

XXVI

TRÊS DIAS MAIS TARDE voltei ao Campo C para verificar e ter certeza de que haviam partido. Obtive essa certeza; elas partiram no primeiro comboio. Eu não sabia o que o futuro teria planejado para elas, mas de qualquer forma fiquei aliviado, pois ali a morte seria tão certa como dois e dois são quatro. Agora, com um pouco de sorte poderiam escapar com vida. As indicações de que a guerra estava chegando ao fim ficavam cada vez mais evidentes. O túmulo do III Reich já estava sendo cavado. Eu tinha o pressentimento de que, a essa altura do jogo, as chances de sobrevivência de um prisioneiro estavam em função da distância em que ele se achava de campos de concentração do tipo de Auschwitz. O que significava que minhas próprias chances estavam ficando menores a cada dia que se passava. Qualquer que fosse a minha sorte, eu agora estava tranqüilo, sabendo da distância que separava minha família das piras funerárias. Não era nem medo nem desespero que mantinha a idéia da morte predominar na minha cabeça, mas sim a lembrança do sangrento fim do décimo-primeiro *Sonderkommando*, pressagiando o nosso, e ainda uma atitude fria e objetiva desprovida de qualquer sentimentalidade.

Assim que sai do Campo C, deixei minha vista vaguear pelas fileiras de barracas. Foi com uma mistura de tristeza e compaixão que mais uma vez observei o espetáculo grotesco de nossas mulheres e meninas: elas, que um dia foram atraentes, tão meticulosas em se maquilar e se arrumar, estavam agora carecas e cadavéricas, vestidas com farrapos, despidas de qualquer dignidade humana, fantasmas de sua antiga figura.

Voltando ao crematório, de repente me encontrei tiritando de frio e percebi que o outono havia chegado: já estávamos no final de

setembro. O vento norte, que descia dos picos nevados das montanhas, cantava em meio ao arame farpado e batia as janelas diabolicamente. O único pássaro que habitava essa região esquecida de Deus, o corvo, voava sob o céu de chumbo. Dos crematórios construídos para durar eternamente, o vento levava nuvens de fumaça e com elas o odor característico de carne e cabelos queimados.

Meus dias transcorriam na indolência, minhas noites eram passadas em claro. Estava terrivelmente deprimido, toda a vontade de viver havia-me abandonado desde a partida de minha família. A solidão me oprimia e minha própria inatividade me assombrava. Durante aqueles últimos dias, o silêncio e o tédio pairaram pesadamente sobre Auschwitz. Um mau sinal — e minha intuição era simplesmente infalível — um presságio de que mais ações sangrentas estavam por vir. O décimo-segundo *Sonderkommando* já tinha vivido seus quatro meses. As areias de nosso tempo restrito estavam escorrendo velozmente. Tínhamos somente mais alguns dias — no máximo uma semana ou duas — para viver.

A decisão do Dr. Mengele de exterminar o Campo C foi levada adiante. Toda noite, cinquenta caminhões traziam as vítimas (quatro mil por noite) para os crematórios. Uma visão dantesca esses caminhões em caravana, seus faróis tateando a escuridão, cada um carregando sua carga humana de oitenta mulheres que, ou enchiam o ar com seus gritos, ou ficavam sentadas, mudas, paralisadas de medo.

Num desfile lento, os caminhões chegavam e despejavam as mulheres, já totalmente despidas, ao pé da escadaria que conduzia à câmara de gás. Dali eram rapidamente empurradas para baixo. Todas sabiam para onde estavam indo, mas os rigores desses quatro meses de cativeiro, os castigos corporais que sofreram e a desintegração de seu sistema nervoso reduziram-nas a tal estado de penúria geral que elas não estavam mais em condições de opor nenhuma resistência nem de sentir dor. Elas se deixavam passivamente conduzir para a câmara da morte. Exaustas de tanto serem perseguidas, de viver no medo constante, apalermadamente esperavam as mãos do médico infalível —

a morte. Para elas a vida havia perdido todo o significado e todo o propósito. Prolongá-la significava simplesmente prolongar o sofrimento.

E que longo caminho haviam percorrido para chegar até aqui. Como estava cheio de dor cada passo dessa estrada. Primeiro, seus lares aconchegantes e confortáveis se viram invadidos e saqueados. Depois, juntamente com seus maridos, filhos e pais, transportadas até os fornos de cozer tijolos num ponto afastado da cidade, onde por semanas foram obrigadas a viver e dormir nos lamaçais formados pelas chuvas da primavera. Aqueles eram os guetos, dos quais pequenos grupos eram levados todos os dias para as câmaras de torturas especialmente preparadas com os mais recentes instrumentos para fazer "falar". Durante horas e dias foram interrogados, até confessarem o esconderijo de seus bens ou com quem haviam ficado. Muitos morreram em consequência desses interrogatórios. Os que sobreviveram viram-se aliviados ao serem embarcados, oitenta ou noventa de cada vez nos vagões selados, pois aquilo significava que estavam deixando as câmaras de tortura para trás.

Ou pelo menos assim pensavam. Durante cinco ou seis dias viveram naqueles vagões, observando os mortos se empilharem ao seu lado, até que, por fim, chegaram à rampa de desembarque de judeus em Auschwitz.

Já sabemos o que lhes aconteceu aqui. Com o coração em pedaços ao verem-se separadas dos maridos e filhos, transidas de medo, mandadas na hora da seleção para a coluna da direita, elas finalmente chegaram ao seu novo lar — o Campo C. Mas antes de entrar nos infectos barracões, eram obrigadas a passar por outra humilhação degradante: os banhos.

Mãos brutais cortavam seus cabelos e lhes arrancavam as roupas. Depois dos banhos, recebiam trapos que nem o mais vil mendigo teria ao menos tocado. Nessas "roupas" recebiam o primeiro dividendo do III Reich: piolhos.

Após essa recepção, começavam suas vidas no confinamento das cercas de arame farpado do KZ, a vida das mortas-vivas. A comida que

recebiam era suficiente para mantê-las com vida, mas insuficiente para fazê-las viver. A inexistência de albumina em seus sistemas fazia com que suas pernas pesassem como chumbo. A ausência de gorduras provocava inchaço nos corpos. A menstruação cessava. Como resultado disso, tornavam-se irritadiças e cada vez mais nervosas, tinham enxaquecas e hemorragias nasais. A falta de vitamina B causava um entorpecimento perpétuo e amnésias parciais: freqüentemente não conseguiam mais se lembrar dos nomes das ruas onde moraram ou do número de suas casas. Somente seus olhos ainda estavam vivos, mas mesmo neles a luz da inteligência não brilhava mais.

Sob essas circunstâncias é que se submetiam às chamadas diárias, que demoravam várias horas. Quando desmaiavam, eram acordadas com um balde de água gelada no rosto, seus olhos invariavelmente viravam-se para as nuvens de fumaça que cobriam o campo ou para as labaredas que fugiam da boca das chaminés. Esses dois sinais, fumaça e chamas, lembravam-nas dia e noite que estavam vivendo à portas de outro mundo.

As prisioneiras do Campo C viveram durante quatro meses à sombra dos portões dos crematórios; levou apenas dez dias para que quarenta e cinco mil corpos atormentados passassem por eles e lá entregassem a alma. Sobre o Campo C, cujos arames tinham cercado tantas tragédias, desceu um silêncio sepulcral.

XXVII

O SONDERKOMMANDO estava só esperando o golpe final. Dias após dia, semana após semana, o terror vinha rondando nossas cabeças, sustentado por cordéis finíssimos. E agora, em um dia ou dois, ele desceria fulminante, trazendo consigo a morte instantânea, deixando em sua esteira apenas um monte de cinzas prateadas. Nós estávamos prontos para ele. A cada minuto esperávamos a chegada dos nossos executores SS.

Na madrugada de 6 de outubro de 1944, um tiro partiu de uma das torres de vigia, matando um prisioneiro que escapara da zona neutra para a área entre a primeira e a segunda linha de guardas que cercavam o campo. O prisioneiro, um ex-oficial russo, fora mandado para cá por ter tentado escapar de um campo de prisioneiros de guerra. Tudo indica que tentava fugir de novo quando um guarda o acertou.

Uma comissão política, chefiada pelo Dr. Mengele, saiu em campo para proceder às investigações de praxe. Se a vítima tivesse sido um judeu, seu corpo teria sido embarcado diretamente para o necrotério e de lá para o crematório, e isso encerraria o caso. Mas uma vez que se tratava de um oficial russo cujo nome e dados pessoais se achavam registrados nos livros de campo, tal norma não podia ser seguida. O laudo da autópsia seria necessário para explicar sua morte. O Dr. Mengele mandou enviar seu corpo para o necrotério com ordens de que fosse feita a autópsia. O laudo deveria estar pronto às 14:30.

O Dr. Mengele viria pessoalmente apanhá-lo para conferir seus resultados com um exame que faria no corpo.

Eram nove horas da manhã quando o Dr. Mengele saiu da sala de dissecação. O corpo já estava estirado sobre a mesa e eu teria completado a autópsia em trinta ou quarenta minutos se aquele não

fosse o dia 6 de outubro de 1944, o penúltimo dia do tempo de vida destinado ao *Sonderkommando*. Não tínhamos certeza de nada, mas eu sentia a iminência da morte.

Uma vez que estava incapaz de trabalhar, deixei a sala e fui para o meu quarto, planejando tomar uma dose reforçada de pílulas para dormir. Fumei um cigarro atrás do outro, tinha os nervos completamente estraçalhados. Sem condições de ficar parado, saí caminhando e passei pela sala de incineração, onde um *kommando* trabalhava sem muita pressa, apesar das pilhas de corpos amontoados em frente às fornalhas. Estavam reunidos em pequenos grupos e falavam aos sussurros. Subi para os alojamentos dos *kommandos* e notei que algo não ia bem. Normalmente depois da chamada da manhã e do café, o turno da noite mudava, mas àquela hora, quase dez da manhã, todo mundo ainda estava lá. Também notei que usavam suéteres e botas, embora o alojamento estivesse banhado pelo sol quente de outubro. Aqui muitos homens estavam reunidos, enquanto outros moviam-se ativamente, arrumando e empacotando suas roupas em valises. Era óbvio que alguma espécie de trama estava sendo engendrada. Mas o quê? Entrei na casinhola que servia de alojamento ao chefe do *kommando* e encontrei vários líderes do turno da noite sentados em torno da mesa: o engenheiro o mecânico, o chefe dos motoristas e o chefe da câmara de gás' Nem bem eu me sentara, o chefe do *kommando* pegou uma garrafa quase vazia e encheu-me um copo de *hrandy*. Era uma *eau-de-vie* polonesa, bastante forte. Esvaziei meu copo de um só gole. Agora, nas derradeiras horas dos quatro meses do *Sonderkommando*, a bebida não podia ser chamada de elixir da longa vida, mas era, sem sombra de dúvida, um excelente remédio para disfarçar o medo da morte. Meus companheiros traçaram um panorama detalhado de nossa situação. Tudo indicava que a liquidação do *Sonderkommando* não se daria antes do dia seguinte ou talvez mais tarde. Planos minuciosos haviam sido feitos para os 860 homens do *Sonderkommando* abrirem caminho a bala para fora do campo. A revolta estava marcada para aquela noite.

Uma vez do lado de fora, iríamos em direção à curva do Vístula, dois quilômetros acima. Nessa época do ano, o rio não estava mais raso e poderia ser atravessado facilmente. A oito quilômetros do Vístula existiam grandes florestas, que se estendiam até a fronteira polonesa, nas quais poderíamos viver durante semanas e, quem sabe, até meses se necessário, em relativa segurança. Ou talvez encontrássemos algum grupo da Resistência pelo caminho. Nosso estoque de armas era suficiente. Durante os últimos dias, centenas de caixas com explosivos chegaram ao campo vindas de uma fábrica de munição que empregava judeus poloneses como operários. Os alemães os usavam para explodir estradas de ferro. Além desse material, tínhamos cinco metralhadoras e vinte granadas de mão.

— Isso deve bastar — disse um do grupo. — Com o elemento surpresa ao nosso lado, poderemos desarmar os guardas, usando somente nossas armas. Então pegaremos os SS de surpresa nos dormitórios e os forçaremos a ir conosco até que não precisemos mais deles.

O aviso para atacar seria dado por sinais de lanterna do crematório no. 1. O no. 2 imediatamente transmitiria o sinal ao no. 3, que por sua vez alertaria o no. 4. O plano me parecia exequível pelo simples fato de que o único crematório de serviço era o no. 1. E mesmo ele pararia de trabalhar as dezoito horas, o que significava que naquele dia o turno da noite não trabalharia. Sempre que isso acontecia os guardas tinham uma tendência para relaxar a vigilância. Havia três guardas SS em cada crematório.

Suspendemos a reunião até a noite e a ordem era de que até o momento em que o sinal fosse dado todos deveriam continuar cumprindo suas tarefas como se nada houvesse, evitando qualquer ato que pudesse provocar suspeitas.

Voltando para o quarto, passei novamente pela sala de incineração. Os homens pareciam estar trabalhando ainda mais lentamente que antes. Informei a meus dois colegas sobre o que estava se passando, mas evitei falar com o assistente de laboratório. Ele

naturalmente seria arrastado junto quando a coisa comesse, mas pelo momento não vi necessidade de informá-lo. O tempo movia-se lentamente. A hora do almoço finalmente chegou. Comemos devagar e depois fomos para o pátio nos aquecer com o, cálidos raios do sol de outono. Notei que não havia guardas SS à vista. Mas provavelmente nada havia de incomum naquilo, pois não era a primeira vez que acontecia. Sem dúvida estavam em seus alojamentos. Os portões estavam fechados. Do lado de fora do campo os guardas SS permaneciam em seus postos. Assim, não dei importância à ausência dos SS dentro do pátio. Fumei meu cigarro em paz. Saber que dentro de algumas horas estaríamos do lado de fora desses arames farpados e novamente livres, era o bastante para afastar a nuvem negra de minha mente, uma nuvem que havia se formado desde que entrara no KZ. Mesmo que tudo fracassasse, eu não teria perdido nada.

Consultei meu relógio. Uma e meia da tarde. Subi e pedi a meus colegas que me auxiliassem na autópsia, pois o laudo deveria estar pronto quando o Dr. Mengele viesse apanhá-lo. Seguiram-me silenciosamente até a sala de dissecação, e começamos a autópsia imediatamente. Um dos meus colegas realizou a dissecação enquanto eu ia datilografando suas descobertas.

Estávamos trabalhando há uns vinte minutos quando tremenda explosão sacudiu as paredes. No silêncio que se seguiu o matraquear das metralhadoras chegou aos nossos ouvidos. Espiando através da tela verde que cobria as janelas, pude ver o telhado e as vigas do crematório no. 3 irem pelos ares, seguidos de uma imensa língua de fogo e uma espiral de fumaça negra. Menos de um minuto depois o fogo das metralhadoras espocava bem em frente à porta da sala onde estávamos. Não tínhamos a mínima idéia do que estava acontecendo. Nossos planos eram para aquela noite. Ocorreram-me duas possibilidades: ou alguém nos havia traído, possibilitando assim aos SS entrar em ação e pôr abaixo a fuga planejada, ou uma considerável força de guerrilheiros da Resistência resolvera atacar o campo. As sirenas dos crematórios 1 e 2 começaram a gritar. As explosões

tornavam-se cada vez mais persistentes. Logo em seguida pudemos ouvir os estampidos característicos das metralhadoras de chão. Eu já havia decidido o que fazer. Fosse caso de traição ou ataque de fora, parecia melhor para o momento permanecer na sala de dissecação e ver quais os rumos dos acontecimentos. Da janela vi chegarem uns oitenta a cem caminhões. O primeiro parou em frente ao portão do nosso crematório. Metade de uma companhia desceu e formou em posição de batalha em frente às cercas de arame farpado.

Comecei a compreender o que tinha acontecido. Os homens do *Sonderkommando* haviam tomado o crematório no.1 e, de cada porta e janela, estavam rechaçando os SS a rajadas de metralhadoras e granadas. Sua defesa parecia efetiva, pois vi vários SS tombarem, mortos ou feridos. Vendo isso, os alemães resolveram lançar mão de métodos mais drásticos. Trouxeram cinqüenta cães bem treinados e os soltaram em direção ao *Sonderhommando*, entrincheirado atrás das paredes do crematório no. 1. Mas por alguma estranha razão esses cães, geralmente tão ferozes e obedientes, recusaram-se a atacar: orelhas abaixadas, rabo entre as pernas, eles se esconderam atrás de seus donos. Talvez porque tivessem sido treinados para atacar prisioneiros enfraquecidos e desarmados, os cães estivessem momentaneamente assustados com o cheiro de pólvora e de carne chamuscada, mais ainda o barulho e a confusão de uma batalha renhida. De qualquer modo, os SS imediatamente perceberam seu erro e, sem parar de atirar, começaram a trazer algumas bazucas para a posição de tiro.

Era impossível o *Sonderhommando* resistir a essa vantagem numérica e material. Exultantes, irromperam pelos portões do crematório. Atirando sempre, escapuliram por um buraco previamente aberto na cerca de arame farpado e rumaram para a curva do Vístula.

Durante dez minutos o tiroteio continuou. Aos violentos estampidos das metralhadoras pesadas das torres respondia o matraquear persistente das metralhadoras. Em meio aos tiros irrompiam explosões de granadas de mão e dinamite. Então, como

começou, de repente tudo ficou quieto.

Os SS que estavam diante do crematório avançaram carregando as bazucas que não haviam sido usadas. De baioneta calada, atacaram o edifício por todos os lados, invadindo os quartos do térreo e do subsolo. Um grupo entrou na sala de dissecação. Com as armas apontadas para nós, eles nos cercaram e nos arrastaram sob uma chuva de pancadas até o pátio. Ali nos puseram deitados de braços. Uma ordem foi dada:

- Um só movimento e levam uma bala na nuca!

Alguns minutos mais tarde pude notar que, pelo som dos passos, os SS haviam capturado e trazido mais homens do *Sonderkommando*. Eles também foram obrigados a se deitar de cara no chão ao nosso lado. Quantos seriam? Com a minha face enfiada no chão era impossível saber ao certo. Três ou quatro minutos mais tarde outro grupo foi trazido e colocado na mesma posição.

Enquanto estávamos deitados, uma chuva de chutes e cacetadas caiu sobre nossas cabeças, costas e pernas. Pude sentir o sangue quente escorrendo pelo rosto até que seu gosto salgado foi sentido pela minha língua. Mas somente as primeiras pancadas me machucaram. Com a cabeça girando, os ouvidos zumbindo, sobreveio-me um vazio na mente. Não estava sentindo mais nada. Tinha a impressão de estar dormindo na indiferença que precede a morte.

Por uns vinte ou trinta minutos ficamos assim, esperando a bala dos SS na nuca. Nessa posição, eu sabia que era com uma bala na nuca que eles pretendiam nos liquidar. A mais rápida das mortes e, naquelas circunstâncias, a menos terrível. Em minha mente, imaginei minha cabeça recebendo o impacto de uma bala atirada à queima-roupa, meu crânio explodindo em mil pedaços.

De repente, ouvi o som de um carro se aproximando. Deve ser o Dr. Mengele, pensei. Os SS políticos estavam só aguardando a sua chegada. Não ousei levantar a cabeça, mas pude facilmente reconhecer sua voz. Uma ordem dos lábios de um SS:

— Os médicos, de pé!

Nós quatro nos levantamos, esperando pelo que viria. O Dr. Mengele fez um sinal para que nos aproximássemos. Minha cara e minha camisa, cobertas de sangue, meu corpo enlameado, assim fui diante dele. Três oficiais SS estavam ao seu lado. O Dr. Mengele perguntou qual havia sido nossa participação em tudo aquilo.

— Nenhuma participação — respondi. — A não ser que cumprir as ordens do *Hauptsturmführer* possa ser considerado uma falta. Estávamos dissecando o corpo do oficial russo quando o incidente ocorreu. Foi a explosão que interrompeu nosso trabalho. O relatório ainda está na minha máquina. Não abandonamos nossos postos e estávamos lá quando nos encontraram.

O comandante SS confirmou o que eu disse. O Dr. Mengele olhou-me duro e falou:

— Vá se lavar e volte para o seu trabalho.

Virei-me e saí, seguido por meus três colegas. Não havíamos dado nem vinte passos quando disparos de metralhadoras se fizeram ouvir. O *Sonderkommando* tinha deixado de existir.

Não olhei para trás, pelo contrário, apressei o passo e voltei para meu quarto. Tentei enrolar um cigarro, mas minhas mãos estavam trêmulas demais, e não conseguia deixar de rasgar o papel fino. Finalmente, consegui enrolar um, acendi, tirei profundas baforadas; depois, com as pernas bambas, fui para a cama e me deitei. Só então comecei a sentir as dores dos ferimentos e hematomas por todo o corpo.

Tanta coisa havia acontecido e ainda eram 3 horas da tarde. O fato de ter escapado com vida não me dava conforto nem alegria. Sabia que aquilo representava somente uma trégua. Conhecia o Dr. Mengele e a mentalidade dos SS. Também tinha plena consciência da importância do meu trabalho; no momento, era indispensável. Além de mim não havia outro médico no KZ capacitado para atender às necessidades do Dr. Mengele. E mesmo se houvesse, seria bastante cuidadoso para não se revelar e tornar públicas suas habilidades profissionais, pois fazer isso representava cair nas mãos de Mengele e, por conseguinte, abreviar a vida: como todo membro do *Sonderkommando*, eles também se

achariam dentro do limite de quatro meses para viver.

Quando meus nervos se acalmaram, levantei-me e fui olhar em volta. Desejava saber exatamente o que havia sucedido essa tarde. Será que realmente existia um traidor entre nós? E os SS acabaram com a revolta ao liquidar o *Sonderkommando*? Mesmo que estivessem procurando um pretexto, não poderia haver melhor razão para exterminar o *kommando*. Era muito provável que, por ser o último dia do período de quatro meses que nos concediam para viver, os SS tivessem recebido ordens para nos liquidar. Eles, na certa, se preparavam para cumprir as ordens quando, para sua surpresa, descobriram que o décimo-segundo *Sonderkommando* não tinha intenção de formar no pátio. Nem estava disposto a engolir que a reunião no pátio era para se fazer alguma proclamação ou chamada. Nosso *kommando*, consciente do fato dos SS terem vindo para nos exterminar, aparentemente optara por morrer lutando.

Agora meus camaradas estavam deitados em longas fileiras, em frente às fornalhas do crematório. Um após outro, identifiquei os corpos daqueles que conhecia; pelo menos morreram achando que a liberdade estava logo ao dobrar a esquina. Eles haviam sido trazidos de volta em carretas do lugar onde tombaram, algum ponto dentro da linha externa de guardas. Aqueles que foram executados no pátio também ali estavam. Depois que toda a resistência havia cessado, os corpos foram removidos dos crematórios nos. 2, 3 e 4 para o no. 1, que estava sendo operado por trinta novos homens de *Sonderkommando*, recrutados às pressas.

Encontrei-me ao lado de um oficial que estava atarefado, registrando os números tatuados dos mortos. Sem que lhe perguntasse, me informou que faltavam doze homens. Dos outros, todos, menos sete, estavam mortos. Esses sete eram meus dois assistentes, o laboratorista, eu, o engenheiro encarregado dos dinamos e dos ventiladores, o chefe dos motoristas e o "Pipel", isto é, o quebra-galhos encarregado de servir ao pessoal SS e cujas funções variavam desde tomar conta de suas roupas e botas até cuidar da cozinha e atender o telefone. Foi ele que

me fez um relato detalhado do que tinha acontecido. Não houve traição. Aqui vai a versão do "Pipel":

Às duas horas da tarde, um caminhão de SS políticos chegou ao crematório no. 3. O comandante ordenou que os homens do Sonderkommando se reunissem, mas ninguém se moveu. Ele deve ter tido um vislumbre do que estava fermentando. De qualquer forma, preferiu achar que conseguiria melhores resultados se mentisse aos homens e Deus sabe que os SS são mestres renomados na arte de mentir. De pé, no centro do pátio, ele disse:

— Homens, vocês trabalham aqui há bastante tempo. Por ordem de meus superiores, serão enviados para um campo de repouso. Lá receberão boas roupas, terão uma alimentação farta e sua vida será bem mais fácil. Aqueles cujo número eu chamar dêem um passo à frente e entrem em forma.

Então, começou a chamada. Primeiro chamou os números dos húngaros do crematório nº 3, cem ao todo. Os mais "jovens" do KZ formaram sem protestar. Suas expressões demonstravam mais medo do que coragem. Um destacamento SS imediatamente envolveu-os e marcharam para fora do pátio até o barracão 13 do Campo D, onde foram trancados.

Enquanto isso, a chamada continuava no crematório no. 3. Agora era a vez dos gregos, que não foram tão submissos em obedecer, mas de qualquer forma enfileiraram-se. Em seguida, um grupo de poloneses. Grunhidos e protestos abafados encheram o ar. O SS chamou outro número. Silêncio, ninguém se moveu. Quando o oficial levantou a cabeça e franziu o cenho, uma garrafa d'água mineral caiu aos seus pés e explodiu. A garrafa havia sido jogada por um dos poloneses. Os SS abriram fogo contra os revoltosos, que recuaram e tomaram posição dentro do crematório. Assim protegidos, eles começaram a atirar garrafas cheias de explosivos no pátio. Uma rajada de metralhadoras liquidou com os gregos que ainda estavam formados no pátio. Alguns tentaram escapar, mas foram derrubados antes de chegarem ao portão.

Sem parar de atirar, os SS avançaram em direção à entrada do crematório. Não foi um trabalho fácil para os poloneses sustentar aquela posição. Sua cascata de garrafas explosivas conseguiu manter os soldados a uma distância respeitável. Somente então uma tremenda explosão sacudiu toda a área, derrubando todos os atacantes que se aproximaram demais do edifício. O teto do crematório voou pelos ares, levando junto pedaços de madeiras, pedras e ferro retorcido em todas as direções, enquanto que rolos de fumaça e labaredas subiam aos céus. Quatro enormes galões de gasolina haviam explodido reduzindo o edifício ao monte de escombros que soterrou os homens do *kommando*. Os poucos que escaparam tentaram prosseguir a luta, mas as metralhadoras SS deram cabo deles. Outros, feridos mas ainda capazes de andar, saíram para o pátio com as mãos na cabeça, mas outra rajada os liquidou sumariamente. Eles sabiam que isso iria acontecer; o fogo, porém, estava lavrando no interior do prédio e escolheram a morte mais rápida. Ao mesmo tempo, às centenas, os húngaros foram trazidos rapidamente para o pátio e executados no local.

Assim foi que a revolta começou no no. 3. No no. 1, o trabalho continuava normalmente, até que se ouviu a explosão no no. 3. O barulho da explosão elevou a tensão, que já estava alta, devido à espera, para um paroxismo. Ninguém sabia exatamente o que fazer durante os primeiros minutos. Os homens que trabalhavam nos fornos abandonaram seus postos e foram espiar na janela que existia no fim da sala, para tentar descobrir o que estava se passando e que passos dar.

Não tiveram que pensar muito, pois um guarda SS chegou e, rispidamente, perguntou quem lhes dera permissão para abandonar os fornos. Aparentemente a resposta do chefe do crematório não o satisfez porque ele deu-lhe uma cacetada na cabeça com a extremidade curva de sua bengala (cada SS carregava uma bengala para "encorajar" os homens do *kommando* a trabalhar mais). Comenta-se também que um segundo homem do *Sonderkommando* teve sua cabeça aberta pela mesma bengala. Mas o chefe, o homem mais duro de todo o *kommando*,

ficou apenas tonto com a pancada. Seu rosto estava coberto de sangue, mas ele ainda estava de pé. Num piscar de olhos puxou uma faca de dentro de sua bota e mergulhou-a no peito do SS. Assim que o guarda tombou, outros dois membros do *kommando* o agarraram, abriram a tampa do forno mais próximo e o atiraram lá dentro, de cabeça.

Tudo aconteceu em segundos, mas outro SS entrou na sala a tempo de ver duas botas serem tragadas pelas chamas. Ele sabia que a vítima só podia ser ou um *kommando* ou um SS, mas antes que pudesse chegar a qualquer conclusão, um dos homens derrubou-o com um poderoso murro e, com a ajuda de um companheiro, deu-lhe o mesmo destino do anterior.

Depois disso, foram necessários apenas alguns segundos para aparecerem as metralhadoras, granadas e dinamites que estavam escondidas. A luta começou entre os SS, num extremo do edifício, e os homens do *Sonderkommando*, em outro. Uma granada de mão, atirada no centro dos guardas, matou sete e deixou muitos outros feridos. Vários homens do *Sonderkommando* foram também mortos ou feridos e a situação, para os sobreviventes, começou a ficar desesperadora. Porém, quando mais alguns SS tombaram, os prisioneiros remanescentes, cerca de vinte, conseguiram escapar pela porta do crematório. Lá receberam reforços mais do que suficientes para virar a luta a seu favor.

O resto era história. Sete ficaram no interior do crematório. Os doze fugitivos foram cercados e capturados à noite. Eles tinham conseguido cruzar o Vístula, mas estavam esgotados e procuraram abrigo numa casa. O dono desta informou a uma patrulha SS, que vasculhava a área, e todos foram capturados.

Eu estava deitado, quase dormindo, quando uma nova rajada de metralhadora tirou-me do meu estado de semi-inconsciência. Poucos minutos depois, pesadas passadas ressoaram no corredor. Minha porta se abriu e dois SS entraram, seus rostos cobertos de sangue.

Os doze prisioneiros tinham atacado a patrulha que os trazia de volta ao campo, num esforço desesperado para tomar-lhes as armas. Os

prisioneiros tinham apenas os punhos como armas; o resultado foi rápido e seguro: todos os doze foram imediatamente eliminados. Mas tinham conseguido fazer uns estragos nos guardas, que agora me pediam que tratasse de seus ferimentos. Sem dizer uma palavra, obedeci.

A perda dos doze companheiros foi um golpe terrível para mim. Depois de tanto esforço e de tantas vidas perdidas, ninguém conseguira escapar para contar ao mundo a história dessa diabólica prisão.

Mais tarde vim a saber que as notícias dessa revolta tinham chegado ao mundo exterior. Alguns dos prisioneiros do KZ contaram o caso para os civis que trabalhavam com eles. Além disso, ao que tudo indica, parece que a língua de certos SS andou batendo nos dentes.

Aquilo foi, sem dúvida, um acontecimento histórico, o primeiro do gênero, desde a fundação do KZ. Oitocentos e cinquenta e três prisioneiros e setenta SS foram mortos, incluindo entre os últimos um *Obersturmführer*, dezessete *Oberschaar-führer* e *Schäarführer* e cinquenta e dois *Sturmmänner*. O crematório no. 3 ficou completamente incendiado e o no. 4, em virtude dos sérios estragos em seu equipamento, ficou inutilizado.

XXVIII

Acordei deprimido após uma noite mal dormida. Meus nervos estavam em pior estado que nunca: mesmo as conversas sussurradas de meus colegas, o som de seus passos, faziam-me terrível mal.

Eu estava num péssimo humor à medida que, junto com meus assistentes, caminhávamos em direção à sala de dissecação. No caminho tivemos que passar à sala de incineração. Aquele chão de concreto frio e antipático, que se estendia até os fornos. Tinham acabado de queimar nossos colegas às doze horas da noite anterior. Os fornos, ao esfriar, produziam uma quentura débil. O décimo-terceiro *Sonderhommando*, atingido pela tragédia que havia acabado de presenciar, estava sentado ou deitado sobre as camas dos antigos *kommandos*, num silêncio tumular.

Mas essa situação durou pouco e logo a vida voltou ao seu ritmo normal, o que era evidenciado pelo desejo deles por boa comida e cigarros, e especialmente pelo brandy, o remédio de todos os *Sonderkommandos*, a panacéia para a enfermidade do crematório. Depois da nudez deplorável nos barracões do KZ, estavam gozando o conforto de roupas novas. A higiene pessoal era novamente uma realidade: chuveiros, sabonete, toalhas à vontade. Eu os observava como um velho sargento deve observar um grupo de recrutas. Eles se acostuariam logo com tudo aquilo.

Na sala de dissecação, na falta de algo melhor para fazer, inventei alguns trabalhos para manter meus colegas ocupados. Pedi que limpassem os instrumentos cirúrgicos até que ficassem brilhando como novos, depois que os separassem por tipo e os guardassem. A tela de mosquitos, depois da batalha do dia anterior, também estava precisando de alguns reparos. Quanto a mim, sentei-me à mesa, com a

cabeça cheia de esparadrapos, e comecei a preparar uma lista de reclamações e reivindicações para entregar ao Dr. Mengele o mais cedo possível.

Planejava dizer-lhe que nenhum dos aposentos do crematório era adequado para uma sala de dissecação, pela simples razão de que não importava onde você estivesse aqui dentro não conseguia deixar de ouvir os gritos lancinantes dos deportados em seu caminho para a morte, gritos que penetravam na medula dos ossos. Fosse a câmara de gás ou uma bala na nuca, os gritos eram os mesmos. Tornava-se impossível para mim concentrar-me no trabalho. Desde o dia de minha chegada, quando soube do destino dos onze *kommandos* anteriores, vinha vivendo num mundo de medo constante: quatro meses de tensão alucinante, esperando, dia após dia, pelo momento que o nosso *kommando* teria o mesmo destino.

Também planejava pedir-lhe para ter mais paciência com meu trabalho no futuro, se algo não saísse perfeito. Por quê? Porque, há não muito tempo atrás, dia 6 de outubro de 1944, para ser mais exato, quando recebi ordens para fazer a autópsia no corpo de um oficial russo e preparar o laudo, o crematório no. 3 foi pelos ares diante dos meus olhos e fomos atacados por um batalhão da SS. Bazucas foram trazidas e cães policiais açulados contra nós. Granadas de mão explodiram à nossa volta. Soldados de baioneta calada irromperam por esse assim chamado instituto científico que eu supunha dirigir e nos puseram para fora aos chutes e cacetadas. Fomos obrigados a nos deitar no chão lamacento. Por um triz eu não passei de dissecador a um objeto de dissecação. Era verdade que o Dr. Mengele me tinha livrado desse destino e me resgatado das hostes dos condenados, mas somente para ser obrigado a voltar a essa casa de horrores para uma nova etapa de quatro meses. Eu lhe perguntaria se ele não achava que a nossa situação era insustentável. Após o pior ter passado, fui obrigado a prestar os primeiros socorros a dois SS, que horas antes haviam me espancado sem piedade e depois esperado, com a arma engatilhada e apontada para a minha nuca, a hora de puxar o gatilho.

Essas eram as reclamações que tinha a fazer ao meu chefe. Mas a minha maior reivindicação era para que transferisse a sala de dissecação para outro lugar longe daqui.

No momento exato em que acabava de pensar isso, a porta se abriu e o próprio Dr. Mengele entrou. Como mandava o regulamento, eu me ergui e, em posição de sentido, anunciei:

— Capitão, três médicos e um assistente de laboratório às ordens.

Ele olhou com ares de surpresa para minhas bandagens.

— O que foi que lhe aconteceu? — perguntou com um sorriso enigmático que parecia meio sério, meio brincalhão.

A natureza de sua pergunta deu-me a impressão de que ele preferiria que os acontecimentos do dia anterior nunca tivessem ocorrido. Assim sendo, não respondi. Minha lista de reclamações murchou, porém uma reivindicação tinha de ser feita.

— Capitão, — disse sem muita convicção — esse lugar é altamente inadequado para a pesquisa científica. Não seria possível transferir a sala para um lugar melhor?

Ele olhou-me fixamente, sua expressão endurecendo.

— O que há de errado? — disse friamente. — Está ficando sentimental?

Lamentei ter-me deixado levar. Ter abandonado a discrição que geralmente mantinha em sua presença. Ousara criticar o único lugar, o único ambiente no qual meu superior se sentia em casa: o fulgor infernal das piras e a fumaça negra dos crematórios; o ar pesado com o cheiro de carne crestada; as paredes ressoando com os gritos dos infelizes e o matraquear metálico das metralhadoras disparadas à queima-roupa; era para esse lugar que ele voltava depois de cada seleção, depois de cada seção de fogos de artifício. Esse era o lugar onde passava todo seu tempo livre; aqui nesse inferno humano o carnicheiro de Auschwitz obrigava-se a retalhar centenas de cadáveres recentes, cuja carne era também usada para cultivar bactérias numa incubadora elétrica. Obcecado com a idéia de que havia sido escolhido para

descobrir a causa dos nascimentos múltiplos, o Dr. Mengele sentava-se durante horas ao microscópio.

Hoje, no entanto, notei que ele parecia cansado. Tinha acabado de chegar da plataforma de desembarque de judeus, onde permanecera horas sob a chuva, fazendo a seleção dos habitantes do gueto de Riga. Como de costume, seleção não era bem o termo, pois todos tinham sido mandados para a esquerda. Os dois crematórios em operação estavam cheios, assim como a imensa pira. Para lidar com esse acúmulo de serviço, as fileiras do novo *Sonderkommando* foram engrossadas com mais 460 homens.

O Dr. Mengele aproximou-se da mesa sem se preocupar em tirar a capa e o quepe, que estavam ensopados. Na verdade, nem parecia notá-los.

— Capitão, — falei — deixe-me levar seu quepe e o seu casaco para junto dos fornos. Logo estarão secos.

— Deixe para lá — respondeu — De qualquer forma, a água não passará de minha pele.

Pedi-me para ver o laudo da autópsia do oficial russo. Entreguei a pasta. Após ler quatro ou cinco linhas, ele a devolveu.

— Estou muito cansado, leia para mim. — No entanto, mal comecei a ler, ele me interrompeu. — Deixe para lá, não é necessário. — E seu olhar passeou, ausente, pela sala.

O que poderia ter acontecido a esse homem? Seria possível que estivesse cansado desses horrores. Também era possível que a tensão dos meses anteriores tivesse começado a deixar sua marca.

Durante nossos vários contatos e conversas, o Dr. Mengele nunca me proporcionou o que eu pudesse chamar de conversa particular. Mas agora, vendo-o tão deprimido, criei coragem.

— Capitão, quando terminará toda essa destruição? Olhou-me e respondeu:

— *Mein Freund! Es geht immer weiter, immer weiter!* Meu amigol Isso vai continuar, e continuar...

Suas palavras pareciam trair uma nota de resignação. Levantou-

se da cadeira e deixou o laboratório com a valise na mão. Acompanhei-o até o carro.

— Nos próximos dias, você terá um trabalho interessante — disse; depois, entrou no carro e partiu.

Dei de ombros com indiferença. Não há dúvida de que o "trabalho interessante" significava um novo grupo de gêmeos.

XXIX

OS CREMATÓRIOS estavam sendo reconstruídos. Os homens do *Sonderkommando* refaziam as superfícies refratárias das entradas das fornalhas, pintando as pesadas portas de ferro e azeitando as dobradiças. Os dínamos e ventiladores voltaram a trabalhar vinte e quatro horas por dia. Um especialista garantiu que estavam funcionando bem. A chegada do gueto de Litzmmanstadt tinha sido anunciada.

Esse gueto fora estabelecido pelos alemães em 1939. No começo abrigou 500.000 pessoas, que trabalhavam nas enormes fábricas de material bélico. Em troca de seu trabalho eram pagos em "marcos de gueto", mas somente em quantidade suficiente para comprar uma ração magra de comida. Não é preciso dizer que a diferença entre o grande esforço exigido no trabalho e a alimentação insuficiente era uma alta taxa de mortalidade. Numerosas epidemias também deixaram marcas profundas. Assim, no outono de 1944, somente 70.000 dos 500.000 iniciais haviam sobrevivido.

E agora, a hora fatal para os remanescentes havia chegado. Eles desciam a rampa em grupos de 10.000. A seleção mandou 95% para a esquerda e somente 5% para a direita.

Perseguidos e torturados, física e moralmente esfacelados por cinco anos de vida de gueto, atormentados pela consciência do trágico destino de sua raça, envelhecidos pelos trabalhos forçados, chegavam completamente apáticos. Mesmo quando percebiam que ao cruzar os portais do crematório estavam queimando o último cartucho de suas vidas, havia neles um ar de indiferença.

Desci à antecâmara. Suas roupas e sapatos estavam espalhados pelo chão. Naturalmente, seria muito difícil pendurar nos cabides

aqueles restos de couro e madeira que passavam por sapatos. Nem mesmo o número nos cabides, que deveriam guardar de memória, suscitou seu interesse. Eles deixavam a bagagem de mão em qualquer lugar. Os homens do *Sonderkommando*, cujo serviço era separar os pertences abandonados, abriram alguns embrulhos e mostraram-me: uns biscoitos feitos de farinha de milho e um quase nada de óleo de linhaça e, em alguns casos, alguns gramas de farinha de aveia, isso era tudo que tinham.

Quando os comboios chegaram, o Dr. Mengele percebera entre os deportados um homem corcunda de seus cinqüenta anos. Não estava sozinho. Ao seu lado, um rapaz alto e simpático, de quinze ou dezesseis anos. O rapaz tinha um defeito no pé, que estava sendo corrigido por um aparelho formado de uma chapa de metal e uma bota ortopédica. Eram pai e filho. O Dr. Mengele pensou ter descoberto, na figura do pai corcunda e do filho aleijado, um exemplo incontestado da degeneração da raça judaica. Ordenou que os dois saíssem fora de forma imediatamente. Apanhou seu caderninho e escreveu nele qualquer coisa. Entregou dois pedaços de papel a um guarda SS e mandou que levasse, juntamente com os dois deportados, para o crematório no. 1.

Era quase meio-dia. O nº 1 não estava trabalhando. Não tendo o que fazer, eu fiquei no meu quarto esperando o tempo passar. O SS de guarda veio me procurar e pediu-me que fosse até o portão. O pai e o filho, acompanhados pelo SS, já estavam lá. Peguei o bilhete, que me era destinado, e li: "Sala de dissecação, crematório no. 1, esses dois homens devem ser examinados sob o ponto de vista clínico; que sejam tiradas as medidas exatas deles; o relatório clínico deve incluir todos os detalhes interessantes e mais especialmente aqueles relativos às causas que provocaram tais anomalias".

Um segundo bilhete era dirigido ao *Oberschaarführer* Mussfeld. Mesmo sem lê-lo eu sabia o que devia conter. Pedi a um *Kommando* que o entregasse.

Pai e filho, seus rostos expressando toda uma vida miserável de cinco anos de gueto. Cheios de maus pressentimentos, me olhavam

interrogativamente. Levei-os pelo pátio que, a essa hora, estava banhado pela luz do sol. A caminho do crema-tório, tranqüilizei-os com palavras amenas. Felizmente, não havia nenhum cadáver sobre a mesa de dissecação; teria sido uma visão terrível para eles.

Para poupá-los um pouco, resolvi não fazer o exame na austera sala de dissecação constantemente impregnada com o cheiro do formaldeído e sim na agradável e bem iluminada sala de estudo. Pela nossa conversa, fiquei sabendo que o pai tinha sido um respeitável cidadão de Litzmmanstadt, atacadista de roupas. Durante os períodos de paz entre as guerras, ele, por várias vezes, levava o filho em suas viagens de negócios a Viena, onde o submetera a exames e tratamentos pelos maiores especialistas.

Primeiro examinei o pai detalhadamente, sem omitir nada. O desvio de sua coluna vertebral era consequência de raquitismo retardado. E apesar de exames completos, não descobri nenhum sintoma de outra doença.

Tentei consolá-lo dizendo que provavelmente ele seria enviado para um campo de trabalho.

Antes, de começar a examinar o rapaz, conversei longamente com ele. Tinha um olhar inteligente e uma aparência bastante agradável, mas seu moral estava abaixo da crítica. Tremendo de medo, relatou-me, numa voz sem expressão, os tristes, penosos e, muitas vezes, terríveis acontecimentos que haviam marcado seus cinco anos de gueto. Sua mãe, criatura frágil e sensível, não conseguira suportar por muito tempo as provações a que fora submetida. Tornou-se melancólica e deprimida. Por semanas a fio ela quase não se alimentava para que seu marido e seu filho tivessem uma ração um pouco maior. Uma verdadeira esposa e mãe judia que amou os seus a ponto de enlouquecer; morreu como mártir durante o primeiro ano de vida no gueto. E foi assim que viveram lá, o marido sem a esposa e o filho sem a mãe.

E agora, estavam no crematório *no. 1*. Mais uma vez eu tinha sido golpeado pela terrível ironia da situação. Eu, um médico judeu,

tinha de examiná-los clinicamente antes que morressem e depois, nos seus corpos ainda quentes, fazer a autópsia. Fiquei tão abalado com a situação que, de repente, me achei girando bem próximo da loucura. Qual seria a origem de tanto mal, de tal sucessão de horrores que se abatera sobre o nosso infeliz povo? Seria a vontade de Deus? Não, não posso acreditar.

Com um esforço imenso, me contive e examinei o rapaz. Em seu pé direito notei uma deformação congênita: alguns músculos estavam faltando.

O termo médico para descrever tal deformação é hipomielia. Pude notar que mãos extremamente habilidosas tinham praticado várias operações naquele pé, mas como resultado disso, um pé era menor que o outro. Mas, com uma bandagem e sapatos ortopédicos, ele podia andar perfeitamente bem. Não vi nenhuma outra enfermidade que pudesse ser indicada.

Perguntei-lhes se desejavam comer alguma coisa.

— Não comemos nada há bastante tempo — responderam.

Chamei um homem do *Sonderkommando* e mandei que trouxessem comida para eles: bife e macarronada, um prato que não seria achado fora dos limites do *Sonderkommando*. Começaram a comer com vontade, sem imaginar que era sua "Última Ceia".

Menos de meia hora mais tarde, Mussfeld apareceu com quatro homens do *Sonderkommando*. Eles levaram os prisioneiros para a sala das fornalhas e tiraram-lhes as roupas. Aí o revólver do *Ober* disparou duas vezes. Pai e filho ficaram caídos no chão de concreto frio, banhados em sangue, mortos. O *Oberscharführer* Mussfeld tinha fielmente cumprido as ordens do Dr. Mengele.

Agora era a minha vez novamente. Os dois cadáveres foram trazidos de volta à sala de dissecação. Fiquei tão acabrunhado com o episódio que pedi aos meus colegas que procedessem à autópsia, e me limitei a registrar o que iam encontrando. A autópsia não revelou nada além do que eu já havia constatado no exame *in vivo*. Eram casos banais mas poderiam ser utilizados como propaganda para sustentar a

teoria do III Reich da degeneração da raça judaica.

Quase à noitinha, depois de ter enviado pelo menos 10.000 pessoas para a morte, o Dr. Mengele chegou. Escutou atenciosamente meu relatório concernente aos exames *in vivo* e *post mortem* feitos nas duas vítimas.

— Os cadáveres não serão cremados — disse. — Devem ser preparados para que os esqueletos sejam enviados para o Museu Antropológico de Berlim. Que sistemas conhece para a preparação de esqueletos?

— Existem dois métodos — expliquei. — O primeiro consiste na imersão dos corpos em cloreto de cálcio, que consome todas as partes moles do corpo em duas semanas. Depois, o que sobra é imerso em gasolina que dissolve toda a gordura e seca o esqueleto, deixando-o sem cheiro e branco. E existe um segundo método: o cozimento. Que se faz jogando o corpo na água fervente até que a carne possa ser facilmente destacada dos ossos, depois o mesmo banho de gasolina faz o resto.

O Dr. Mengele me ordenou que usasse o método mais rápido, ou seja, o cozimento.

No KZ, as ordens eram sempre taxativas. Como os prisioneiros deveriam fazer para conseguir o material necessário para a execução da ordem não seria especificado. A ordem tinha de ser cumprida e isso era tudo que se sabia. Eu estava, portanto, diante de um sério problema: onde acharia lugar para cozinhar os corpos? Expliquei o caso ao *Ober Mussfeld*. Disse-lhe que tinha de cozinhar dois corpos mas não sabia como...

Até ele ficou horrorizado com a história. Pensou por um instante e se lembrou de dois caldeirões de ferro que estavam no pátio e que eram geralmente usados na despensa. Mussfeld deixou-os à minha disposição e disse-me para colocá-los sobre tijolos e acender o fogo embaixo.

A base foi preparada e os dois caldeirões, com os corpos dentro, colocados sobre ela. Dois homens do *Sonderhommando* foram incumbidos de catar madeira para o fogo e mantê-lo aceso. Depois de

cinco horas, examinei os corpos e vi que as partes moles estavam agora facilmente destacáveis do corpo. Ordenei que o fogo fosse apagado, mas os corpos não deviam ser retirados até que esfriassem.

Não tendo o que fazer, permaneci sentado à sombra de um arvoredor não muito longe dos caldeirões. Um profundo silêncio me envolveu. Alguns prisioneiros-pedreiros estavam reconstruindo as chaminés do crematório. A noite vinha caindo. Os caldeirões já deviam estar frios a essa hora. Eu estava prestes a ir esvaziá-los quando um de meus homens veio me avisar:

— Doutor, os poloneses estão comendo a carne dos caldeirões!

Saí correndo o mais rápido que minhas pernas permitiam. Quatro homens vestidos com o uniforme listrado dos prisioneiros estavam ao lado dos caldeirões, traumatizados de horror. Eram os pedreiros poloneses que eu havia notado antes. Tinham acabado seu trabalho e estavam esperando no pátio que os guardas viessem e os levassem de volta para Auschwitz ! Esfomeados, estavam à cata de algo para mastigar quando deram com os caldeirões que, por azar, haviam ficado sem guarda por alguns minutos. Pensando tratar-se da carne que o *Sonde-kommando* estava cozinhando, eles cheiraram primeiro e depois pegaram algumas partes que não estavam cobertas de pele; então comeram-nas.

Não haviam ido muito longe, pois os dois homens do *Sonderkommando* encarregados de vigiar os caldeirões chegaram a tempo de ver o que ocorria.

Quando souberam que espécie de carne estavam comendo, os poloneses ficaram nauseados, horrorizados, petrificados...

Após o banho de gasolina, o assistente de laboratório juntou as partes do esqueleto e colocou-as sobre a mesa onde, na noite anterior, eu havia examinado aqueles homens ainda vivos.

O Dr. Mengele estava satisfeito. Trouxe vários outros oficiais e, pomposamente, começaram a examinar certas partes dos esqueletos e a soltar altissonantes termos científicos, falando como se as duas vítimas representassem um fenômeno médico extremamente raro. Eles se

abandonaram totalmente à sua pseudociência.

E, no entanto, longe de ser uma anormalidade extraordinária, aquilo é comum a milhares de homens de todas as raças e climas. Mesmo um médico de clínica reduzida, freqüentemente se depara com isso. Mas os dois casos, por sua própria natureza, poderiam ser explorados na propaganda. A máquina de propaganda nazista nunca hesitou em mascarar suas mentiras monstruosas com uma face científica. O método sempre funcionara, pois aqueles a quem a propaganda era dirigida tinham pouca ou nenhuma faculdade crítica, e aceitavam como fato consumado tudo que trazia o selo do regime.

Os esqueletos foram embrulhados em grandes sacos de papel resistente e endereçados a Berlim com o carimbo: — *Urgente: defesa nacional*. Fiquei aliviado por estarem longe da minha vista, pois os dois homens me proporcionaram horas bastante amargas, não só quando vivos, como também depois de mortos. No fim da semana, o extermínio do gueto de Litzmannstadt havia sido consumado. Uma chuva fria substituiu o sol que vinha aquecendo os dias de outubro. O nevoeiro envolveu os barracões do KZ; meu passado e meu futuro também estavam se dissolvendo num mar de nevoeiro. A chuva continuou por vários dias e o frio úmido penetrou até a medula de meus ossos, tornando minha amargura ainda mais aguda. Onde ia, para onde olhava só via cercas de arame farpado fazendo-me lembrar que toda esperança era vã.

No terceiro dia que se seguiu à liquidação do gueto de Litzmannstadt, o chefe do *Sonderkommando* trouxe uma mulher e duas crianças ensopadas até a alma e tiritando de frio. Elas haviam escapado quando o último comboio foi enviado para a morte. Pressentindo o que lhes estava reservado, esconderam-se atrás de uma pilha de madeira que era usada para o aquecimento e que, por falta de um lugar melhor, ficava amontoada no pátio. Seu comboio havia desaparecido, engolido pela terra bem diante de seus olhos. E ninguém jamais voltou. Tremendo de frio e medo, haviam esperado lá que alguma reviravolta miraculosa do destino viesse salvá-las. Mas nada aconteceu. Por três

dias, ela e as crianças ficaram escondidas na chuva e no trio, sem nada para comer e com seus trapos não lhes oferecendo nenhuma proteção contra os elementos até que finalmente, o chefe do *Sonderkommando*, ao fazer sua ronda, deu com elas já quase inconscientes. Impotente para ajudá-las de qualquer forma, levou-as ao *Oberscharführer*.

A mulher, que devia ter uns trinta anos, mas parecia ter cinqüenta, reuniu suas últimas forças e se atirou aos pés de Mussfeld, implorando que poupasse sua vida e a dos seus filhos de dez e doze anos. Ela havia trabalhado durante cinco anos numa fabrica de roupas no gueto, explicou, fazendo uniformes para o exercito alemão. Ainda podia trabalhar, fazer qualquer coisa, se eles apenas deixassem-na viver.

Tudo era inútil. Aqui não havia salvação. Mais uma vez o passado do KZ deve ter afetado o *Ober*; ele mandou outro em seu lugar para praticar o crime.

⁸ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

XXX

ESTE FOI OUTRO pequeno episódio que nós esquecemos, pois era absolutamente necessário esquecer, se não quiséssemos ficar loucos. Escuridão à frente e escuridão atrás...

Como sempre, a bebida era uma grande ajuda, um alívio momentâneo, mas necessário. Quando pensava no passado tudo isso me parecia um terrível pesadelo. Meu único desejo era não pensar em nada, esquecer tudo.

Estávamos em novembro de 1944. A neve caía em flocos pesados escondendo tudo com seu véu branco. Mal se viam as torres de vigia, vagos dedos cinzentos erguendo-se sobre nós. O vento cantava cada vez mais forte por entre o arame farpado, e os únicos pássaros no céu ainda eram os corvos.

Saí para dar uma volta antes que a noite caísse completamente. O tempo não estava nada convidativo, mas o vento frio agia como estimulante, aliviando meus nervos cansados. Dei várias voltas pelo pátio; meus pés me levaram até próximo das escadas que conduziam à câmara de gás. Parei lá por alguns segundos, lembrando-me que era Dia de Todos os Santos. Um silêncio mortal reinava sobre Auschwitz. Os frios degraus de concreto desciam e se fundiam na escuridão. Esses mesmos degraus onde quatro milhões de pessoas, que nenhum crime cometeram, se despediram da vida e desceram, sabendo que mesmo após a morte seus corpos torturados não teriam a paz de um túmulo. Sozinho, senti que era meu dever parar e pensar neles por um momento com uma profunda compaixão, em nome de seus parentes e amigos, que talvez estivessem bem e felizes em algum lugar do mundo.

Deixei aquele lugar abandonado por Deus e voltei para o meu quarto. Ao abrir a porta, notei que o quarto não estava, como de

costume, muito bem iluminado por uma lâmpada forte e sim mergulhado na luz bruxuleante de uma vela. Minha primeira impressão foi a de que devia ter havido alguma coisa errada com a eletricidade. Aí percebi meu colega, ex-professor da Faculdade de Medicina de Szombathely, sentado com os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça entre as mãos, fitando a chama com os olhos vazios, seus pensamentos a milhões de quilômetros de distância. Ele nem notou a minha presença. A luz fantasmagórica emprestava uma expressão sobrenatural ao seu rosto. Toquei de leve seu ombro.

— Dênis — falei mansamente — em memória de quem acendeu esta vela?

Sua resposta foi confusa. Ele murmurou alguma coisa sobre seu sogro e sua sogra que, pelo que eu sabia, haviam morrido há uns quinze anos, e nem sequer mencionou sua esposa e seu filho, que segundo os homens do *Sonderkommando*, tinham morrido aqui. Era fácil verificar que estava com todos os sintomas de melancolia depressiva e amnésia regressiva.

Pegando-o pelos ombros, conduzi-o para a sua cama, e fiquei lá velando por ele.

Pobre amigo, excelente médico, meu companheiro amável e sensível ao invés de tratar e curar os doentes, você próprio caiu sob as garras da Morte e agora pertencia ao seu reino. Por muitos meses presenciou horrores e sofrimentos que a mente humana nem pode conceber. Talvez seja até bom que seus nervos o tenham traído, que o benevolente véu do esquecimento lhe tenha descido sobre a mente. Agora, pelo menos, não precisará mais se angustiar nem temer o que o futuro lhe reserva.

XXXI

APÓS VÁRIOS DIAS de silêncio, o barulho costumeiro dos crematórios recomeçou. Os motores dos gigantescos ventiladores giravam novamente reavivando as chamas das fornalhas. A chegada do gueto de Theresienstadt havia sido anunciada.

Desde a fundação da República da Tcheco-Eslováquia, Theresienstadt tinha sido originalmente sede de uma guarnição militar. Os alemães mudaram completamente a feição da cidade, a ponto de remover a população civil e instalar um gueto modelo. Esse gueto abrigava judeus deportados da Áustria, Holanda e da própria Tcheco-Eslováquia, num total de 60.000. As condições de vida de seus habitantes eram relativamente boas. Podiam exercer livremente suas profissões, enviar e receber correspondência e eram auxiliados pela Cruz Vermelha. Na verdade, equipes da Cruz Vermelha Internacional faziam visitas periódicas ao gueto e todas as vezes divulgavam relatórios favoráveis concernentes às condições de vida e tratamento dos prisioneiros.

Assim, os alemães conseguiram o que queriam com a criação de um gueto modelo, pois tais relatórios da Cruz Vermelha Internacional tinham o efeito de neutralizar ou, melhor ainda, de qualificar como calúnias maldosas os rumores sobre horrores dos KZ e dos crematórios.

Mas agora, às vésperas do colapso, o III Reich não mais se preocupava em abrandar a opinião pública mundial e rejeitava até mesmo a máscara de seu humanismo duvidoso. Começou, então, a liquidar sem demora os judeus sob sua custódia. Assim, havia soado a hora do gueto-modelo de Theresienstadt. Quando chegaram a Auschwitz, os homens ainda saudáveis desse gueto traziam a seguinte nota de convocação:

COMITÊ GOVERNAMENTAL SS DO
REICH PARA O RECRUTAMENTO
E O EMPREGO DE TRABALHADORES
ESCRAVOS

Aviso: O judeu X Y, do protetorado do Reich, fica avisado de que, por ordem da supracitada autoridade, foi designado para o Serviço de Trabalho Obrigatório. O convocado deve, antes de sua partida, depositar seus instrumentos, as ferramentas necessárias ao exercício de sua profissão, uma provisão de roupas de inverno e comida suficiente para uma semana, com a autoridade representativa. A data da partida será anunciada publicamente.

THERESIENSTADT, DATA

Assinatura

Toda aquela história de trabalho obrigatório era, naturalmente, uma mentira deslavada, um mero pretexto para se proceder o extermínio sem maiores problemas e ainda por cima conseguir algumas ferramentas de que a população alemã tanto necessitava. Vinte mil homens, aptos para o trabalho e na flor da juventude, morreram nas câmaras de gás e foram cremados nos fornos dos crematórios. Levaram 48 horas para exterminá-los. Por vários dias, novamente o silêncio reinou sobre os crematórios.

Duas semanas mais tarde, mais comboios começaram a chegar, um atrás do outro. Milhares de mulheres e crianças foram cuspidas na rampa de desembarque. Não houve seleção. Todas foram encaminhadas para a esquerda.

No chão da antecâmara estavam centenas de notificações que diziam:

COMITÊ GOVERNAMENTAL SS DO REICH
PARA O RECRUTAMENTO E EMPREGO
DE TRABALHADORES ESCRAVOS

Aviso: A supracitada autoridade autoriza esposa e filhos do judeu X Y, do protetorado do III Reich, convocado para o Trabalho Obrigatório, a se reunir ao citado judeu e a morar com ele pela duração de seu emprego. Alojamentos adequados serão fornecidos. Roupas de inverno, roupa de cama e provisões para uma semana serão fornecidas pelos viajantes.

THERESIENSTADT, DATA

Assinatura

Como resultado dessa trama diabolicamente concebida, vinte mil mulheres e crianças, que desejavam apenas ir ao encontro de seus maridos e pais, seguiram-nos nas câmaras de gás e nos fornos dos crematórios.

XXXII

NA A MANHÃ DE 17 DE NOVEMBRO de 1944, um guarda SS veio ao meu quarto e me informou muito confidencialmente que ordens recebidas de altas autoridades especificavam que, dali por diante, era expressamente proibido matar qualquer prisioneiro do KZ. Após ter testemunhado tantas mentiras, achei impossível acreditar no que dizia e expressei minhas dúvidas sobre o assunto. Porém, me reafirmou vivamente que ele próprio havia recebido a notícia pelo rádio alguns instantes atrás. Logo veríamos se era verdade ou não. Pessoalmente, temi que fosse apenas outro truque.

Antes do meio-dia, porém, tive ocasião de verificar a veracidade de sua afirmação. Um trem de cinco vagões, trazendo quinhentos prisioneiros doentes e debilitados que pensavam estar sendo transferidos para um campo de repouso, parou entre os crematórios um e dois. Foram recebidos por SS políticos, que conversaram demoradamente com o comandante e os guardas SS que acompanhavam os comboios. Finalmente, diante dos portões da morte, o trem voltou e seus ocupantes foram enviados para os hospitais do Campo F.

Era a primeira vez, durante a minha estada nos crematórios, que um comboio enviado para o "campo de repouso" não era liquidado pelo gás ou pelo revólver do *Ober* uma hora após sua chegada à rampa. Pelo contrário, o que aconteceu é que receberam cuidados médicos e lhes foi permitido repousar nas camas do barracão-hospital.

Menos de meia hora depois, outro trem chegou, trazendo 500 judeus eslovacos: um grupo de gente idosa, mulheres e crianças. Assim que saíram dos vagões, observei-os atentamente para ver o que acontecia. A forma e a seleção constituíam os procedimentos normais

na rampa dos judeus. Mas o que eu estava testemunhando era totalmente fora do comum. Os viajantes, exaustos, desciam dos vagões carregando toda sua bagagem e seguiam em direção ao Campo D. Mães empurrando carrinhos de bebê e os mais jovens ajudando os velhos a caminhar. Minha reação imediata foi de entusiasmo. Não podia haver mais dúvida: os portões dos crematórios tinham permanecido fechados diante dos comboios enviados para a morte.

Para os prisioneiros do KZ, o acontecimento foi uma verdadeira dádiva, aumentando a esperança. Para os homens do *Sonderkommando*, no entanto, aquilo era um mau presságio, pois significava que o fim estava próximo. Eu estava certo de que seríamos liquidados mesmo antes do período de quatro meses.

Uma nova vida começou no KZ. Não havia mais mortes violentas, mas o passado sangrento tinha de ser apagado. Os crematórios tinham que ser demolidos, as valas cobertas de terra e quaisquer testemunhas ou participantes dos horrores ali perpetrados teriam que desaparecer. Totalmente conscientes do que nos aguardava, saudamos a mudança com uma mistura de alegria e resignação. Dos quatro milhões de almas enviadas dos quatro cantos da Europa por ordem de um *führer* demente — o piromaniaco do III Reich — para serem queimadas pelos carnicheiros de Maydanek, Treblinka, Auschwitz, Birkenau, uns poucos milhares saíram com vida.

Sentindo-me angustiado, tornei a visitar, por volta do meio-dia, o SS que me havia informado da boa nova pela manhã. Queria saber que decisões tinham sido tomadas no decorrer da manhã. Existia alguma coisa já deliberada sobre o *Sonderkommando*? Em caso afirmativo, o quê? Felizmente estava sozinho e pude falar com ele livremente.

— O *Sonderkommando*? Ah, sim! — respondeu afável. — Em poucos dias vocês serão enviados para uma fábrica de guerra subterrânea, não muito longe de Breslau.

Não acreditei em nenhuma palavra do que disse. Pela primeira vez, porém, senti que suas mentiras não tinham a intenção de me impingir um falso senso de segurança. Ele simplesmente queria me

poupar das más notícias, pois não fazia muito tempo eu o tinha curado de uma moléstia grave.

XXXIII

O RELÓGIO MARCAVA duas horas da tarde. Tinha acabado de almoçar e estava sentado diante da janela do meu quarto, olhando o céu e as nuvens que traziam a promessa de neve muito em breve, quando um grito estridente na sala de incineração veio quebrar o silêncio:

— *Alie antreten, alie antreten!*

Essa era uma ordem que estávamos acostumados a ouvir duas vezes por dia, uma de manhã e a outra à tarde, a chamada.

Vindo a essa hora, no entanto, ela na certa não significava nada de bom.

— *Antreten, alie antreten!* — a ordem foi repetida, desta vez mais persistente e impaciente que antes.

Passos pesados ressoaram junto à minha porta. Um SS abriu-a com estrondo e gritou:

— *Antreten, antreten!*

Com o coração apertado, fomos para o pátio do crematório, onde um grupo de SS bem armado cercou os homens que chegaram. Não houve surpresa nem protestos de ninguém. Os SS, com as metralhadoras apontadas, esperaram pacientemente que os últimos retardatários chegassem e se reunissem ao grupo. Olhei em volta pela última vez. Os pinheiros imóveis que formavam um túnel no fundo do pátio estavam agora cobertos de neve. Tudo estava quieto e em paz.

Em poucos minutos veio a ordem:

— Para a esquerda.

Sáimos do pátio, e ao invés de seguirmos a estrada, os guardas nos mandaram ir na direção do crematório no. 2. Cruzamos o pátio, sabendo que esta seria nossa última caminhada. Eles nos meteram

dentro da sala de incineração, mas nenhum dos guardas permaneceu ali conosco. Espalharam-se, em círculo, em volta do crematório, principalmente nas proximidades das janelas e portas, suas armas engatilhadas, prontas para atirar. As portas estavam trancadas e as janelas fechadas com pesados suportes de ferro, impedindo, assim, qualquer possibilidade de fuga. Nossos companheiros do nº 2 também estavam presentes, e alguns minutos mais tarde abriram a porta e entrou o *kommando* do nº 4. Ao todo eram 460 homens esperando a morte. A única coisa que não sabíamos com certeza era o método que seria usado para nos exterminar. Éramos especialistas no assunto, tendo visto todos os métodos em operação. Seria na câmara de gás? Dificilmente, não com o *Sonderkommando*. Metralhadoras? Não muito conveniente numa sala como esta. Era mais provável que quisessem matar dois coelhos com uma só cajadada, ou seja. dinamitar o crematório conosco dentro. Um plano digno da SS. Ou talvez fossem jogar uma bomba de fósforo aqui dentro através das janelas. Esse também seria um meio eficiente e que já havia sido testado com sucesso nos deportados do gueto de Milo. O que foi feito na ocasião foi colocar os deportados nos vagões caindo aos pedaços e depois jogar uma bomba lá dentro.

Os homens do *Sonderkommando* estavam no chão da sala das fornalhas, esperando pacientemente e em silêncio pelo próximo movimento.

De repente o silêncio foi quebrado. Um homem do *kommando*, magrinho e pálido, de seus trinta anos, cujos olhos estavam escondidos atrás de um par de lentes grossas, ficou em pé de um salto e começou a falar numa voz suficientemente alta para que todos ouvissem. Era o *Dayen* rabino de uma sinagoga de uma pequena cidade da Polônia. Um autodidata, cujos conhecimentos eram grandes não só no campo espiritual como no temporal, ele era o membro ascético do *Sonderkommando*. De conformidade com os ditames de sua religião, aceitava apenas pão, margarina e cebolas da despensa bem provida do *kommando*. Tinha sido encarregado da cremação, mas devido ao seu

fanatismo religioso, eu próprio fui interceder junto ao *Ober* em seu favor para ver se o dispensava daquele tenebroso trabalho. O argumento que usei foi simplesmente o de que aquele homem não iria servir muito no trabalho pesado do crematório, pois era fraco em consequência da dieta rigorosa a que se submetia.

— Além disso — argumentei — ele somente iria atrasar o trabalho, parando cada corpo para murmurar orações pela sua salvação. E teria freqüentemente milhares de almas por dia para encomendar.

Tais foram meus argumentos e bastaram. Por estranho que pareça, o *Ober* designou-o para a queima da pilha de refugo que se acumulava infinitamente no pátio do no. 2. O refugo, chamado de "Canadá" pelos SS, era composto de objetos que haviam pertencido aos deportados, objetos de tão pouco valor material que nem eram considerados dignos de ser guardados: passaportes, certidões de casamento, condecorações militares, livros de orações, objetos religiosos e Bíblias que os deportados traziam consigo para o cativeiro.

A pequena montanha chamada Canadá consumia diariamente centenas de milhares de fotografias — retratos de casamento de jovens casais, grupos de velhos amigos, crianças encantadoras e moças bonitas — junto com os incontáveis livros de oração nos quais em muitos encontrei anotações de datas de acontecimentos importantes — casamentos, mortes, nascimentos — nas vidas de várias famílias. Algumas vezes havia flores dos túmulos de entes queridos, vindas de todos os cemitérios da Europa, amassadas entre as páginas e cuidadosamente conservadas. Rosários e toda sorte de miudezas amontoavam-se no Canadá.

Esse era o lugar onde *Dayen* trabalhava, ou melhor, não trabalhava, pois tudo que fazia resumia-se em observar a pilha queimar. Mesmo assim, sentia-se infeliz porque suas crenças religiosas proibiam-no de queimar livros de oração ou objetos sacros. Eu sentia pena dele, mas não podia fazer nada para ajudá-lo. Era impossível conseguir-lhe um trabalho mais fácil; afinal de contas, todos nós

éramos apenas membros do *kommando* dos mortos-vivos.

Esse foi o homem que começou a falar:

— Camaradas judeus... Uma Vontade inescrutável enviou nosso povo para a morte; o destino nos reservou a mais ingrata das tarefas, aquela de participar de nossa própria destruição, de testemunhar nosso próprio desaparecimento até as cinzas às quais seremos reduzidos. Em nenhum momento os céus se abriram para enviar a chuva que apagaria as chamas das piras funerárias. Nós devemos aceitar, resignadamente, como Filhos de Israel que somos, o caminho que as coisas devem seguir. Deus assim ordenou. Por quê? Não cabe a nós, miseráveis mortais, responder a essa pergunta. Esse é o destino que caiu sobre nossas cabeças. Não temam a morte. Do que valeria a vida, mesmo se por algum estranho milagre conseguíssemos sair daqui? Voltaríamos às nossas cidades para encontrar o frio já as nossas casas saqueadas. Em cada quarto, em cada canto, a memória daqueles que desapareceram estaria presente espreitando nossos olhos cheios de lágrimas. Sem parentes, sem família, perambularíamos como incansáveis sombras de nossas antigas figuras, de nossos passados, sem encontrar paz ou descanso.

Seus olhos faiscavam, sua face estava transfigurada. Talvez enquanto falava já estivesse em contato com o além. Um silêncio sepulcral encheu a sala, interrompido apenas pelo ruído de riscar de fósforos para acender cigarros. Aqui e ali um suspiro pesado expressava o último adeus de alguns de nós ao mundo dos vivos.

As portas maciças abriram-se de repente. O *Oberschaar-führer* Steinberg entrou, acompanhado de dois guardas armados de metralhadora.

— *Ärtze heraus*. Todos os médicos para fora! — gritou, com impaciência.

Meus dois colegas, o assistente de laboratório e eu levantamos e saímos da sala. Steinberg e os dois SS pararam no meio do caminho entre os dois crematórios. O *Ober* deu-me umas folhas de papel nas quais havia várias colunas de números. Ordenou-me que

procurasse meu número e os de meus colegas, e passasse um traço em volta. O papel continha os números de todos os homens do *Sonderkommando*. Peguei minha caneta e, depois de procurar um pouco, achei os números e cerquei-os. Isso feito, ele nos levou até o portão no. 1 e ordenou que fôssemos para o quarto e dali não saíssemos sob hipótese alguma. Fizemos como ele ordenou.

Na manhã seguinte, um comboio de cinco caminhões chegou ao pátio do crematório e despejou sua carga de cadáveres — os do décimo-terceiro *Sonderkommando*. Um novo grupo de trinta homens carregou-os para a sala de incineração, onde os corpos ficaram espalhados em frente aos fornos. Estavam cobertos de queimaduras terríveis. Rostos e roupas estavam tão carbonizados que era impossível qualquer reconhecimento, especialmente devido ao desaparecimento dos números tatuados.

Depois da morte na câmara de gás, com injeções de clorofórmio, com uma bala na nuca, com bombas de fósforo, agora eu conhecia a sexta modalidade de matar.

De noite, nossos companheiros tinham sido levados para uma floresta perto do campo e assassinados com lança-chamas. O fato de nós quatro estarmos vivos não significava de modo algum que eles pretendiam poupar-nos, mas simplesmente que ainda lhes éramos indispensáveis. Ao nos permitir continuar vivendo, o Dr. Mengele tinha somente nos concedido outro adiamento. Mais uma vez esse pensamento não nos trouxe nem conforto nem alegria.

XXXIV

O *Sonderkommando* — o décimo-terceiro na história dos crematórios — foi assim aniquilado. Agora nossos dias transcorriam em silêncio e monotonia. Desarvorados, perambulava-nos pelos corredores frios, pelos muros proibidos. O som dos meus passos no silêncio era profundamente doloroso aos meus ouvidos. Não tínhamos ordem alguma, nada para fazer. À noite deitávamos na cama, incapazes de dormir. Só nós quatro ficamos no edifício. Os trinta homens que trabalhavam no crematório não eram *Sonderkommandos*, e sim prisioneiros comuns do KZ que aqui vinham todos os dias para cremar os corpos daqueles que morriam no hospital.

Mudos, introspectivos, prostrados pela dor, aguardávamos o nosso fim. Era um mau sinal o fato de Mussfeld, como se se tivesse tornado uma pessoa diferente, deliberadamente evitar de nos encontrar. Talvez sentisse que o espetáculo havia chegado ao fim: a tragédia sangrenta terminara e logo chegaria a vez do destino que acompanha os portadores de segredos proibidos se abater também sobre ele. Durante dias a fio, permaneceu trancado em seu quarto, bebendo com uma sede aparentemente insaciável para esquecer o passado e o obscuro futuro.

Um dia o Dr. Mengele chegou inesperadamente e veio à nossa procura no quarto, pois devia saber que não estávamos na sala de dissecação, agora que os negócios andavam parados. Anunciou que, de acordo com ordens recebidas de cima, Auschwitz devia ser totalmente destruído. Não, no momento não se referia aos prisioneiros e sim à própria instituição. Dois crematórios seriam demolidos, o terceiro serviria temporariamente para cremar os mortos dos hospitais. A sala de dissecação, e nos com ela seria transferida para o número quatro, que continuaria em operação. Os números um e dois seriam destruídos imediatamente. O número três já estava destruído desde a revolta de outubro.

Foi um momento histórico e de felicidade quando, na manhã

seguinte, um *kommando* chegou ao pátio, dividiu-se em dois grupos e começou a demolição dos prédios. Ao ver as paredes de tijolos vermelhos caírem uma após a outra tive a sensação de estar presenciando a própria demolição do III Reich. Os judeus as tinham erguido, os judeus as estavam derrubando. Nunca eu tinha visto prisioneiros do KZ trabalharem com tanta tenacidade como a que vi nos rostos daqueles homens, cujas expressões refletiam as esperanças de uma vida melhor.

Na sala de dissecação tudo que fosse removível estava sendo empacotado. Quanto à mesa de dissecação, somente as lajes de mármore foram desmanteladas e substituídas por suportes de concreto. A mudança terminou em poucas horas e passamos a noite no no. 4. Depois de arrumar a mesa — colocar os pedestais e os coletores em posição - a sala de dissecação estava novamente pronta para funcionar.

Por dez dias nada aconteceu. Nossa vida indolente continuou. Cada vez mais nossos guardas SS buscavam refugio na bebida. Era muito raro eles ficarem sóbrios mais que alguns minutos por dia.

Uma noite, enquanto jantávamos, Mussfeld entrou cambaleando, debruçou-se sobre a mesa e disse: - *Guten abend _ Gutert abend Jungs... Ihr werdet bald alie kepieren, nachne aber kommen wir* (Boa noite, crianças, logo vocês irão morrer mas depois nossa vez chegará..) Por essas palavras saídas dos lábios de um bêbado, fiquei conhecendo a verdade que já suspeitava. Nossos guardas iriam sumir conosco.

Ofereci uma xícara de chá com rum ao *Ober* que a esvaziou tão rápido quanto eu a enchi, com uma satisfação infantil. Sentou-se em nossa mesa e, como se quisesse descontar seu silêncio passado, começou a falar. Contou-nos como sua mulher havia morrido durante um *raid* aéreo e que seu filho estava na frente russa.

— Está tudo acabado — disse. — Os russos estão a menos de 40 quilômetros de Auschwitz. A Alemanha inteira está em êxodo pelas estradas. Todos estão abandonando as áreas fronteiriças para buscar refúgio a oeste.

Suas palavras nos fizeram um bem enorme. E vendo o desespero do *Ober*, um raio de esperança começou a brilhar dentro de mim. Talvez, apesar de tudo, conseguíssemos sair vivos daqui.

XXXV

CONDENADOS ÀQUELA região situada entre a esperança e o desespero, chegamos a 1º. de janeiro de 1945. A neve cobria a paisagem até onde a vista podia alcançar. Saí do crematório para dar um pequeno passeio pelo pátio.

De repente, o barulho de um potente motor alcançou meus ouvidos e um minuto mais tarde um enorme caminhão marrom apareceu. Usado para transportar prisioneiros, esse caminhão era chamado de "Brown Toni" (Toni Marrom) pelos deportados, porque era pintado todo de marrom-escuro. Um oficial grandalhão saltou de dentro dele. Não podia deixar de reconhecer o Dr. Klein, major SS, um dos mais sanguinários carrascos do KZ. Fiquei em posição de sentido e saudei-o como de costume. Ele havia trazido uns 100 prisioneiros do barracão no. 10, isto é, da prisão.

— Aqui está algum trabalho para começar o Ano Novo — disse ele, dirigindo-se ao *Ober* que se apressara a vir saudá-lo.

O *Ober* estava tão bêbado que mal se agüentava de pé. Aparentemente tinha celebrado demais o Ano Novo. Quem sabe, se não estava tentando fugir do fim iminente que o aguardava? De qualquer forma, era evidente que não ficou nada satisfeito ao saber que tinha de sujar as mãos de sangue logo no primeiro dia do ano. Cem prisioneiros poloneses, cristãos, trazidos para cá para serem assassinados. Guardas SS os levaram para a sala das fornalhas e ordenaram que se despissem imediatamente.

O Dr. Klein e o *Ober*, enquanto isso, davam um passeio pelo pátio.

Corri até a sala onde estavam os prisioneiros e comecei a perguntar-lhes sobre os motivos de suas prisões. Um deles disse-me

que havia dado abrigo a um parente em Krakau. A Gestapo acusou-o de ajudar a Resistência e levou-o a julgamento pela Corte Marcial. Enquanto aguardava a sentença, foi enviado para o barracão n» 10. Embora ainda não soubesse, a Corte já o havia condenado à morte. Por isso ele estava ali. Sua impressão, no entanto, era de que tinha sido trazido para tomar um banho de chuveiro antes de ser enviado para os trabalhos forçados.

Um outro foi preso por haver estimulado a inflação. Uma falta grave, sem dúvida. Mas o que exatamente ele fez? Simplesmente comprou um pouco de manteiga no mercado negro. Um terceiro foi preso por estar perambulando pela zona proibida. Acusaram-no de ser espião da Resistência. E a história se repetia a todas as minhas perguntas: pequenos deslizes transformados em crimes sem perdão.

Agora que não havia mais *Sonderkommando*, os guardas SS conduziram os prisioneiros para diante do revólver do *Ober*.

Novamente o barulho do *Brow Toni*. Cem novas vítimas chegavam, todas mulheres bem vestidas. Foram enviadas para a mesma sala onde, minutos antes, os homens tinham se despido. Então, uma a uma as mulheres foram levadas para o revólver do *Ober*. Elas também eram polonesas e cristãs; elas também pagaram com a vida por infrações insignificantes.

Assim que se certificou que o trabalho havia sido executado, o Dr. Klein deixou o crematório. Não havia nada de contraditório entre a ordem de 17 de novembro proibindo a prática da morte violenta e o extermínio de hoje. Ao contrário, tudo que os SS fizeram foi cumprir as sentenças ditadas por um tribunal.

XXXVI

MEUS DIAS TRANSCORRIAM calmamente sem interrupção. Ouvi rumores de que o Dr. Mengele havia abandonado Auschwitz. O KZ tinha um novo médico e, o que era mais importante, de agora em diante o local não seria mais chamado de KZ, mas sim de *Arbeitslager* isto é, Campo de Trabalho. Tudo estava desmoronando e caindo aos pedaços.

No dia 1 de janeiro chegou-me às mãos, casualmente, um jornal que noticiava o começo da ofensiva russa. O barulho da artilharia estremecia as janelas; a linha de fogo ia ficando cada vez mais próxima. A 17 de janeiro, fui mais cedo para a cama, embora não estivesse cansado. Queria ficar sozinho com meus pensamentos. Aquecido pelo calor agradável do fogão de lenha, eu logo adormeci.

Devia ser meia-noite quando fui acordado por uma série de violentos estrondos, rajadas de metralhadoras e clarões estonteantes. Ouvi o barulho de portas batendo e de correrias nas corredores. As luzes da sala de incineração estavam acesas e as portas dos alojamentos SS escancaradas, testemunhando a rapidez de sua partida.

Os pesados portões do crematório também estavam abertos. Nenhum guarda à vista. Olhei rapidamente para as torres de vigia. Pela primeira vez em meses estavam vazias. Corri de volta para avisar meus companheiros. Vestimo-nos apressadamente e nos preparamos para a grande jornada. Os SS haviam fugido. Não ficaríamos aqui nem mais um minuto, aqui onde durante oito meses a morte rondara nossas cabeças a cada minuto, a cada hora. Não devíamos esperar pelos russos, uma vez que os SS da retaguarda poderiam nos encontrar e não hesitariam em matar-nos. Felizmente, tínhamos excelentes roupas — suéteres, capas, sapatos — que eram de grande valia, pois a temperatura lá fora descia a pelo menos 10 abaixo de zero. Cada um

levou algumas latas de comida e enchemos os bolsos de cigarros e remédios.

Partimos sentindo a sensação febricitante da liberdade. Direção: o KZ de Birkenau a dois quilômetros dos crematórios. Labaredas dançavam no horizonte, à altura de Birkenau. Provavelmente o KZ estava em chamas.

Cruzando a sala de incineração, passamos em frente à sala onde era guardado todo o ouro do KZ. Caixas contendo fortunas incalculáveis ainda permaneciam lá, mas nem mesmo pensamos em parar para pegar alguma coisa. De que servia o dinheiro quando a própria vida estava em jogo? Nós aprendemos que tudo é efêmero e que nenhum valor é absoluto. A única exceção à regra: a liberdade.

Saímos pelo portão principal. Ninguém nos deteve. A mudança abrupta parecia inacreditável. Nosso caminho nos conduzia através da pequena floresta de Birkenau, cujas árvores estavam cobertas por uma grossa camada de neve. O mesmo caminho que conduzira milhões para a morte... Passamos ao lado da rampa dos judeus, enterrada sob a neve. Daqui eles desciam dos vagões para a seleção... A imagem das duas colunas, a da esquerda e a da direita, separadas para sempre, veio imediatamente aos meus olhos. Mas para todos eles, a questão tinha sido simplesmente de ordem cronológica: agora estavam todos mortos.

Sim, o KZ de Birkenau estava em chamas. Alguns dos aposentos dos SS, onde eram guardados os registros e documentos, estavam pegando fogo. Uma multidão de talvez umas três mil pessoas foi reunida em frente ao campo e esperava pela ordem de iniciar a marcha. Sem pensar duas vezes, juntei-me a eles. Ninguém me conhecia. Aqui eu não era mais o portador de segredos mortais, não era mais um membro do *Sonderkommando* e, conseqüentemente, não tinha obrigatoriamente que morrer. Aqui eu era apenas outro prisioneiro perdido na multidão. Parecia-me ser esta a melhor solução. Meus colegas concordaram com minha decisão. Todos estavam fugindo de Birkenau, mas eu achava muito improvável que conseguissem nos levar muito longe. Em um dia ou dois, os russos nos alcançariam. Antes, porém, que isso acontecesse

os SS iriam desertar. Enquanto isso, o melhor que tínhamos a fazer era caminhar com os outros entre as duas linhas de fogo.

Era uma hora da manhã. O último SS tinha abandonado o campo. Ele fechou os portões de ferro e cortou a luz. Birkenau, o enorme cemitério do judaísmo europeu, mergulhou nas trevas. Meus olhos percorreram por um longo momento as linhas de arame farpado do campo e as silhuetas dos barracões. Adeus cemitério de milhões, cemitério sem um único túmulo!

Iniciamos a marcha ladeados por uma companhia de SS. Discutimos com nossos amigos recentes tudo que estava acontecendo, e o que poderia acontecer agora, tentando desvendar o que o futuro nos traria. Conseguiriam os SS nos levar para nova prisão? Ou, como esperávamos, desertariam no meio do caminho?

Tínhamos caminhado aproximadamente cinco quilômetros quando nosso flanco esquerdo tornou-se alvo de um fogo mortal. A guarda avançada russa nos vira e, tomando-nos por uma coluna militar, abriu fogo. Estavam usando submetralhadoras e o apoio de um tanque leve. Os SS responderam ao fogo, e gritaram para que nos jogássemos ao chão. Rastejamos até umas valas no outro lado da estrada. A fuzilaria estava pesada de ambos os lados. Então, num instante, tudo se aquietou novamente e continuamos nossa jornada através da terra estéril e coberta de neve da Silésia.

Pouco a pouco o sol começou a aparecer. Calculei que tínhamos percorrido uns 15 quilômetros durante a noite. Mas ainda marchávamos sobre a neve mole. Por todo o caminho notei vasilhas, lençóis, sapatos de madeira, abandonados pelas mulheres que nos haviam precedido.

Alguns quilômetros adiante, deparamos com uma visão muito mais consternadora: de dez em dez metros, um corpo ensangüentado jazia na vala ao lado da estrada. Durante quilômetros e quilômetros a cena se repetia: um rastro de cadáveres. Exaustos, ficaram incapazes de dar sequer um passo a mais; quando se afastavam das fileiras, os SS os despachavam com uma bala na cabeça.

Assim, eu infelizmente não deixara os crimes e a violência para trás. Ao que parecia os SS tinham ordens de não deixar ninguém para trás com vida. Um pensamento desencorajador.

A visão daqueles corpos impressionou profundamente a todos nós, e apressamos o passo. Caminhar significava viver.

Agora os primeiros tiros começaram a se ouvir no nosso comboio também. Os corpos de dois companheiros de sofrimento caíram nas valas. Impotentes para dar sequer um passo, eles haviam se sentado: uma bala na nuca. Não se passavam dez minutos sem que se repetisse a cena.

Por volta de meio-dia, alcançamos Plesow, onde fizemos nossa primeira parada. Passamos uma hora num estádio de futebol. Todos que tinham algo para comer, comeram um pouco. Fumamos um cigarro e então retomamos a marcha através da estrada nevada, sentindo-nos bastante revigorados. Uma semana se passou, duas semanas se passaram, mas ainda caminhávamos. Durante vinte dias andamos até que, finalmente, alcançamos uma estação ferroviária. Ao todo, havíamos coberto mais de duzentos quilômetros, não tendo praticamente nada para comer nessas três semanas. À noite, dormíamos ao relento, sob o frio cortante. Quando chegamos a Ratibor, somente dois mil de nós foram contados. Aproximadamente mil tinham sido fuzilados ao longo do caminho. Por isso todos nos sentimos muito aliviados ao ver os vagões à nossa espera.

Subimos para os vagões e depois de uma noite inteira de espera começamos a rodar. A viagem durou cinco dias. Não contei o número de companheiros que morreram congelados. O que sei é que somente mil e quinhentos chegaram ao destino — o KZ Mauthausen. Alguns dos quinhentos que faltavam não estavam mortos, pois houve alguns que, tirando partido da situação escaparam do comboio.

XXXVII

O KZ DE MAUTHAUSEN ficava no topo de uma colina, dominando a cidade do mesmo nome. Esse campo de extermínio, que parecia uma cidade fortificada, foi feito com blocos de granito. Com seus bastiões, suas torres e vigias, parecia mais um castelo medieval.

Aquela teria sido uma imagem rara e maravilhosa se as pedras estivessem cobertas com líquens centenários ou acinzentadas pelo embate constante do vento, da chuva e da neve através dos anos. Mas não, sua fachada era de um branco ofuscante que destoava da paisagem em redor, composta de florestas escuras. Pois o "castelo" tinha sido construído há pouco tempo, e suas paredes ainda não estavam marcadas com a austera beleza das antigas construções. O III Reich mandara construí-lo para servir de KZ. Quarenta mil republicanos espanhóis, refugiados na França, para aqui haviam sido trazidos depois da ocupação, assim como centenas de milhares de judeus alemães. Foram eles que trabalharam nas pedreiras de Mauthausen, cortando os blocos de granito. Foram eles que carregaram as pedras, depois de cortadas, pelos sete quilômetros montanha acima, onde antes somente carneiros selvagens pastavam. E foram eles que construíram as poderosas paredes que circundavam sua casa de penitência composta de barracões de madeira. Eles terminaram o castelo ao preço de um sofrimento inacreditável. Sob o peso dessa grande massa de pedra e concreto, todos acabaram perecendo, como os escravos do Antigo Egito.

O campo, porém, não permaneceu desocupado por muito tempo. Milhares dos que lutaram na Resistência Iugoslava assim como os membros de todos os movimentos de Resistência da Europa —7 e naturalmente a raça condenada, os judeus, — foram confinados aqui,

abarrotoando os barracões da imensa fortaleza. Aqui viveram durante o breve período que precedeu a sua morte.

Agora, outro comboio, dizimado pela longa viagem e pelo frio insuportável, vagorosamente subia o árduo caminho coberto de neve, montanha acima. Estávamos já sem forças, mas finalmente transpusemos os portões do KZ e formamos sob a tênue luz do poente no "Appelplatz".

Olhei em volta à procura de meus companheiros. Fisher, o assistente de laboratório, não estava presente. Não o tinha mais visto desde Plesow. Lá, ainda o vira deitado na neve, completamente exausto. Pela sua contraída expressão facial, suspeitei que seu fim estava próximo. Ele tinha cinqüenta e cinco anos e passara cinco no KZ, assim, não era de admirar que seu organismo não suportasse a longa caminhada e o frio. O Dr. Korner estava em bom estado, mas por outro lado, o Dr. Gorog parecia-me em estado crítico. Seus problemas mentais haviam-se agravado, e mesmo nos dias de crematório, manter sua condição em segredo tinha sido fonte constante de preocupação para mim. Fiz o que pude para evitar que seu estado chegasse ao conhecimento do Dr. Mengele. Mussfeld também chegou perto. Se qualquer um dos dois percebesse o que se passava com ele, sua vida não valeria um centavo.

Antes de sairmos do crematório, ele me informara de seus últimos desejos.

— Nicholas, — falou — você é um homem forte e um dia vai conseguir sair daqui com vida. Quanto a mim, sei que estou acabado. — Tentei protestar, mas ele não prestou atenção a minhas palavras de encorajamento, e prosseguiu: — Tenho provas de que minha mulher e minha filha morreram na câmara de gás. Mas meu filho de doze anos ficou bem guardado com os monges do mosteiro de Koszeg. Se um dia você voltar para casa, procure-o e cuide dele como se fosse seu. Estou dizendo isso de posse completa de todas as minhas faculdades mentais, com a consciência de que não viverei muito.

Prometi fazer tudo que me pediu no caso de escapar e ele não.

Agora, felizmente, ele havia deixado o local da morte certa para trás. Morrer agora, tão perto do fim do caminho, no momento em que a esperança de liberdade enchia nossos corações, seria realmente trágico demais.

Depois da tradicional chamada, fomos enviados através de um caminho tortuoso para os banhos. Lá encontramos grupos de recém-chegados de outros campos: devia haver aproximadamente uns dez mil amontoados naquele pequeno espaço. Um vento forte assoviava entre os muros do castelo. A montanha na qual o campo estava encravado assinalava o começo dos Alpes e os invernos aqui eram extremamente rigorosos. Soubemos que seríamos levados para os banhos em grupos de quarenta. De qualquer modo, calculei que levaria no mínimo três dias para todos tomarem banho.

Os guardas que serviam aqui tinham sido recrutados entre os criminosos alemães, homens que cumpriam pena por assassinato, assaltos e coisas do gênero. Nem era preciso dizer que eram servidores fiéis dos SS. Agora, seu trabalho consistia em agrupar os deportados para o banho. Os prisioneiros arianos eram os primeiros. Na verdade, aqui havia tantos arianos que cheguei a pensar que os judeus não se banhariam antes do terceiro dia. Esperar tanto tempo tornou-se caso de vida ou morte, pois um prisioneiro não podia entrar nos barracões ou ser inscrito na lista dos que receberiam rações sem primeiro passar pelo banho. Para uma pessoa que já estava exausta, uma espera de dois dias sem comida significaria praticamente morte certa, pois ou suas pernas fraquejariam ou seus olhos se fechariam de sono e ele afundaria na neve fofa para nunca mais se levantar. Dezenas de prisioneiros já estavam estirados na neve à minha volta. Ninguém lhes prestava a mínima atenção pois cada um estava fazendo o possível e o impossível para continuar vivo. Esta era a nossa última arrancada em direção à meta final — a Vida.

Refletindo sobre a minha situação, decidi que não podia passar a noite ao relento sem colocar em jogo minhas já precárias chances de sobrevivência. Tinha que ir aos banhos naquele dia. Pobre Dênis,

vagava sem rumo, sem o chapéu, sem os óculos, como um sonâmbulo. Seu olhar estava parado e murmurava palavras ininteligíveis à medida que cambaleava sobre a neve. Peguei-o pelo braço e arrastei-o comigo, na esperança de que, de alguma maneira, conseguíssemos chegar aos banhos. Mas antes que tivéssemos avançado alguns passos, nós no perdemos um do outro na incrível massa de deportados.

Chamei-o pelo nome, gritando com todas as forças dos pulmões, sem resultado. O vento estava tão forte que eu mal ouvia minha própria voz. Pressentindo o perigo, abri caminho no meio da multidão e aproximei-me dos degraus que conduziam aos banheiros. Finalmente, consegui atingir a fileira da frente. Vários SS, armados de cassetetes de borracha, estavam guardando a entrada. Um grupo de quarenta pessoas aguardava para entrar. Eram todos arianos.

Novamente tomei uma decisão instantânea. Saindo do meio da massa humana, aproximei-me de um *Oberschaarfuhrer* e dirigi-me a ele no tom de voz mais firme que consegui arranjar:

— *Her Oberschaarfuhrer*, sou o médico do comboio de Auschwitz. Deixe-me entrar.

Olhou-me de cima a baixo. Minhas roupas respeitáveis, talvez minha maneira determinada de falar ou mais ainda meu perfeito domínio do alemão pareceram causar uma forte impressão nele. Virou-se para seus colegas postados mais próximos à entrada, e falou:

— Deixem entrar o doutor.

Desci sozinho, precedendo o primeiro grupo de quarenta que esperava no alto da escada para entrar. Salvo! E como fora fácil! Às vezes vale muito mais a pena decidir as coisas em meio ao turbilhão dos acontecimentos.

O ar quente dos banhos logo veio trazer novas forças para as minhas pernas quase congeladas. Após dias e dias de frio intenso, enfim um lugar quente! O banho em si me fez um tremendo bem. Nossas roupas foram consideradas contaminadas e, por isso, tivemos de abandoná-las. Senti muito ter de largar meu casaco, minha camisa e a suéter de lã mas, pelo menos, fiquei feliz em constatar que podia ficar

com os sapatos. Um bom par de sapatos poderia facilmente ser a diferença entre a vida e a morte no KZ.

Calcei novamente os sapatos e juntei-me ao grupo que havia acabado de tomar banho. Ainda despido, voltamos pelo caminho que nos conduziu aos chuveiros e esperamos durante meia hora até que houvesse gente suficiente para encher todo um barracão. Depois de um banho quente, permanecer sob aquele vento gelado, com a temperatura beirando o zero, era flertar com a morte.

Logo em seguida, outro grupo de quarenta juntou-se a nós e então pudemos partir para o barracão. Os guardas SS obrigaram-nos a marchar acelerado, mas apenas trinta metros depois chegamos ao barracão trinta e três do campo de quarentena.

Um prisioneiro, usando o distintivo verde dos criminosos comuns, estava colocado em frente à porta de entrada: era o chefe do nosso barracão. Entregou a cada um pequeno pedaço de pão; um pouco adiante, outro funcionário passou um punhado de margarina feita de gordura de carne sobre o nosso naco de pão. Recebemos também um golinho de café quente.

Após dez dias de privações, aquilo parecia um banquete real. De posse da comida, procurei um lugar para ficar e finalmente me ajeitei num canto onde achei que minhas chances de ser pisoteado seriam menores. Deitei no chão, pois não havia camas no campo de quarentena. Apesar de tudo, dormi pesadamente até a alvorada.

Ao acordar, meus primeiros pensamentos foram para aqueles que provavelmente ainda estavam do lado de fora, congelando-se e aguardando pelos banhos.

Permanecemos no barracão durante três dias, sem ter nada que fazer. A comida não era tão má e, de certa forma, tínhamos condições de nos recuperar da penosa marcha de três semanas.

No terceiro dia de nossa estada, chegou um oficial SS acompanhado de um general. Visitaram o barracão e ordenaram a todos que tinham pertencido ao KZ de Auschwitz que dessem um passo à frente.

Meu sangue congelou-se nas veias. Os alemães eram uma gente metódica e, sem dúvida, tinham uma lista contendo o nome e o número daqueles que trabalharam em Auschwitz. Pareceu-me provável. E assim, pensando sobre isso, cheguei à conclusão de que se tratava simplesmente de um ardil para tentar destacar da massa aqueles capazes de revelar os sórdidos mistérios dos crematórios. Se realmente tivessem uma lista, tudo que precisavam fazer era conferir com os números tatuados. Ninguém me conhecia aqui. Esperei, o sangue latejando nas minhas orelhas; fez-se o silêncio total no barracão. Depois de alguns segundos, eles partiram. Eu havia vencido outra vez. Novamente a foice da morte passara sobre a minha cabeça sem me atingir.

Naquela noite, recebemos o uniforme listrado dos prisioneiros e fomos levados pelo caminho da montanha para a estação de Mauthausen. Lá, fomos empacotados nos inevitáveis vagões, sete mil almas ao todo, e enviados para o campo de concentração de Melk an der Donau. Desta vez, o trajeto era curto e, para variar, fomos imprensados como sardinha mas apesar disso havia espaço para sentar. Três horas depois de termos subido nos vagões, o trem parou e nós descemos.

O KZ de Melk, assim como o de Mauthausen, ficava no alto de uma colina, dominando a povoação do lugar. Originalmente fora um presídio comum, com o nome de Freiherr Von Birabo, e seus imensos alojamentos eram suficientes para acomodar quinze mil criminosos de uma só vez. A beleza da paisagem minimizou nossa dor e desconforto: o enorme mosteiro barroco, encravado na rocha, e o curso sinuoso do Danúbio formavam um quadro de inesquecível beleza. O Danúbio era o rio que associávamos com nossos lares, nossas pátrias. Ao vê-lo agora, uma sensação de proximidade se apoderou de todos nós.

XXXVIII

A PRIMAVERA DE 1945 chegou mais cedo. Estávamos no começo de abril e as árvores que flanqueavam as valas em frente as cercas de arame farpado já estavam totalmente verdes. Nos bancos do Danúbio, um tapete verde substituiu a neve da qual somente pequenas manchas sobraram para nos lembrar o rigoroso inverno que havíamos enfrentado.

Oito semanas se passaram desde que cheguei ao KZ e períodos bons e maus se alternaram, mas essa experiência solapou minhas forças, deixou-me cansado e fraco. Somente a esperança da libertação próxima impediu-me de cair num estado de letargia e indiferença.

Aqui tudo era desintegrador. A fase final do colapso do III Reich estava se desenrolando diante de nossos olhos. Exércitos derrotados passavam em colunas intermináveis em direção ao interior do país, já reduzido a ruínas carbonizadas. No Danúbio, cujas águas voltaram a fluir depois de derretido o gelo, centenas de barcos e barcaças desciam, transportando os habitantes das cidades que estavam sendo evacuadas. O sonho do Reich, de mil anos, estava desmoronando. A convicção de um povo nascido para comandar de que era a Raça Superior estava se desvanecendo amargamente. Os povos da Europa ávidos de liberdade, não mais viviam sob o medo de que sua cidade ou aldeia pudesse, por um simples capricho do conquistador, ser varrida do mapa. Não havia mais o perigo de ver suas casas saqueadas, de se verem a si próprios despojados de seus pertences, de sentir a ponta fina da agulha tatuar números em seus braços, de serem embarcados para os campos de trabalhos forçados e guardados por cães policiais e tropas SS.

Os piromaníacos do III Reich estavam agora interpretando a cena final no palco do mundo: eles, que haviam incendiado o mundo,

estavam sucumbindo sob suas próprias chamas. O homem vaidoso, cujas palavras *Deutschland Über Alles* tinham sido ouvidas nos mais distantes confins do planeta, estava agora tremendo em seu *bunker* subterrâneo. O orgulho incomensurável do III Reich tinha sido quebrado pela colaboração dos povos não ávidos de conquista, mas sim de liberdade.

A sete de abril de 1945, a cadeia de luzes que, do alto dos postes, iluminava o KZ, não foi acesa ao cair da noite. A escuridão e o silêncio envolveram todo o lugar. O campo foi abandonado e o portão fechado. Os sete mil prisioneiros tinham sido levados para o interior do país, primeiro em barcos, depois pelas estradas junto com os refugiados. Durante sete longos dias e noites, viajamos até que, finalmente, chegamos a nosso destino, o campo de concentração de Ebensee, o quarto KZ cujos portões eu atravessei.

Logo após a chegada, a inevitável e interminável chamada. Depois os banhos. E então, novamente, o campo de quarentena, com suas barracas imundas, seus guardas armados de cassetetes de borracha e o chão duro. Indiferentemente submeti-me a essas três fases costumeiras. Durante a chamada soprou um vento frio, caindo uma chuva torrencial que empapou minhas roupas. A amargura tomou conta de mim. Sabia que era somente questão de dias até que fôssemos libertados, porém, no momento, ainda estávamos vivendo num mundo de confusão e indecisão. E assim, quando o momento da decisão finalmente chegasse, seria talvez uma hora dolorosa para todos nós. O fim de nosso cativeiro poderia muito bem se transformar numa tragédia sangrenta: eles certamente nos matariam antes que a hora H chegasse.

Após doze meses de prisão, num tempo em que todas as leis deixaram de existir, um tal fim estaria, sem dúvida, coerente com os costumes do Terceiro Reich.

Mas esse não foi o caso. A 5 de maio, uma bandeira branca tremulou na torre de vigia de Ebensee. Estava tudo acabado. Eles haviam deposto as armas. O sol brilhava no alto quando, às nove horas, um tanque leve americano, dirigido por três soldados, chegou e tomou

posse do campo.

Nós estávamos livres.

EPÍLOGO

DOENTE DO CORAÇÃO e fisicamente enfermo, iniciei a longa viagem de volta a casa. Não foi nada agradável: para onde quer que olhasse, via lugares que antes eram cidades florescentes e que agora não passavam de ruínas fumegantes, e túmulos coletivos pontilhados de dezenas de cruzeiros brancos.

Temia a verdade, apavorava-me a idéia de retornar a um lar vazio, a uma casa despojada, a uma casa onde nem pai, nem esposa, nem filha, nem irmã estariam esperando para saudar-me com carinho e afeição. Perseguição e dor, os horrores do crematório e das piras funerárias, meus oito meses no *kommando* dos mortos-vivos, tudo isso havia embrutecido meu senso do bom e do mau.

Senti que precisava repousar, tentar recuperar as forças. Mas continuava a me perguntar, para quê? Por um lado, as enfermidades me corroíam o corpo, por outro meu passado sangrento me congelava o coração. Meus olhos tinham seguido um número incontável de almas inocentes em seu caminho para as câmaras de gás, testemunharam o espetáculo inacreditável das piras funerárias. E eu mesmo, executando as ordens de um médico demente, havia dissecado centenas de corpos para que uma ciência, baseada em falsas teorias, pudesse se beneficiar com as mortes daqueles milhões de vítimas. Eu havia retalhado a carne de jovens saudáveis e preparado alimento para as culturas bacteriológicas daquele louco. Havia mergulhado os corpos de anões e aleijados em cloreto de cálcio ou então colocara-os a cozinhar para que os esqueletos, cuidadosamente preparados, pudessem chegar aos museus do III Reich para justificar, para futuras gerações, a destruição de toda uma raça. E mesmo que tudo isso agora fizesse parte de um passado, eu ainda teria que conviver com esses fantasmas nos meus

pensamentos, nos meus sonhos. Jamais conseguiria apagar essas lembranças da minha memória.

Pelo menos duas vezes havia sentido as asas da morte roçarem em mim: uma vez prostrado no chão, em companhia de SS treinados na arte da execução sumária, prontos para executarem seu trabalho, escapei ileso. Três mil de meus companheiros, que também tinham conhecimento dos terríveis segredos do crematório, não tiveram a mesma sorte. Marchei por centenas de quilômetros através de campos de neve, lutando contra o frio, a fome e meu próprio cansaço, simplesmente para chegar a outro campo de concentração. A estrada que percorri, sem dúvida, foi bastante longa.

Agora, de volta a casa, nada. Vagava sem rumo pelos aposentos silenciosos. Livre, mas não do meu passado sangrento, não do luto profundo que enchia minha mente e ameaçava minha sanidade. E o futuro parecia da mesma forma tão obscuro. Perambulei como meu próprio fantasma, uma figura penada nas ruas uma vez tão familiares. As únicas vezes que algo conseguiu sacudir-me de meu estado de letargia e depressão, foi quando, por engano, pensei ter visto, por um breve segundo, algum conhecido ou membro de minha família.

Uma tarde, várias semanas após meu retorno, sentia muito frio e, por isso, sentei perto da lareira, esperando usufruir do pequeno conforto que o calor alegre das brasas emprestava ao aposento. Estava ficando tarde; a noite já caía. A campainha da porta arrancou-me de meus pensamentos. Antes que pudesse levantar-me, minha esposa e minha filha irromperam pela sala!

Estavam com boa saúde e tinham sido libertadas de Bergen--Belsen, um dos campos de extermínio mais famosos do III Reich. Mas aquilo foi tudo que conseguiram me dizer antes de cair num choro convulso. Durante horas e horas soluçaram incontrolavelmente. Eu me contentei simplesmente em tê-las nos braços, enquanto a torrente de sua dor fluía de suas mentes e de seus corações torturados. Pouco a pouco, sobrevieram os soluços, uma linguagem que me era muito familiar.

Tínhamos muito que fazer, muito para contar, muito para reconstruir. Sabia que levaria muito tempo e uma paciência infinita antes que pudéssemos retornar ao que se chama de vida normal. Mas tudo que importava era que estávamos vivos... e juntos novamente. A vida havia de repente readquirido significação. Eu voltaria a clinicar, sem dúvida... Mas jurei que, enquanto vivesse, jamais abriria um corpo.

•°~•. (F I M) .°~•



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>